



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PROLING

LUCAS POSSATTI DE OLIVEIRA

ACOMODAÇÃO DIALETAL DE CARIOCAS RESIDENTES EM JOÃO PESSOA:
UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA

JOÃO PESSOA
2020

LUCAS POSSATTI DE OLIVEIRA

**ACOMODAÇÃO DIALETAL DE CARIOCAS RESIDENTES EM JOÃO PESSOA:
UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Teoria e Análise Linguística e linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Dr. Rubens Marques de Lucena

JOÃO PESSOA

2020

P856a Possatti, Lucas.

Acomodação dialetal de cariocas residentes em João
Pessoa: uma análise sociolinguística / Lucas Possatti.

- João Pessoa, 2020.

123 f. : il.

Orientação: Rubens Marques de Lucena.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Acomodação linguística. 2. Atitudes linguísticas. 3.
Identidade. I. Lucena, Rubens Marques de. II. Título.

UFPB/BC

LUCAS POSSATTI DE OLIVEIRA

**ACOMODAÇÃO DIALETAL DE CARIOCAS RESIDENTES EM JOÃO PESSOA:
UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Teoria e Análise Linguística e linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Dissertação aprovada em 11 de Março de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (UFPB)
Orientador

Profa. Dra. Carolina Gomes da Silva (UFPB)
Membro avaliador

Prof. Dr. Felipe Santos dos Reis
Membro avaliador

JOÃO PESSOA
2020

A todas as pessoas que são especiais para mim.

AGRADECIMENTOS

À minha namorada, Yasmin Dhellys, pelo carinho e apoio dado em todos os momentos. Obrigado por me motivar e por me dar forças para superar qualquer barreira.

À minha família, por todas as vezes que me apoiaram quando precisei.

Ao meu orientador, Rubens Marques de Lucena, por todo o apoio e confiança ao longo de todo o percurso, que inclui não apenas o mestrado, mas também toda a graduação. Obrigado pelo excelente trabalho como orientador e pela incrível amizade.

Aos professores Juliene e Leônidas, pelas indispensáveis contribuições feitas a esse trabalho e por toda a amizade e carinho.

À minha amiga Anilda, pelo apoio dado no processo seletivo e pelo carinho e amizade que precede isso.

A todos meus queridos amigos do grupo de pesquisa Contato Linguístico, pela amizade e pela contribuição dada para a construção deste trabalho.

Aos meus amigos Pedro, Ingrid, e André, que me possibilitaram aprender tantas coisas novas, pelas excelentes amizades.

Aos membros da banca examinadora, por participarem da apresentação de qualificação e oferecem valiosas contribuições ao trabalho, que tornaram por deixá-lo muito mais rico.

A todos os participantes dessa pesquisa, que possibilitaram a coleta de dados e consequentemente, a concretização desta dissertação de mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB (PROLING), pelas disciplinas ofertadas e aos excelentes professores que as ministraram; à CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

Às diversas amigas que eu já possuía e às novas amigas feitas ao decorrer do mestrado.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram direta e indiretamente para a construção deste trabalho.

“The fool doth think he is wise, but the wise man knows himself to be a fool.”

— William Shakespeare, *As You Like It*

RESUMO

Este trabalho envolvendo acomodação dialetal se encaixa nos pressupostos teóricos da Teoria da Acomodação da Comunicação (GILES et al., 1991) e nos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1966, 2008 [1972]) e tem como objetivo geral observar e analisar a acomodação dialetal de cariocas residentes na cidade de João Pessoa, a partir da investigação do fenômeno da palatalização ou não palatalização da fricativa coronal /s/ em posição de coda final. O principal fenômeno variável em estudo é a pronúncia dessa fricativa, que pode ser: no dialeto pessoense, uma pronúncia alveolar ([s], [z]); no dialeto carioca, uma pronúncia palatal ([ʃ], [ʒ]). Dessa maneira, temos os três objetivos específicos de: a) verificar se ocorre o processo de convergência da não-palatalização na fala dos informantes; b) detectar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que exercem alguma forma de pressão na acomodação; c) observar e descrever as diferentes atitudes linguísticas dos falantes. O corpus da pesquisa é composto de 16 informantes naturais da cidade de Rio de Janeiro que moram na cidade de João Pessoa há pelo menos 1 ano e têm pelo menos 18 anos de idade. Esses foram estratificados de acordo com sexo, faixa etária e tempo de exposição. Os dados foram coletados através da utilização de um gravador digital, e para a análise quantitativa, foram codificados e posteriormente analisados com o auxílio do programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Foi feito posteriormente, a partir da quantificação dos dados, uma análise qualitativa, com o intuito de se observar os informantes individual e comparativamente. Com base nos resultados obtidos, podemos concluir que fica clara a influência dos fatores estudados, especialmente os fatores de identidade, atitudes linguísticas, e tempo de exposição, para o processo de acomodação linguística.

PALAVRAS-CHAVE: acomodação linguística, atitudes linguísticas, identidade.

ABSTRACT

This work involving dialectal accommodation fits into the theoretical assumptions of the Communication Accommodation Theory (GILES et al., 1991) and the theoretical-methodological contributions of the Theory of Language Variation (LABOV, 1966, 2008 [1972]). It aims to observe and to analyze the dialectal accommodation of people born in Rio de Janeiro that are currently residing in the city of João Pessoa, from the investigation of the phenomenon of palatalization or non-palatalization of the coronal fricative /s/ in final coda position. The main variable phenomenon under study is the pronunciation of this fricative, which can be: in João Pessoa's dialect, an alveolar pronunciation ([s], [z]); in Rio de Janeiro's dialect, a palatal pronunciation ([ʃ], [ʒ]). In this way, we aim to: a) verify if the non-palatalization convergence process occurs in the informants' speech; b) detect linguistic and extralinguistic variables that exert some form of pressure on accommodation; c) observe and describe the different linguistic attitudes of the speakers. The research corpus is composed of 16 informants from the city of Rio de Janeiro who have lived in the city of João Pessoa for at least 1 year and are at least 18 years old. These were stratified according to sex, age group and exposure time. The data were collected with the use of a digital recorder, and for quantitative analysis, they were coded and later analyzed with the aid of the statistical program Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). A qualitative analysis was subsequently made, based on data quantification, in order to observe the informants individually and comparatively. Based on the obtained results, we can conclude that the influence of the studied factors is clear, especially the factors of identity, linguistic attitudes, and exposure time, for the process of linguistic accommodation.

KEYWORDS: linguistic accommodation, linguistic attitudes, identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Padrões silábicos.....	23
Quadro 2: Traços distintivos das fricativas coronais.....	25
Quadro 3: Variáveis controladas.....	48
Quadro 4: Variáveis selecionadas.....	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sílabas.....	21
Figura 2: Níveis hierárquicos da sílaba.....	22
Figura 3: Representação hierárquica dos traços distintivos do /s/.....	24
Figura 4: Neutralização das sibilantes.....	25
Figura 5: Mapa das realizações palatais do /S/ em coda silábica – interna e externa.....	26
Figura 6: Lista de perguntas.....	42
Figura 7: Vogais.....	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentual de acomodação com base nas variáveis extralinguísticas.....	49
Gráfico 2: Percentual de acomodação com base nas variáveis linguísticas.....	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil dos Informantes.....	40
Tabela 2: Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável tempo de exposição.....	51
Tabela 3: Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável sexo.....	52
Tabela 4: Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável contexto fonológico posterior.....	53
Tabela 5: Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável idade.....	54
Tabela 6: Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável contexto fonológico anterior.....	55
Tabela 7: Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável motivação.....	56
Tabela 8: Motivação e desejo de retorno.....	57
Tabela 9: Percentual de acomodação dos informantes.....	58
Tabela 10: Informantes 9 e 11.....	89
Tabela 11: Informantes 15 e 16.....	94
Tabela 12: Informantes 1 e 2.....	97
Tabela 13: Informantes 3 e 5.....	102
Tabela 14: Informantes 6, 7 e 8.....	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

PB – Português do Brasil

SAT – *Speech Accommodation Theory*

CAT – *Communication Accommodation Theory*

// – Representação fonológica

[] – Representação fonética

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
Objetivo geral.....	19
Objetivos específicos.....	19
 CAPÍTULO I: OBJETO DE ESTUDO.....	21
1.1 A estrutura silábica do PB.....	21
1.2 /s/ em coda final no PB e a palatalização.....	24
1.3 Estudos envolvendo acomodação dialetal e outras contribuições.....	27
 CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	31
2.1 Acomodação linguística.....	32
2.2 Manutenção de identidade.....	36
2.3 Atitudes linguísticas.....	38
 CAPÍTULO III: METODOLOGIA.....	40
3.1 Coleta e análise dos dados.....	41
3.2 Paradoxo do observador.....	43
3.3 Variáveis controladas.....	44
 CAPÍTULO IV: RESULTADOS QUANTITATIVOS.....	49
4.1 Variáveis selecionadas.....	51
4.2 Variáveis não selecionadas.....	55
 CAPÍTULO V: RESULTADOS QUALITATIVOS.....	58
5.1 Respostas dadas pelos informantes.....	59
5.2 Comparações entre os informantes.....	89
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido do participante

ANEXO 1 – Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos

INTRODUÇÃO

Hoje vivemos em um mundo conectado pela globalização e o contato entre diferentes culturas e dialetos é cada vez mais comum, seja esse através dos mais diversos meios de comunicação, ou em decorrência da locomoção de indivíduos de um local para outro. Viajar está cada vez mais fácil e o acesso à informação que temos hoje nos permite conhecer outras culturas com facilidade. Consequentemente a migração de indivíduos para diferentes regiões do país, ou até mesmo para fora dele, é algo bastante comum nos dias de hoje. As razões para a migração podem ser diversas, variando desde desejos pessoais a oportunidades ou necessidade de emprego.

Sempre fora mais comum o nordestino migrar para diferentes regiões do Brasil à procura de oportunidades de emprego e uma vida melhor, mas hoje devido a diferentes fatores, como, por exemplo, a saturação de mercado de trabalho ou o aumento da violência em cidades maiores, a situação inversa também passou a ser comum. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre as principais mudanças observadas até 2011 estão a perda de capacidade de atração populacional da região Sudeste e a diminuição no número de pessoas que deixam o Nordeste. É provável que os fatores acima mencionados causem, com o tempo, um crescimento de imigrantes para a região do Nordeste, aumentando como consequência as situações de contato dialetal.

Se quaisquer dois dialetos forem comparados, é fácil notar as diferenças entre eles através dos traços salientes que marcam os determinados dialetos. No caso desta pesquisa, será observado o dialeto carioca (da região metropolitana do Rio de Janeiro) em contato com o dialeto pessoense (da cidade de João Pessoa).

Devido a fatores sócio-históricos e culturais, o dialeto pessoense é tido como sendo de menor prestígio quando comparado ao dialeto carioca, possuindo pouco prestígio também se comparado a outras variedades do português brasileiro (PB). Sendo assim, naturalmente, nesse processo de migração de um carioca para João Pessoa, deve haver uma resistência para que o indivíduo se aproprie do dialeto local.

Devido ao fato de termos, nesse caso, um dialeto que é tido como sendo de maior prestígio em contato com um de menor prestígio, surgiu o interesse em observar se (e de que maneira) ocorre a acomodação (ou convergência) linguística por parte dos cariocas

residentes em João Pessoa, procurando identificar de que maneira fatores como a identidade e as atitudes linguísticas desses falantes interferem nesse processo.

A acomodação linguística, também conhecida como acomodação dialetal ou convergência linguística, ocorre quando um indivíduo aproxima o seu modo de falar ao de um outro indivíduo. Isso ocorre tanto de maneira consciente quanto inconsciente, e em diferentes níveis, para que diferentes objetivos sejam alcançados.

Na área da Sociolinguística variacionista, há diversos estudos envolvendo acomodação dialetal. Embora não numerosos no Brasil, esses vêm crescendo nos últimos tempos, a exemplo de Marques (2006), Martins (2008), Chacon (2012) e Lima (2013). Essas pesquisas, assim como o presente estudo, foram realizadas à luz dos pressupostos teóricos da Teoria da Acomodação da Comunicação (GILES et al., 1991) e dos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1966, 2008 [1972]). Essa última cria uma relação entre as variações da língua e os fatores extralinguísticos (que inclui fatores sociais e culturais), tendo como objeto de estudo a comunidade de fala. A língua, então, é observada como um sistema heterogêneo e dinâmico, que está em constante mudança. Tais mudanças podem ser observadas e previstas a partir do contexto linguístico e seu progresso pode ser observado a partir do tratamento longitudinal dos dados. A sociolinguística procura sistematizar as variações através de levantamentos estatísticos quantitativos, para que essas sejam então observadas.

A variação linguística depende de todo o contexto social, político e cultural das comunidades de fala. Assim, para este estudo, procurou-se compreender quais fatores linguísticos e extralinguísticos favorecem ou inibem o processo de convergência linguística dos informantes cariocas. Isso inclui os fatores de identidade e atitude que foram previamente mencionados, e esses foram observados com base nas considerações de Giles et al. (1991).

Partindo desses direcionamentos iniciais, foi observada a produção fonético-fonológica do /s/ em coda final, atentando para a ocorrência ou não da palatalização, com o intuito de verificar e compreender o processo de acomodação linguística na fala de cariocas residentes em João Pessoa. Para que fosse possível compreender o que subjaz a esse processo, foi necessário coletar dados e compor uma amostra de informantes cariocas que residissem em João Pessoa há pelo menos 1 ano.

Isso foi feito partindo da delimitação da variável dependente como sendo a ocorrência ou não da palatalização da fricativa coronal /s/ em posição de coda final. Foi

escolhido esse contexto fonológico por ele marcar uma clara distinção entre os dialetos carioca e pessoense. No dialeto carioca, a fricativa possui uma pronúncia majoritariamente palatal ([ʃ], [ʒ]), e no dialeto pessoense a fricativa possui uma pronúncia majoritariamente alveolar ([s], [z]). Dessa forma, a não palatalização do /s/ caracterizaria uma acomodação ao dialeto pessoense. A acomodação é um processo que pode ocorrer em diferentes níveis, mas ao se observar e investigar esse fenômeno específico, é possível facilmente distinguir se houve ou não a acomodação nesse contexto. Devido à clara distinção dialetal, o fenômeno escolhido facilita a observação do processo de acomodação linguística. Como exemplo de tais diferenças entre os dialetos, temos:

- i) Dialeto pessoense: animai[s]; pessoa[s]; óculo[s]; ônibu[s]; inglê[s].
- ii) Dialeto carioca: animai[ʃ]; pessoa[ʃ]; óculo[ʃ]; ônibu[ʃ]; inglê[ʃ].

Diante do que foi exposto, foram pautadas as seguintes questões norteadoras:

1. Diante de tantas variáveis linguísticas e extralinguísticas influenciadoras, podemos observar a convergência linguística por parte dos informantes cariocas residentes em João Pessoa?
2. Quais dessas variáveis exercem mais influência na acomodação linguística desses informantes, e de que maneira?
3. Quais as diferentes atitudes linguísticas dos falantes para com os dois dialetos e de que maneira essas influem no processo de acomodação?

As hipóteses são de que fatores como tempo de exposição e idade do informante exerçam grande influência no processo de acomodação. Um tempo de exposição mais alto e uma faixa etária menor favoreceriam a acomodação. Dessa forma, um jovem que está em João Pessoa há bastante tempo mais facilmente acomodaria ao dialeto local. Ainda assim, espera-se resistência por parte daqueles que não possuem atitudes linguísticas positivas para com o dialeto pessoense, e/ou que por ventura não se identifiquem com a cultura local. É comum guardarmos algo que represente nossas origens, então para preservar a identidade e também devido ao dialeto carioca carregar um certo prestígio social, haveria uma tendência natural a tentar mantê-lo, no contexto em questão. Com isso dito, há diversos fatores exercendo influência no processo de

acomodação, e espera-se que aqueles que apresentem atitudes positivas para com o dialeto local acomodem com mais facilidade.

Com tais questionamentos, foram estabelecidos os seguintes objetivos geral e específicos:

Objetivo geral

- a) Descrever como ocorre e que fatores influenciam o processo de acomodação linguística de falantes cariocas em contato com o dialeto pessoense.

Objetivos específicos

- a) Verificar em que medida ocorre o processo de convergência da não-palatalização em contexto de coda final na fala dos informantes;
- b) Detectar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que exercem alguma forma de pressão na acomodação;
- c) Observar e descrever as diferentes atitudes linguísticas dos falantes.

Para que tais objetivos fossem alcançados, foram realizadas análises de cunho quantitativo e qualitativo.

Esta dissertação foi estruturada em cinco capítulos. O capítulo I apresenta o objeto de estudo desta pesquisa, descrevendo-o e contextualizando-o. Em seguida, é feito um levantamento de pesquisas que envolvem acomodação linguística, e outros temas comuns a este trabalho, como os trabalhos de Marques (2006), Martins (2008), Chacon (2012) e Lima (2013), que foram previamente mencionados, e outros, que por consequência serviram de base para esta dissertação.

O capítulo II traz as abordagens teóricas utilizadas neste trabalho. Será feito um breve panorama sobre a Sociolinguística Variacionista e a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1966, 2008 [1972]). Em seguida, será detalhada a Teoria da Acomodação da Comunicação (GILES et al., 1991) e a Teoria da Acomodação da Fala (GILES, 1973), e serão abordados os temas de atitudes linguísticas e identidade, com a contribuição de

diferentes autores como Trudgill (1986), Ayzen (1988), Lasagabaster (2004), e Kaufmann (2011).

O capítulo III está dedicado aos procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. Nesse capítulo, temos a descrição do perfil dos informantes que forneceram os dados que compõem o *corpus* deste trabalho; explicações dos procedimentos utilizados e as decisões tomadas para a coleta de dados; e o detalhamento das variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas.

Nos capítulos IV e V, temos a discussão dos resultados quantitativos e qualitativos, respectivamente, de modo a explicar a acomodação linguística e os fatores envolvidos na ocorrência ou não dessa acomodação, dando atenção especial aos fatores que exerceram mais influência ao determinar a ocorrência da acomodação. Sendo assim, serão apresentadas as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes e trechos das entrevistas que melhor ilustrem as atitudes linguísticas e a identidade de cada um dos informantes.

Concluimos com as considerações finais do presente trabalho, nas quais temos algumas reflexões acerca das contribuições desta pesquisa para a área de estudos envolvendo acomodação linguística, atitudes e identidade.

CAPÍTULO I: OBJETO DE ESTUDO

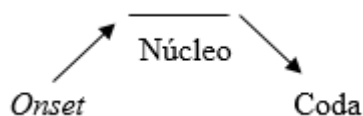
Neste capítulo falaremos, antes de tudo, sobre a estrutura silábica do PB, para então falar sobre o objeto de estudo desta pesquisa, que é o /s/ em posição de coda final e as suas realizações. Por fim, faremos uma breve revisão de literatura, com pesquisas da sociolinguística envolvendo o mesmo objeto de estudo ou de mesma natureza desse.

1.1 A ESTRUTURA SILÁBICA DO PB

É importante o entendimento da estrutura da sílaba no PB para que se possa compreender o que subjaz às diferentes realizações da fricativa, na posição em que ela ocupa na sílaba.

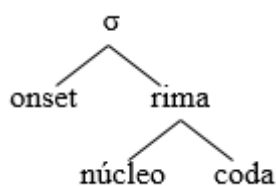
A sílaba é reconhecida por Jakobson (1967, p. 133, apud CÂMARA JR. 2004 [1970], p. 53) e Câmara Jr. (2004 [1970]) como estrutura fonêmica elementar que marca caracteristicamente as línguas. Pedrosa (2012) ilustra a sílaba, que tem como característica uma ascensão sonora (*onset* ou ataque da sílaba), que culmina em um ápice (núcleo silábico), que no PB é ocupado sempre por vogal, e finalmente um declive (*coda*), como representado na figura 1.

FIGURA 1 – Sílaba



Fonte: Pedrosa (2012, p. 72)

Para Selkirk (1982), os componentes da sílaba possuem níveis hierárquicos diferentes, possuindo dois níveis. O primeiro nível é composto do onset (ou ataque) e a rima; a rima se subdivide em núcleo e coda, que compõem o segundo nível. Isto se dá porque, como aponta Pedrosa (2012, p. 73), “a distância sonora entre o ataque e o núcleo é maior do que entre o núcleo e a coda”. Na figura 2 temos a sílaba, representada pelo sigma (σ):

FIGURA 2 – Níveis hierárquicos da sílaba

Fonte: Selkirk (1982)

Bisol (1999) mostrou que a sílaba necessita obrigatoriamente do núcleo, podendo suas margens (onset e coda) estarem ausentes. O núcleo é a posição mais forte da sílaba, costumando ser ocupado exclusivamente por vogais na maioria das línguas, e como já fora mencionado, no caso do PB, apenas elas podem ocupar essa posição. Pedrosa (2012, p. 72) ressalta que isso se deve ao fato de as vogais serem inerentemente mais sonoras do que as consoantes.

A sílaba é então preenchida obrigatoriamente pela vogal (V), que é mais sonora, e opcionalmente pela consoante (C), havendo dessa forma uma estrutura mínima e máxima de configuração da sílaba. Para Câmara Jr. (2004 [1970]), a estrutura silábica do PB possui quatro tipos de configurações, sendo estes: simples (V), complexa crescente (CV), complexa decrescente (VC), e complexa crescente-decrescente (CVC). E de acordo com a presença ou não do travamento silábico, as sílabas podem ser abertas (ou livres), ou fechadas (ou travadas).

Se chamarmos simbolicamente V o centro da sílaba e C um elemento marginal, teremos os tipos silábicos: V (sílabas simples), CV (sílabas complexas crescentes), VC (sílabas complexas decrescentes), CVC (sílabas complexas crescentes-decrescentes). Conforme a ausência ou a presença (isto é, V e CV, de um lado, e, de outro lado, VC e CVC), temos a sílaba aberta, ou melhor, livre, e a sílaba fechada, ou melhor, travada. (CÂMARA JR., 2004 [1970], p. 54).

Com a representação de V e C, não é possível fazermos distinção entre vogal e semivogal, então Câmara Jr. (2004 [1970]) propôs a representação da semivogal através de um V sobrescrito, como na palavra “céu”, na qual temos o padrão CV^V (consoante, vogal e semivogal).

No PB, os padrões CV (**sa.po**¹, **rá.pi.do**), V (**á.gua**, **e.la**), e CVC (**mes.mo**, **sem.pre**) são os mais recorrentes, mas pode chegar até um padrão máximo de CCVCC. Os possíveis padrões silábicos no PB estão ilustrados no quadro 1:

QUADRO 1 – Padrões silábicos

V	a
VC	es.co.la
VCC	ins.tan.te
CV	sa.po
CVC	fes.ta
CVCC	cons.tan.te
CCV	pra.to
CCVC	pres.tí.gio
CCVCC	trans.por.te
VV	ou
CVV	seu
CCVV	trou.xe
CCVVC	graus

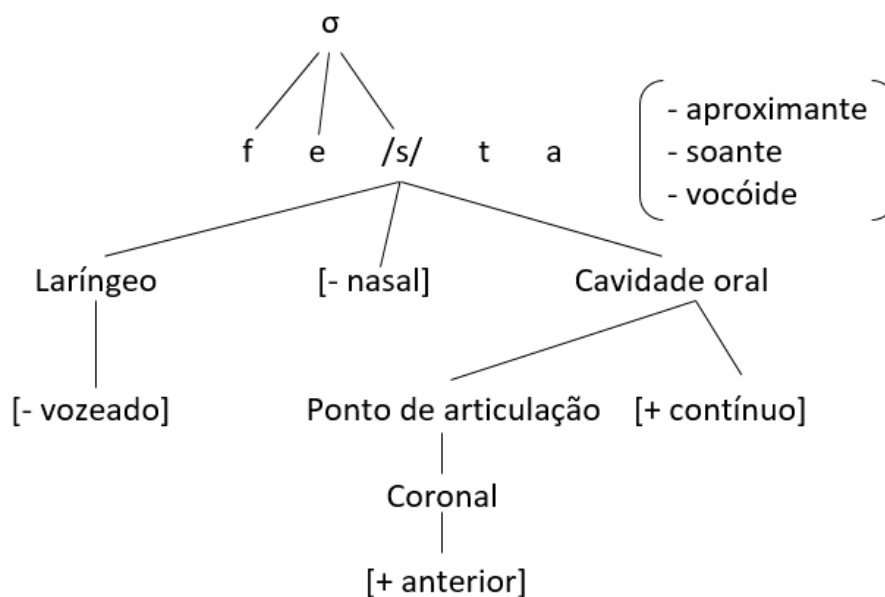
Fonte: Adaptado de Pedrosa (2012, p. 74)

Além dos padrões silábicos permitidos, a sílaba, em cada língua, possui diferentes possíveis arranjos de fonemas. O que é permitido em uma língua nem sempre é permitido em outra. Compreender as possíveis organizações das sílabas, em uma determinada língua, nos permite compreender os fenômenos fonológicos que podem vir ocorrer nessa língua. A posição de um fonema na sílaba pode afetar sua produção, como veremos adiante na seção 1.2, mas para compreender quando e como é possível que ocorram tais mudanças, é importante compreendermos a noção de traços distintivos. A sílaba e os traços distintivos eram inicialmente estudados de maneira linear, mas “[c]om o advento das teorias não-lineares, as estruturas fonológicas (segmentos e sílabas) passam a ser vistas através de uma hierarquia, abandonando a visão de uma descrição plana do sistema fonológico” (PEDROSA, 2012, p. 74-75). Essa representação hierárquica apresenta os

¹ As sílabas são delimitadas pelos pontos.

traços distintivos dos segmentos, organizados em sequência que reflete a sequência de produção no aparelho vocal. Com isso, se torna possível listar traços supra-segmentais, por exemplo. Temos a seguir a Figura 3 com a representação hierárquica dos traços distintivos do /s/, feita com base na ilustração de Pedrosa (2012, p. 75):

FIGURA 3 – Representação hierárquica dos traços distintivos do /s/



Fonte: Adaptado de Pedrosa (2012, p. 75)

Os traços distintivos serão explorados na seção 1.2, referente ao objeto de estudo da pesquisa.

1.2 /S/ EM CODA FINAL NO PB E A PALATALIZAÇÃO

Como fora dito na introdução, o objeto de estudo deste trabalho é o /s/ em posição de coda final, observando-se o fenômeno de palatalização ou não desse /s/, com o intuito de analisar o processo de acomodação linguística dos falantes cariocas residentes em João Pessoa.

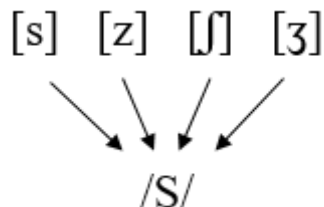
Pudemos anteriormente compreender que a sílaba não pode ser formada sem um núcleo, que é o componente mais sonoro e mais forte da mesma. Mas a coda, por sua vez, é a posição mais débil da sílaba (SELKIRK, 1982), e seu preenchimento é opcional dentro da mesma, e isso faz com que seja “bastante suscetível à variação em qualquer que seja a sua posição dentro da palavra, acentuando-se ainda mais na posição final” (HORA et al.,

2010). Esse fato auxiliou na delimitação do objeto de estudo da presente pesquisa, que é o /s/ em posição de coda final.

A fricativa pós-vocálica sofre um processo de neutralização em posição final de sílaba, já que há um desaparecimento das oposições distintivas nesse contexto. De fato, as quatro possibilidades de fricativas possíveis nessa posição (/s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/) se reduzem a duas: um segmento subespecificado vozeado e outro desvozeado. A depender do dialeto, esse segmento terá características palatais ou não. (LUCENA, 2012, p. 115).

Como apontado por Câmara Jr. (2004 [1970]), a oposição entre vozeado-desvozeado também acaba por ser redundante, pois sua ocorrência depende de o contexto posterior ser vozeado ou desvozeado. Dessa forma, uma vez que há a neutralização da oposição de vozeamento, as sibilantes [s] e [z], [ʃ] e [ʒ] em posição de coda no PB se reduzem a um único fonema, com a permanência de um único traço distintivo que é a fricção produzida pela língua, como temos na figura 4.

FIGURA 4 – Neutralização das sibilantes



Fonte: Autor (2020)

Resultante dessa neutralização, temos o arquifonema /S/, que é “marcado pelos traços [+ coronal] e [+ contínuo], e quatro alofones, [s, z, ʃ, ʒ], em posição final de sílaba” (RIBEIRO, 2006, p. 23). Como ilustrado no quadro 2, esses são os traços em comum entre os quatro alofones, que os distinguem dos demais sons consonantais:

QUADRO 2 - Traços distintivos das fricativas coronais

	/s/	/z/	/ʃ/	/ʒ/
Coronal	+	+	+	+
Anterior	+	+	-	-
Alto	-	-	+	+

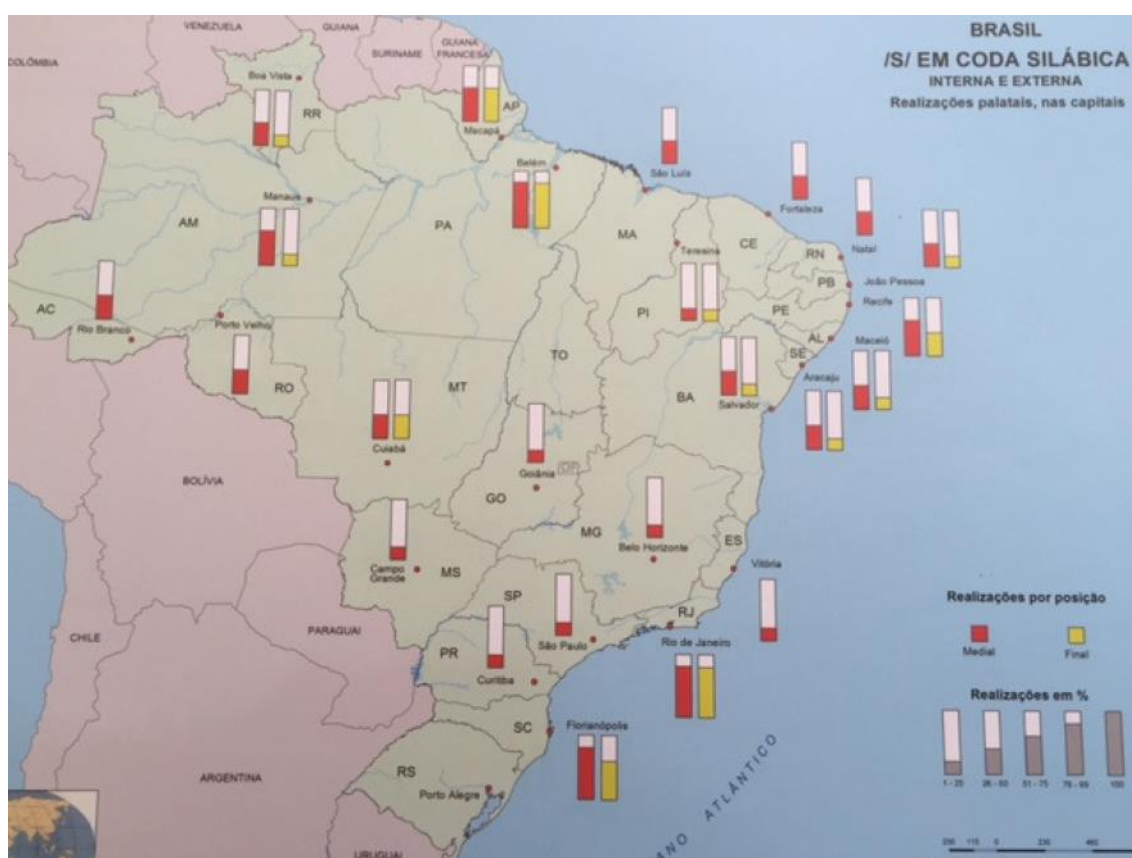
Vozeado	-	+	-	+
Contínuo	+	+	+	+

Fonte: Autor (2020)

Também é possível que ocorra a forma aspirada [h] e o apagamento [Ø] do arquifonema /S/, uma vez que a coda é suscetível a esses fenômenos. Mas as formas mais comuns são as alveolares ([s], [z]) e as palatais ([ʃ], [ʒ]), e são essas que marcam distinção entre os dialetos em contato estudados nesta pesquisa.

Vejamos como as realizações do /s/ em coda silábica nas posições medial e final se distribuem nas capitais dos estados brasileiros. A ilustração da figura 5 nos mostra as ocorrências do /s/ palatal, representando em vermelho as ocorrências em coda medial, e em amarelo para coda final. Para as não ocorrências da forma alveo-palatal, podemos assumir que sejam em sua maioria produções alveolares.

FIGURA 5 – Mapa das realizações palatais do /S/ em coda silábica – interna e externa



Fonte: Cardoso et al. (2014, apud HENRIQUE, 2016, p. 32)

A figura 5 mostra a presença do /s/ palatalizado em todo o Brasil, sendo o Rio de Janeiro uma das cidades em que esse está mais presente, tanto na posição medial quanto final. O /s/ palatalizado é mais produtivo no Rio de Janeiro, se comparado a João Pessoa, onde não há muita palatalização, especialmente em posição final.

Como fica evidente pela ilustração do mapa, e como será visto mais adiante através dos trabalhos de Ribeiro (2006) e Hora (2003), que serão mencionados, o /s/ na posição de coda final é mais difundido pelo país em sua forma alveolar. Essa forma é predominante no dialeto pessoense, mas como pode-se notar através da ilustração, quando em posição medial, a forma palatal ganha um pouco mais de presença; isto porque no dialeto pessoense, antes das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/, a fricativa coronal /s/ tem sua realização palatal.

Em seu trabalho de dissertação, Henrique (2016) afirma o seguinte a respeito da fricativa em coda:

Segundo Callou, Moraes e Leite (2002), a realização palatalizada da fricativa coronal em coda restringia-se, primeiramente, ao dialeto carioca. A forma palatalizada estendeu-se para o Nordeste por ser considerada uma pronúncia nobre, importada da corte portuguesa, que tinha a representatividade na norma de prestígio no falar da antiga capital. (HENRIQUE, 2016, p. 33)

Isso provavelmente explica a presença da forma palatalizada pela maior parte do país, mesmo que essa não costume ser a forma mais produtiva.

1.3 ESTUDOS ENVOLVENDO ACOMODAÇÃO DIALETAL E OUTRAS CONTRIBUIÇÕES

Como já mencionado na introdução, os estudos de Marques (2006), Martins (2008), Chacon (2012) e Lima (2013), também tratam da acomodação dialetal, e por esse motivo serviram de base para o atual estudo.

Marques (2006) estuda as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em situação de contato dialetal, analisando a variação linguística decorrente do contato entre paraibanos e cariocas no Rio de Janeiro e de brasileiros e portugueses na cidade de Lisboa. A produção das vogais médias pretônicas marca uma diferença entre os dialetos em questão, o que

torna possível a fácil observação do processo de acomodação linguística em contato dialetal.

Os resultados obtidos por Marques (2006) indicaram que houve acomodação em relação a ambas as vogais, mas essas ocorreram de maneira diferente entre o contato das variedades inter-regionais e das intercontinentais. Um intervalo de dez anos de tempo de exposição foi suficiente para se notar a acomodação do dialeto paraibano em direção ao dialeto carioca, mas esse mesmo intervalo de tempo se mostrou curto para o processo de acomodação linguística de brasileiros residentes em Lisboa. Sendo assim, dez anos de estadia em Lisboa não seriam suficientes para uma perceptível acomodação de traços do português europeu, ao menos no que se refere ao fenômeno observado. Uma das possíveis explicações seria a diferença entre as pressões sociais presentes nos dois contextos. No contexto do Brasil, além de a diferença entre os dialetos ser menor, os dialetos nordestinos em geral são tidos como sendo de menor prestígio em relação a outros dialetos no país, sofrendo maiores pressões para acomodar.

Em uma situação inversa à de Marques (2006), esta pesquisa estuda o falar carioca em contato dialetal com o falar pessoense, e é importante notar que o dialeto pessoense, com o qual os cariocas estão em contato, é um dialeto de menor prestígio se comparado ao de suas cidades natais.

O trabalho de Marques (2006) serviu de referência para este e diversos outros, e dentre eles a dissertação de Martins (2008), na qual a autora estuda a palatalização das oclusivas dentais em contato dialetal, com o objetivo de verificar se paraibanos residentes no Rio de Janeiro apresentariam evidências de acomodação ao dialeto carioca. Ela analisa as oclusivas dentais /t/ e /d/ seguidas de [i], por terem produções distintas entre os dois dialetos. Em sua análise, ela verificou a acomodação sendo mais frequente com a alvéolo-palatal surda, concluindo a partir disto que esse seria o contexto mais saliente.

Tendo o estudo de Marques (2006) como um dos fatores que motivaram sua pesquisa, Chacon (2012) avalia se ocorre o processo de acomodação no contato dialetal de dez paulistas que residem em João Pessoa há pelo menos um ano (note que, assim como nesta pesquisa, ela estuda falantes em contato com uma variante de menor prestígio). Para isso, ela investiga se há palatalização ou não das fricativas alveolares /s/ e /z/ em posição de coda medial diante das oclusivas surda e sonora /t/ e /d/. Tal fenômeno foi escolhido pela autora por marcar claramente a distinção entre os dois dialetos, e a exemplo disso temos a pronúncia alveolar do falar paulista em pa[s]ta, e a pronúncia

palatal pessoense pa[ʃ]ta. Chacon (2012) analisou as variáveis estilísticas (estilos de leitura de texto e de entrevistas), sociais e atitudinais dos falantes para compreender a ocorrência do fenômeno. Após a análise dos dados quantitativos e qualitativos, ela detectou que as variáveis tempo de exposição, idade, e atitudes linguísticas foram as maiores influenciadoras para o processo de acomodação e, com isso ela ressalta a importância de uma análise quanti-qualitativa quando se estuda acomodação linguística.

Em sua dissertação de mestrado, Lima (2013) busca compreender o processo de acomodação dialetal de falantes paraibanos que residem em Recife há pelo menos dois anos. Para isso ela observa o uso da fricativa coronal /s/ em coda silábica medial por esses falantes, buscando identificar se há ou não convergência. A palatalização do /s/ em coda medial em contextos além do precedente a /t/ e /d/ classificaria a convergência por parte desses informantes. A partir da análise quantitativa, Lima (2013) obteve como variável mais relevante para o processo de convergência, o “tempo de permanência”. Além dessa, “contato diuturno com falantes recifenses”, “contexto fonológico seguinte” e “estilo e a frequência das visitas” foram também selecionadas como relevantes. E, na análise qualitativa, ela constatou que a atitude linguística positiva favoreceu a acomodação linguística, enquanto a atitude negativa foi inibidora e favoreceu a manutenção do dialeto de origem.

Trabalhos dessa natureza têm criado uma base e dado força aos estudos envolvendo acomodação linguística no Brasil e no Nordeste. E esses estudos nos ampliam a visão acerca de diversos processos linguísticos que ocorrem no contato entre dialetos, assim como da influência de diferentes fatores extralinguísticos, como os atitudinais e identitários.

A exemplo de outros estudos envolvendo o falar pessoense, temos Hora (2003), Ribeiro (2006), Hora et al. (2010), e Henrique (2016). Desses, o trabalho de Ribeiro (2006) observa o /s/ em posição de coda final, e destaca que o /s/ em sua pronúncia alveolar no Brasil é mais difundida que a pronúncia palatal, típica da região do Rio de Janeiro. A forma alveolar é a mais produtiva no dialeto pessoense, mas não ocorre antes das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/; nesse caso a realização é palatal, como apontado por Hora (2003).

Dessa forma pode-se afirmar que no dialeto pessoense, o /s/ em coda final é produzido com a forma alveolar e tem a pronúncia palatal apenas quando seguida pelas oclusivas coronais /t/ e /d/, seja em coda medial ou final.

Esses estudos serviram de base para esta pesquisa. Além desses, as estruturas silábicas apresentadas por Câmara Jr. (1973), o modelo silábico apresentado Selkirk (1982) e por Bisol (1999, p. 702) e as contribuições de Câmara Jr. (2004 [1970]) e Callou e Leite (2009) sobre as características fonéticas dos fones [s], [ʃ], [z] e [ʒ] são importantes bases para este estudo, pois nos permitem um entendimento mais profundo e embasado acerca do fenômeno em observação.

CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Graças aos estudos etnolinguísticos e à dialetologia, se consolidou a noção de que a língua não era homogênea, e sim heterogênea, e a partir disso começaram a surgir estudos que procuravam estudar a língua juntamente com os aspectos sociais e culturais. No século XX o sistema da língua passa a não ser o único interesse dos estudos linguísticos, mas também o uso desse sistema. Em outras palavras, a fala ganha atenção e passa a ser foco de observação em diferentes áreas da linguística, dando origem à sociolinguística.

A sociolinguística é área da ciência que relaciona os estudos da língua com a sociedade que a utiliza. Para esse campo científico, a língua não mais independe dos fatores extralinguísticos e sociais, sendo reconhecido que esses exercem influência direta na língua, e vice-versa. Com os trabalhos de William Labov (1966, 2008 [1972]), a sociolinguística ganhou mais destaque como ramificação da linguística. Para Labov, a língua era social e toda linguística era sociolinguística, fazendo com que o termo ‘sociolinguística’ não lhe parecesse muito apropriado, uma vez que o termo implica a existência de teoria ou prática linguística que não seja social.

Os estudos da variação e mudança linguística passam a ser tratados de maneira tangível graças ao trabalho que deu origem à Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1966, 2008 [1972]), realizado por Weinreich, Labov e Herzog (1968). A Teoria da Variação Linguística veio em contraposição ao modelo gerativo de Chomsky (1965), no qual os aspectos extralinguísticos não eram observados e estudados, uma vez que Chomsky era especializado no estudo da sintaxe e acreditava que ela era a chave para explicar a linguagem.

O problema para o linguista, bem como para a criança que aprende a língua, é determinar a partir dos dados de desempenho o sistema subjacente de regras que foi dominado pelo falante-ouvinte e que ele usa para o desempenho real. Assim, no sentido técnico, a teoria linguística é mentalista, uma vez que se preocupa em descobrir uma realidade mental subjacente ao comportamento real. (CHOMSKY, 1965, p. 4, tradução nossa).

Assim, a variação sociolinguística é desconsiderada no contexto do gerativismo, dado que falantes ideais são priorizados em detrimento de usuários reais da língua.

A Teoria da Variação Linguística cria então uma relação entre as variações da língua e os fatores extralinguísticos e a sistematização dessas variações permite sua observação. Sendo assim, a língua estaria sob constante influência de fatores extralinguísticos, sendo constantemente moldada por eles, tornando-se dinâmica e heterogênea. Da mesma forma, o processo de acomodação linguística também está vinculado a uma série de fatores extralinguísticos e sociais, pois esses exercem influência no processo.

2.1 ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA

A interação social, em suas mais diferentes formas, sempre foi indispensável para nós seres humanos. As diferentes atividades que exercemos em nosso dia a dia dependem da comunicação entre indivíduos, que ocorre através do meio oral, provavelmente, desde muito antes de se haver provas científicas. Ao participar dessas interações e nos comunicarmos, pode haver uma vontade ou necessidade de demonstrar solidariedade, de ganhar aceitação, de ser entendido, ou até mesmo de se diferenciar e distanciar, desassociando-se de outro indivíduo ou grupo de indivíduos.

Paul Grice, filósofo da língua inglesa, argumenta que os falantes têm a intenção cooperar quando falam, pois, a comunicação não depende apenas da mensagem transmitida, mas também da forma com que se transmite tal mensagem. Grice (1975) formulou o princípio da cooperação, que é um conjunto de normas que são esperadas em uma conversação. Essas normas são as quatro máximas conversacionais que devemos seguir como forma de cooperar e de sermos compreendidos: a máxima de qualidade; a máxima de quantidade; a máxima de relevância; e a máxima de modo.

Para que não se viole a máxima de qualidade não devemos falar aquilo que acreditamos ser falso; para não violar a máxima de quantidade não devemos dar nem mais nem menos informações que o ideal; para que não se viole a máxima de relevância a resposta deve ser relevante ao tópico em discussão; e para que não seja violada a máxima de modo deve-se falar de maneira clara, breve e ordenada, evitando ambiguidade. Quando interagimos, utilizamos, muitas vezes de maneira inconsciente, diferentes regras importantes para a manutenção do discurso, e as máximas conversacionais, que compõem o princípio de cooperação de Grice (1975), são algumas delas.

Em situações naturais de interação, em que a fala é despreocupada e não monitorada, é quando se usa o vernáculo, de acordo com Labov (2008 [1972]). O que interessa para um pesquisador da sociolinguística é essa fala vernácula, menos formal e menos controlada, e para isso, certos cuidados devem ser tomados, uma vez que o contexto de entrevista pode influenciar o grau de formalidade. Então a forma com que a entrevista é conduzida, sem que o participante se atente para o contexto e tampouco à sua maneira de falar, é importante para a integridade e confiabilidade dos dados.

Em oposição ao paradigma laboviano, Giles (1973) critica o papel da formalidade-informalidade do contexto e o critério de “atenção à fala” (associados por Labov ao prestígio dos estilos de fala) e argumenta que eles poderiam ser interpretados como processos de acomodação interpessoal (cf. GILES et al., 1991). É o primeiro passo da Teoria da Acomodação da Comunicação, proposta por Giles (1973), originalmente como Teoria da Acomodação da Fala. De acordo com ele, para atingirmos diferentes objetivos da comunicação, realizamos ajustes conscientes e inconscientes na fala, adaptando-a às nossas necessidades. Pessoas são motivadas a realizar tais ajustes, e acomodar, como meio de expressar valores, atitudes e intenções para com os outros (GILES et al., 1982). A acomodação pode ser resultante de nossas atitudes para com nossos interlocutores e pode fazer com que esses também ajustem suas próprias atitudes e comportamentos, podendo, dessa forma, também acomodarem. Tais acomodações podem trazer benefícios para um ou mais falantes envolvidos.

A psicologia social deu origem aos estudos sobre acomodação, que passaram por diversas mudanças com diferentes metodologias. Foram necessárias tais mudanças para garantir que os resultados observados e obtidos fossem os mais fiéis ao que realmente ocorre. A teoria da acomodação da fala (*speech accommodation theory*, ou SAT) foi criada por Howard Giles em 1973, que então evoluiu para teoria da acomodação da comunicação (*communication accommodation theory*, ou CAT), que inclui não apenas os padrões e comportamentos de fala, mas também o não verbal. A teoria de acomodação da comunicação passou a abranger então gestos corporais, taxa ou velocidade de fala, pausas, e outros aspectos não verbais².

² Deve-se atentar, no entanto, que na perspectiva da língua como um fenômeno multimodal, a fala é vista como um conjunto indissociável entre as manifestações acústicas (padrões de vocalização e entonação, pausas e ritmicidades) e cinéticas (movimentos dos olhos, das pálpebras, das sobrancelhas, da boca, e os padrões de ação por parte da cabeça e das mãos) (KENDON, 2009).

Dentro do arcabouço da teoria proposta por Giles (1973), o autor utiliza dois termos-chave: a convergência e a divergência. Tais termos são importantes para a compreensão dos processos de acomodação presentes em uma dada interação. O termo convergência se refere a quando o falante ajusta sua fala, produzindo traços mais próximos ao falar do interlocutor. Pessoas podem convergir quando buscam por prestígio dentro de um grupo, por exemplo. Já a divergência se refere a quando o falante reduz as semelhanças dialetais, acentuando traços que se distanciam do falar do interlocutor. Os traços ajustados podem ser os mais diversos, e isso inclui variantes fonológicas, taxa de elocução, pausas, movimentos corporais e gestuais. Por fim temos a manutenção, que ocorre quando não há ajustes desses traços, não havendo assim a convergência ou divergência. A manutenção pode ocorrer, por exemplo, em situações cujos interlocutores estejam em relações menos assimétricas, ou quando o falante considera vantajoso usufruir do prestígio que carrega em sua fala.

Há acomodação interpessoal (GILES et al., 1991) dentro da relação entrevistador e entrevistado. Os conceitos de convergência e/ou divergência estão, portanto, presentes em contexto de entrevista, pois trata-se ainda de uma interação social, e a forma de falar do entrevistado, assim como o grau de formalidade da sua fala, não dependerão exclusivamente do contexto de entrevista ou do tema abordado, mas também da influência do interlocutor entrevistador.

Giles et al. (1991) ressaltam que ambas a convergência e a divergência podem ocorrer tanto de maneira *upward* como de maneira *downward*. O primeiro termo se refere a quando ajustes são feitos voltados para uma variante mais prestigiada, enquanto o segundo se refere a quando ajustes são feitos para uma variante menos formal ou menos valorizada socialmente.

Como exemplo, pode-se imaginar que uma pessoa que está apresentando um seminário ou participando de uma entrevista para emprego, irá ajustar sua fala *upward*, com o intuito de ser bem percebida e respeitada, enquanto por outro lado, uma pessoa que está tentando explicar um conceito a uma outra menos instruída, irá ajustar sua fala *downward*, simplificando a explicação, de uma maneira menos formal, para que possa ser compreendida.

Convergir também pode ser chamado de acomodar, e divergir pode também ser chamado de desacomodar. Todavia, como apresentado por Giles et al. (1991), em uma conversação, duas pessoas nem sempre acomodam de maneira quantitativamente

simétrica. Dessa maneira, em uma interação entre dois indivíduos, o falante A pode acomodar mais, ou menos, que o falante B. Além disso, a convergência pode ocorrer em diferentes níveis, a depender do número de traços ajustados, mas existe um nível ideal de acomodação, que envolve não apenas o número de traços acomodados, mas também a intensidade dessas acomodações.

Quando um falante converge para além do nível ideal, isto é chamado de *overaccommodation*, e quando o falante não converge o suficiente, isto é chamado de *underaccommodation*. Por exemplo, quando o falante A está tentando convergir à velocidade de fala de um falante B, que está falando mais rapidamente que ele, o falante A pode aumentar sua velocidade de fala, mas não alcançar a mesma velocidade, ou ele pode superá-la, falando ainda mais rapidamente que o falante B.

Isto pode acontecer com uma variedade de traços, como a velocidade da fala, mencionada no exemplo dado acima, ou um traço fonológico de um dialeto específico. É importante notar, no entanto, que a convergência nem sempre é mútua, portanto, um falante pode convergir a outro, enquanto esse não converge reciprocamente.

Além disso, a convergência e a divergência podem ocorrer tanto de maneira objetiva como de maneira subjetiva, como apontado por Giles et al. (1991). Quando os ajustes na fala são realizados independentemente de outra pessoa envolvida na interação, eles são chamados de objetivos, e por outro lado, quando os ajustes dependem de outra pessoa envolvida na interação, eles são chamados de subjetivos.

Ajustes objetivos são dependentes da situação em que se encontra, como por exemplo, em entrevistas para emprego ou apresentações importantes, é esperado que a fala seja ajustada para uma de maior formalidade. Por outro lado, ajustes subjetivos dependem do que o falante considera mais adequado no momento, dependendo dos ajustes de outra pessoa envolvida na interação, e isto pode, porém, não necessariamente, ocorrer de maneira inconsciente.

Ao falar sobre a acomodação entre dialetos, Trudgill (1986) a divide em acomodações de curto prazo e acomodações de longo prazo. As acomodações de curto prazo ocorrem, de maneira consciente ou inconsciente, quando ajustes na fala são realizados no momento em que o falante os considera necessários, a depender da situação e participantes. Em uma situação de interação com um gaúcho, por exemplo, um pessoense pode sentir a necessidade (de maneira consciente ou não) de convergir, modificando, por exemplo, a produção do /s/ em palavras como “festa”. Nessa situação

específica, sua produção passa de “fe[ʃ]ta” para “fe[s]ta”, mas ao encerrar a interação, ele voltaria a produzir “fe[ʃ]ta”.

As acomodações de longo prazo, por outro lado, ocorrem quando o falante, com o tempo, modifica sua fala a ponto de que praticamente não se dependa mais da situação. Isto é, no entanto, resultado de prévias acomodações de curto prazo, que ao ocorrerem com frequência suficiente, acabam por se tornarem permanentes. O constante contato e imersão com um dialeto ou uma comunidade da fala diferente, facilita e acelera esse processo. O falante gradativamente aproxima seu modo de falar à fala local, mas isto está atrelado a diversos fatores, sejam esses linguísticos ou extralinguísticos, que podem facilitar ou dificultar o processo de acomodação. A identidade de um indivíduo é um fator importante e que deve ser levado em consideração; essa será discutida adiante.

2.2 MANUTENÇÃO DE IDENTIDADE

A identidade é um fator importante para a acomodação linguística de um falante e costuma refletir em sua maneira de falar, como evidenciado em Possatti (2015). Suas atitudes e opiniões para com certos grupos ou dialetos podem facilmente ser fatores influenciadores para sua fala quando em contato com esses grupos ou dialetos. A exemplo disso, um indivíduo pode não desejar ser considerado como amigável para com um determinado grupo ou como pertencente ao mesmo, e devido a isso, opta por divergir da fala desse grupo. Por outro lado, se o falante deseja ganhar o apoio ou até mesmo ser reconhecido como membro desse grupo, ele provavelmente tentará convergir para a forma de falar do mesmo.

Dessa forma, a convergência parece como algo positivo para a interação, enquanto a divergência parece como algo negativo. Mas não é assim tão simples, havendo vários fatores envolvidos no processo de interação, e vale salientar que há outro lado para a convergência, no qual ouvintes podem sentir-se ofendidos se eles acharem que os traços de seu dialeto podem ser facilmente convergidos ou imitados. Sendo os traços parte de sua cultura e identidade, o ouvinte pode ver a facilidade dessa convergência ou imitação como algo ruim. Para Giles (1980), ouvintes teriam um nível de tolerância para a convergência, sendo ela aceitável e bem vista apenas até certo nível, e ao passar desse nível, essa seria vista como algo negativo. Além disso, há um outro lado para a divergência, uma vez que a manutenção de traços divergentes, típicos de grupos ou

dialetos com mais prestígio, seria bem vista, como normalmente ocorre no Nordeste com as variedades do Sudeste, por exemplo.

Diferentes fatores sociais podem associar prestígio a determinados grupos, influenciando então as atitudes de diferentes indivíduos para com esses grupos. Um grupo que é considerado como mais relevante para a sociedade ou que mais facilmente consegue ascensão social será considerado como um bom grupo para se fazer parte, e, sendo assim, ele será mais facilmente tido como almejável ou aceitável.

Todo dialeto possui diferentes marcadores linguísticos, que são traços específicos a uma comunidade de fala, sendo uns mais salientes que outros. Essa saliência caracteriza-se pela mudança linguística e estigmatização, causando assim um contraste e distanciamento fonético se comparado a outros dialetos (TIMBERLAKE, 1977; KERSWILL, 1985). Sendo assim, os traços que são mais facilmente distinguidos são chamados de salientes e são normalmente marcadores linguísticos de uma comunidade de fala específica. Esses traços salientes são mais percebidos por alguém que não pertence à comunidade de fala.

Alguns exemplos de marcadores linguísticos seriam o /t/ e /d/ no dialeto nordestino, que não são palatalizados antes da vogal /i/ e da semivogal /j/, como nas palavras [t]ia e [d]ia e temos também, nesse mesmo dialeto, o /s/ e /z/ que são palatalizados antes de /t/ e /d/, como em fe[ʃ]ta e de[ʒ]de. Esses são traços característicos do dialeto nordestino e por isso, são marcadores linguísticos desse dialeto.

Espera-se que os marcadores mais salientes sofram maior influência dos fatores sociais de atitude e identidade do falante no processo de convergência. Esses fatores podem favorecer ou inibir o processo de acomodação do falante. Considerando que o dialeto pessoense foi tido como de “menor prestígio” pelos informantes desta pesquisa (crenças expostas pelos próprios informantes entrevistados) se comparado ao dialeto carioca, é mais provável que a convergência seja de menor intensidade e frequência do que se o processo fosse o inverso.

Além disso, quando um traço é muito saliente, ele pode se tornar desconfortável para o falante acomodar, já que o traço pertence a outra comunidade de fala e constitui-se como parte da identidade dessa comunidade. Devido a isso, quando um falante adota esses traços, que fazem parte de outra comunidade de fala, esse indivíduo está de certa forma, abandonando sua própria identidade. Então, sabendo da importância dos diversos fatores sociais, será feita posteriormente uma análise qualitativa de cada informante.

Há também traços que são mais facilmente acomodados que outros e, sendo assim, podemos dizer que os traços não são assimilados todos de uma vez. Além disso, há trajetórias individuais na acomodação, assim como diferentes dificuldades e restrições. Por exemplo, um falante não pode produzir um som que não faz parte de seu inventário fonético antes de adquiri-lo.

De certa forma, o processo de acomodação de longo prazo pode ser comparado ao processo de aquisição de uma nova língua, de maneira em que o processo seria mais fácil e rápido para um indivíduo mais jovem, como uma criança, por exemplo, em contraste com um adulto, apesar de que os fatores biológicos envolvidos podem não exercer o mesmo tipo de influência nas duas situações. Então, não podemos afirmar que as dificuldades de acomodação por parte dos adultos estejam relacionadas a essa janela temporal de desenvolvimento.

2.3 ATITUDES LINGUÍSTICAS

Para Ayzen (1988, p. 4), “uma atitude é uma disposição para responder favoravelmente ou desfavoravelmente a um objeto, pessoa, instituição ou evento”. A atitude irá então mediar a resposta do indivíduo, e essa resposta sofrerá influência de diferentes fatores, grupos e normas sociais, que é explicado por Lasagabaster (2004, p. 399), quando ele argumenta que as pessoas tendem a “ajustar suas atitudes para se adequarem àqueles que são as predominantes nos grupos sociais a que se vinculam”.

Em seu trabalho, Kaufmann (2011) faz menção a uma divisão das atitudes em três diferentes componentes:

Com relação à estrutura interna de atitudes, distinguem-se, tradicionalmente, três componentes: a componente cognitiva, refletindo convicções e crenças sobre o objeto da atitude; a componente afetiva, considerando a avaliação positiva ou negativa do objeto da atitude; e a componente conativa, na qual “crenças e valores emocionais relevantes são transformados em intenções comportamentais mais ou menos específicas” (DEPREZ; PERSOONS, 1987, p. 126). Ayzen e Fishbein reduziram o conceito de *atitude* à componente afetiva dizendo que ao invés de tratar cognição, afeto e conação como três componentes da atitude, Fishbein e Ayzen preferem tratar esses três tipos de respostas tendenciais como construtos independentes nomeados, respectivamente, como crença, atitude e intenção. (KAUFMANN, 2011, p. 122-123).

A partir dessa divisão de atitude em três diferentes componentes, podemos entender que a componente cognitiva remete às crenças (tudo aquilo que é considerado e entendido como verdadeiro e que julgamos e acreditamos saber), a componente afetiva é referente aos sentimentos pessoais (tudo aquilo que é tido como opinião positiva ou negativa para com indivíduos, objetos, situações, pensamentos, ideais), e a componente conativa que remete ao comportamental, que por sua vez é a junção das crenças e das emoções (tidas nas duas componentes prévias) e sua transformação em predisposição e intenções. Dessa maneira, a componente conativa vincula-se com o que se pretende fazer ou dizer, influenciando sobre nossas ações e reações.

Com isso em mente, devemos nos atentar para o fato de que um comportamento específico nem sempre é o reflexo das atitudes do indivíduo. Kaufmann (2011, p. 123) exemplifica isso da seguinte maneira: “mesmo não gostando de pessoas dos Estados Unidos em geral, pode-se querer dominar o inglês estadunidense fluentemente, porque isso pode trazer vantagens importantes no trabalho”. A atitude, segundo a visão *mentalista*, é um estado interno de prontidão, mas a resposta, que nem sempre é representante das atitudes, é a única resposta observável de maneira tangível, apresentando um problema metodológico para se observar atitudes. Seguindo a visão *mentalista*, poderíamos deduzir que os comportamentos de um indivíduo poderiam ser previstos a partir de suas atitudes.

Já a visão *behaviorista* de atitudes diz que atitudes podem ser encontradas nas respostas das pessoas às situações sociais. Dessa maneira tornando possível, com base nessa visão, o estudo de atitudes a partir dos comportamentos dos indivíduos.

O que nos mais interessa, no entanto, são as atitudes linguísticas. São essas as atitudes voltadas especificamente para a língua. Observaremos então as atitudes a partir da visão behaviorista, mas, assim como foi mencionado, dificuldades metodológicas estarão sempre presentes, portanto iremos falar um pouco sobre elas no capítulo III.

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

Para o *corpus* desta pesquisa temos 16 informantes cariocas (naturais da região metropolitana do Rio de Janeiro) que moram na cidade de João Pessoa há pelo menos 1 ano e que têm pelo menos 18 anos de idade. Esses informantes foram uniformemente estratificados, levando em consideração o sexo, a idade e o tempo de exposição dos mesmos. Temos na tabela 1 o perfil desses informantes:

Tabela 1 – Perfil dos informantes

Informante	Sexo	Idade	Cidade natal	Tempo de exposição
1	F	21	Rio de Janeiro	15 anos
2	F	22	Rio de Janeiro	4 anos
3	F	23	Rio de Janeiro	2 anos
4	F	24	Rio de Janeiro	4 anos
5	F	38	Rio de Janeiro	1 ano
6	F	49	São Gonçalo	31 anos
7	F	54	Rio de Janeiro	26 anos
8	F	55	Rio de Janeiro	21 anos
9	M	18	Rio de Janeiro	7 anos
10	M	19	Rio de Janeiro	4 anos
11	M	22	Rio de Janeiro	7 anos
12	M	22	São Gonçalo	2 anos
13	M	30	Rio de Janeiro	3 anos
14	M	36	Cabo Frio ³	8 anos
15	M	44	Rio de Janeiro	8 anos
16	M	44	Rio de Janeiro	22 anos

³ Considerando o fenômeno em estudo, Cabo Frio foi considerado como parte da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Fonte: Autor (2020)

3.1 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Com todos os 16 informantes⁴, foram realizadas entrevistas compostas de duas etapas, com áudio capturado através da utilização de um gravador digital. Para que os entrevistados ficassem o mais confortável possível, minimizando a influência do contexto de entrevista, o gravador foi posicionado sempre sobre uma mesa, próximo aos entrevistados, mas fora do foco de sua visão. O entrevistador e o(a) entrevistado(a) ficaram sempre a uma distância confortável para uma conversação natural e o ambiente variava de acordo com a preferência e disponibilidade de cada informante, sendo boa parte das entrevistas conduzidas em uma cabine de isolamento acústico, para melhor qualidade de áudio.

A primeira etapa da entrevista consistiu em perguntas gerais envolvendo experiências de vida e interesses pessoais dos informantes (conforme a metodologia laboviana e as indicações propostas por Tagliamonte (2006)), com o intuito de fazer com que os informantes prestassem menos atenção à sua própria fala e se policiassem menos. A segunda etapa consistiu em perguntas específicas relacionadas às atitudes linguísticas com relação à sua própria maneira de falar e ao dialeto pessoense. Para a segunda etapa foram realizadas as perguntas listadas na figura 6:

⁴ Cada informante preencheu um termo de consentimento e este projeto foi aprovado pelo comitê de ética com o CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética): 14793619.4.0000.5188.

FIGURA 6 – Lista de perguntas

1. O que você acha da sua forma de falar?
2. Há algo específico de que você gosta/não gosta na sua forma de falar?
3. Você considera que tem algum sotaque? Se sim, qual?
4. O que você acha do seu sotaque?
5. Quando você viaja, há algo específico que as pessoas percebem na sua forma de falar?
6. Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou a respeito da sua forma de falar?
7. Você já mudou sua forma de falar para adaptar-se ao seu entorno?
8. Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?
9. Alguém já percebeu, em sua cidade de origem, alguma mudança na sua forma de falar, desde que você se mudou para João Pessoa?
10. Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira que falam?
11. Alguém já o julgou dessa forma?
12. Você acha fácil compreender pessoas de outras partes do país?
13. Você já se sentiu intimidado ou confuso pelo sotaque/falar de alguém?
14. Você acha alguns dialetos/falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?
15. Diga, em poucas palavras, o que você pensava sobre a Paraíba antes de vir para cá.
16. E agora que está aqui, o que acha?
17. Tem interesse em voltar para sua cidade natal?
18. Você acredita que estando aqui na PB as pessoas podem saber de onde você é simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?
19. Quando você compara a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, com a fala das pessoas da PB, você pode dizer que aqui as pessoas falam: a) depressa; b) muito depressa; c) devagar; d) arrastado.
20. Você gostaria de falar igual aos paraibanos? Por quê?
21. Você já possuía contato com paraibanos no RJ?
22. Você acredita que com o passar dos anos estará falando como paraibanos? Você acredita que sua fala mudou? Alguém já percebeu alguma diferença no seu falar?
23. Você em algum momento já se sentiu deslocado aqui? Ainda se sente/ Por quanto tempo?
24. Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?
25. Você gosta/se identifica com a cultura paraibana?

Fonte: Autor (2020)

O software Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) possibilitou a análise estatística dos dados. Esse programa é uma ferramenta prática e confiável, muito utilizada para análises estatísticas em pesquisas variacionistas. Após a obtenção dos dados quantitativos, para que se melhor compreendesse os resultados obtidos, foi feita uma análise qualitativa. Essa serviu para corroborar com os resultados quantitativos, assim como o inverso também é verdade.

Os dados estatisticamente analisados nesta pesquisa foram os coletados a partir da fala espontânea da primeira etapa da entrevista. É esperado que essa seja menos

monitorada e se aproxime mais da fala natural do entrevistado, por tratar de assuntos mais pessoais, ao mesmo tempo em que não revela o verdadeiro objetivo da pesquisa. O entrevistado fica mais à vontade e com isso tenta-se amenizar os efeitos do Paradoxo do Observador (LABOV, 2008 [1972]). Dessa maneira o informante está menos atento à sua própria fala.

3.2 PARADOXO DO OBSERVADOR

Ao serem realizadas pesquisas que envolvem a produção da fala, através de entrevistas, deve-se atentar para o fato de que os resultados podem não ser representativos do contexto real de situações naturais.

Para a coleta de dados, diferentes métodos podem ser utilizados e o contexto pode ser responsável pela mudança do nível de formalidade. O que acontece é o Paradoxo do Observador (LABOV, 2008 [1972]), que se refere a quando a pesquisa é influenciada pela presença do observador. No caso de uma entrevista, por exemplo, a fala do entrevistado pode ser influenciada não apenas pelo contexto de entrevista, mas também pela própria fala do entrevistador.

Como já fora mencionado, atitudes linguísticas influenciam e refletem diretamente na acomodação dialetal. Ao estudar atitudes linguísticas, uma preocupação importante é a de qual método é mais adequado para os objetivos da pesquisa, uma vez que cada método possui seus pontos positivos e negativos. É importante que se escolha o que mais se adéqua à situação e aos objetivos da pesquisa.

O método direto pode ser realizado através de questionários e tem o objetivo de obter informação de maneira direta, como o nome sugere. De tal forma, é possível a obtenção de respostas diretamente dos informantes, acerca de suas atitudes para com certos dialetos ou grupos, por exemplo. Neste trabalho, esse método foi utilizado em forma de entrevista, que incluiu perguntas relacionadas a questões atitudinais.

O método indireto, em contrapartida, tenta mascarar seus reais objetivos através de estratégias sutis. Mesmo que os informantes saibam que estão avaliando algo, por exemplo, esse método tenta garantir que eles não saibam exatamente o que estão a avaliar. Esse método muitas vezes requer uma disponibilidade maior de recursos e pesquisadores envolvidos, tornando-o menos acessível que o anterior.

Há, em ambos os casos, o risco de a resposta dada pelo informante não ser representativa da realidade. Isso não significa, porém, que o informante tenha mentido ao responder às perguntas realizadas, pois ele mesmo pode não estar ciente de todas suas atitudes e valores para com certos grupos ou dialetos.

O informante pode, no entanto, intencionalmente responder de maneira diferente da qual ele realmente pensa e acredita, devido a fatores sociais. Nem tudo é socialmente aceito ou bem visto, então respostas falsas podem ser dadas por eles por esse motivo. Para evitar ou amenizar esse problema nesta pesquisa, foi garantido o anonimato dos informantes.

3.3 VARIÁVEIS CONTROLADAS

Para que fosse possível a análise estatística dos dados, foram controladas as variáveis independentes: a) Tempo de exposição; b) Idade; c) Sexo; d) Motivação; e) Contexto fonológico anterior; e f) Contexto fonológico posterior.

a) **Tempo de exposição:** O tempo de exposição, de acordo com Laver et al. (1979) e Trudgill (1998), é um fator que contribui de modo significativo para o processo de acomodação linguística. Partindo da teoria da acomodação linguística desenvolvida por Giles (1973), Trudgill (1986) argumenta que, se um falante acomoda com frequência a um dialeto ou modo de falar, essa acomodação pode com o tempo se tornar permanente. A variável tempo de exposição foi controlada de maneira binária, sendo estratificada em: a) 1 a 5 anos de exposição; b) acima de 5 anos de exposição. Esses números foram escolhidos pelo fato de que, como Marques (2006) constata em seu trabalho, após cinco anos de contato com um novo dialeto, surgem sinais de acomodação, que ocorre de maneira gradativa. Cinco anos seria tempo suficiente para que os informantes consigassem alguma estabilidade no local e para que tenham tido diferentes e até frequentes interações sociais, imersos no novo dialeto, o que viria a favorecer o processo de acomodação.

b) **Idade:** Pode-se constatar a importância do fator de idade para as pesquisas sociolinguísticas quantitativas, a partir do que Monteiro (2000) chama de *perspectiva de tempo aparente*. Essa recebe por ele tal nomenclatura por tornar possível que se alcance uma perspectiva próxima a de uma pesquisa na qual se acompanha o fenômeno por anos.

Observar o fenômeno por diversos anos levaria muito tempo e dificilmente seria uma opção viável para o pesquisador, sendo assim, tenta-se atingir as mesmas dimensões através da observação de informantes de diferentes faixas etárias. Monteiro (2000) alerta, no entanto, que nem toda variação é representante de uma mudança em curso.

Vários fatores estão envolvidos no processo de acomodação linguística, mas no que diz respeito ao fator idade, é esperado que aqueles que tenham entrado em contato com o novo dialeto em uma idade mais jovem sofram maior influência para convergirem, e dessa forma, seria maior a ocorrência da convergência nos grupos de menor faixa etária. Isso se explicaria pelo fato de que os mais jovens costumam pertencer a círculos sociais maiores e mais habitualmente ter contato com grupos de amigos. Há a possibilidade de sofrerem pressões ou influência dos amigos para que se adaptem e uma maior frequência de contato e interação social aceleraria essa adaptação. Quanto mais jovem, menos está formada e solidificada a identidade de um indivíduo e o desejo de pertencer a determinados grupos favoreceria a acomodação linguística para que se sinta pertencente a eles. Por outro lado, todos os informantes que compõem o *corpus* desta pesquisa possuem ao menos 18 anos de idade, tendo já uma identidade mais bem formada, mas isso não quer dizer que essa não possa sofrer pressões ou mudar e para os informantes mais jovens, essas mudanças seriam mais prováveis e frequentes.

Na fase adulta e quanto mais velho for o indivíduo, a fala tende a sofrer menos mudanças. Mas, especialmente dentre os adultos mais jovens, há as pressões exercidas pelo mercado de trabalho, às quais esses sujeitos estão expostos. As interações sociais são importantes no contexto profissional e na resolução de problemas diversos do dia a dia e, nessas situações é importante se adequar às normas linguísticas. Existe, no entanto, uma pressão psicológica menor para se adequar ao dialeto local, já que na vida adulta isso muitas vezes deixa de ser uma barreira para a socialização e pertencimento a grupos.

Para os indivíduos numa faixa etária mais alta, as pressões sociais são menores, uma vez que a participação em interações sociais com grupos de amigos ou trabalho são menos frequentes, especialmente com a vinda da aposentadoria.

Com isso dito, é importante lembrar que há diversas outras variáveis em concorrência e é mais provável que uma variável como tempo de exposição seja maior nos grupos de maior faixa etária. Isso significaria dizer que as demais variáveis devem ser mantidas em mente no momento de se analisar essa e vice-versa. Essa variável foi

controlada de maneira binária, sendo estratificada nos seguintes dois grupos de faixa etária: a) entre 18 e 29 anos de idade; b) a partir de 30 anos de idade.

c) **Sexo:** Para esta variável, procurou-se observar se há alguma disparidade no processo de convergência, tomando-se como base a hipótese de que as pressões sociais envolvidas podem ser diferentes de acordo com o sexo do indivíduo. Historicamente, nos estudos da sociolinguística, a variável sexo tem sido uma que é sempre presente e que é muitas vezes de relevância estatística. Um ponto a se destacar é o de que diversos estudos sociolinguísticos apontam que as mulheres tendem a ser mais conservadoras com o dialeto padrão. A exemplo disso temos o trabalho de Paiva (2003), que mostra exemplos de pesquisas realizadas sobre o PB, nos quais se constata na maior parte dos casos, que mulheres tendem a utilizar mais as formas de prestígio e são mais conservadoras quanto a isso, evitando dessa maneira, formas variantes desprestigiadas. A autora ressalta também as diferenças entre os papéis sociais e culturais da mulher e do homem nas diferentes sociedades.

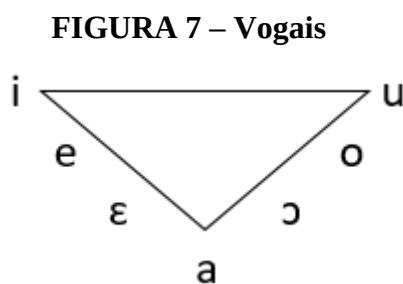
No entanto, a variável sexo deixa brechas que podem vir a se tornar problemas para a análise estatística, se não observada com cautela. Não apenas os papéis sociais e culturais do homem e da mulher têm mudado ao longo do tempo, como também essa variável não abrange os diferentes gêneros dos indivíduos; gêneros esses que muitas vezes podem ser fatores mais relevantes e influenciadores para a ocorrência de um determinado fenômeno, do que o sexo biológico de um indivíduo. Com isso dito, trabalhar com gênero não é tarefa fácil, pois muito deve ser levado em consideração no processo de elaboração de questionários, etc., para que a análise estatística seja viável, ainda mais para pesquisas com *corpora* menores. Por fim, parte dos dados desta pesquisa foi coletado previamente, e esses incluíam a variável sexo de maneira binária, portanto não seria viável sua modificação. Através da correlação entre essa variável e as demais, poderá ser constatada sua importância nesse estudo. A variável sexo foi estratificada em: a) feminino; b) masculino.

d) **Motivação:** Para a variável motivação, procurou-se identificar se a motivação individual de vinda para João Pessoa afetaria o processo de acomodação. A vinda espontânea pode indicar identificação pessoal, aceitação, interesse, dentre outros fatores positivos e favorecedores e dessa forma, podemos dizer que o indivíduo que veio de

maneira espontânea (ou seja, por decisão própria) para João Pessoa, seria mais receptivo ao dialeto local. Em contrapartida, um falante que veio por motivos de obrigação possivelmente teria menor receptividade para com o novo dialeto local, podendo sentir-se desconfortável com o mesmo e também com seu individual processo de acomodação ao dialeto. Isso pode estar ligado aos fatores de identidade e atitude já mencionados. A variável motivação foi estratificada em: a) vinda espontânea; b) vinda obrigatória.

É importante salientar que, devido à maneira em que esses dados foram coletados, a diferença entre vinda espontânea e obrigatória nem sempre é tão clara, uma vez que essa variável não foi coletada de maneira explícita e direta, e, talvez merecesse uma distinção mais clara na ficha de cada informante. Isso se deu porque parte do *corpus* desta pesquisa é composto de dados de informantes que foram coletados previamente, em que se procurou identificar a razão da vinda para João Pessoa, mas não especificamente se os informantes consideravam essas vindas como espontâneas ou obrigatórias. Para que se fosse mantida a uniformidade a ficha dos novos informantes não sofreu modificações.

e) **Contexto fonológico anterior:** Ao delimitar esta variável, objetivou-se identificar quais contextos fonológicos precedentes favorecem ou inibem a palatalização ou a não palatalização e por consequência favorecem ou inibem a acomodação do fenômeno em estudo. Foi controlado o tipo de vogal que precede a fricativa coronal /s/ em posição de coda final, podendo essas vogais serem anteriores (/i/, /e/, /ε/), central (/a/), ou posteriores (/u/, /o/, /ɔ/), representadas na figura 7:



Fonte: Autor (2020)

f) **Contexto fonológico posterior:** Delimitou-se esta variável com o propósito de se investigar em que medida os contextos fonológicos seguintes favorecem ou inibem a palatalização ou a não palatalização do fenômeno em estudo, consequentemente influenciando o processo de acomodação.

No dialeto carioca, o /s/ em coda antes de pausa ou de consoantes surdas é realizado como fricativa palatoalveolar surda ([ʃ]), e antes de consoante sonora, é realizado como fricativa palatoalveolar sonora ([ʒ]). Quando seguido de vogal, o /s/ varia para uma produção alveolar ([z]). Dessa forma, no dialeto carioca os sons do /s/ sofrem palatalização quando não precedem uma vogal ou outra consoante fricativa alveolar, pois esses fazem com que o /s/ passe para a posição de onset.

Dessa forma, observou-se se a fricativa coronal /s/ em posição de coda silábica é seguida de: a) pausa (Ex.: “óculos. ”); ou b) consoante (Ex.: “as pessoas conseguem...”). Serão descartadas as ocorrências em que o /s/: a) passe para posição de onset, como no caso dela ser seguida de vogal (Ex.: “mas acho...”) ou pelo som de uma outra consoante fricativa alveolar (Ex.: “pessoas são”); e b) seja seguida de /t/ ou /d/ (Ex.: “seis da tarde” ou “três tortas”), já que no dialeto pessoense, o /s/ é palatalizado quando seguido desses contextos, e por isso, nesses casos, não se poderia considerar a palatalização como não acomodação, já que nos dois dialetos espera-se que ela ocorra.

No quadro 3 estão listadas todas as variáveis controladas e seus respectivos fatores:

QUADRO 3 – Variáveis controladas

Tempo de exposição	Idade	Sexo	Motivação	Contexto fonológico anterior	Contexto fonológico posterior
De 1 a 5 anos	Entre 18 e 29 anos	Feminino	Vinda espontânea	Vogais anteriores	Pausa
Acima de 5 anos	A partir de 30 anos	Masculino	Vinda obrigatória	Vogal central	Consoante
				Vogais posteriores	

Fonte: Autor (2020)

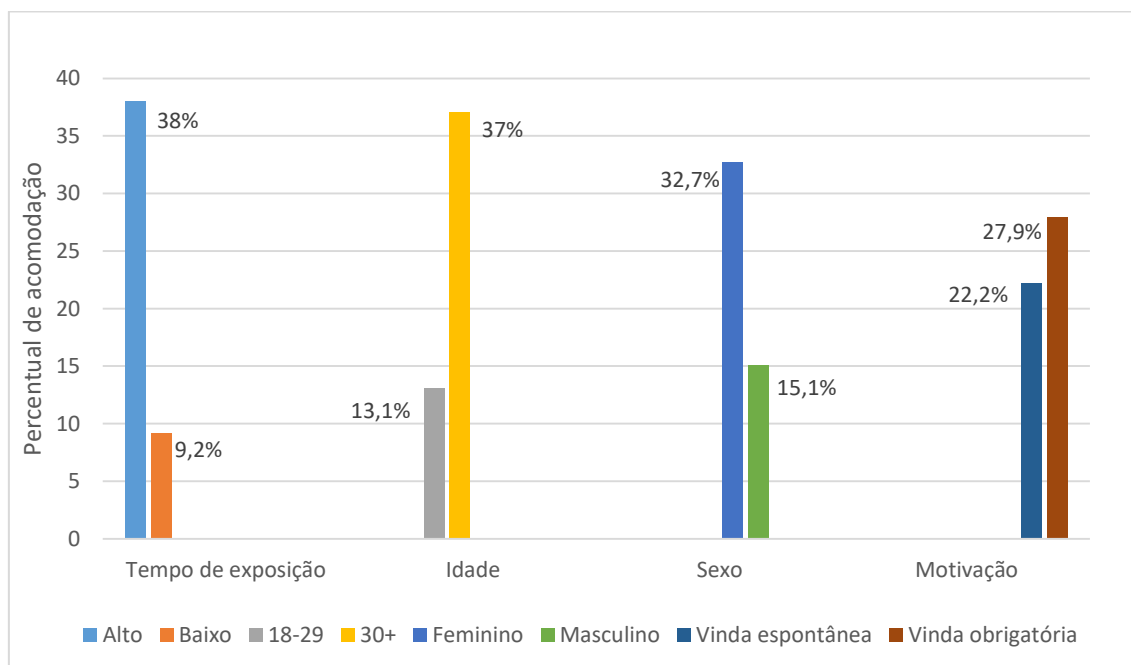
CAPÍTULO IV: RESULTADOS QUANTITATIVOS

Como já anteriormente dito, para que fosse realizada a análise quantitativa dos dados, foi utilizada a primeira etapa das entrevistas, na qual os informantes se sentiam mais à vontade para falar sobre assuntos diversos, uma vez que o que nos interessa nessa etapa é a fala desses informantes, para que observemos o fenômeno em estudo (o /s/ em coda final).

A partir dos dados quantitativos, obteve-se uma média geral de 24.8% de acomodação entre os 16 informantes analisados. Esse número foi considerado alto, uma vez que o dialeto pessoense é tido como sendo de menor prestígio em relação ao dialeto carioca. Os dados estatísticos obtidos destacam a importância de alguns dos fatores envolvidos no processo de acomodação linguística e servem de base para a análise qualitativa, que será apresentada posteriormente.

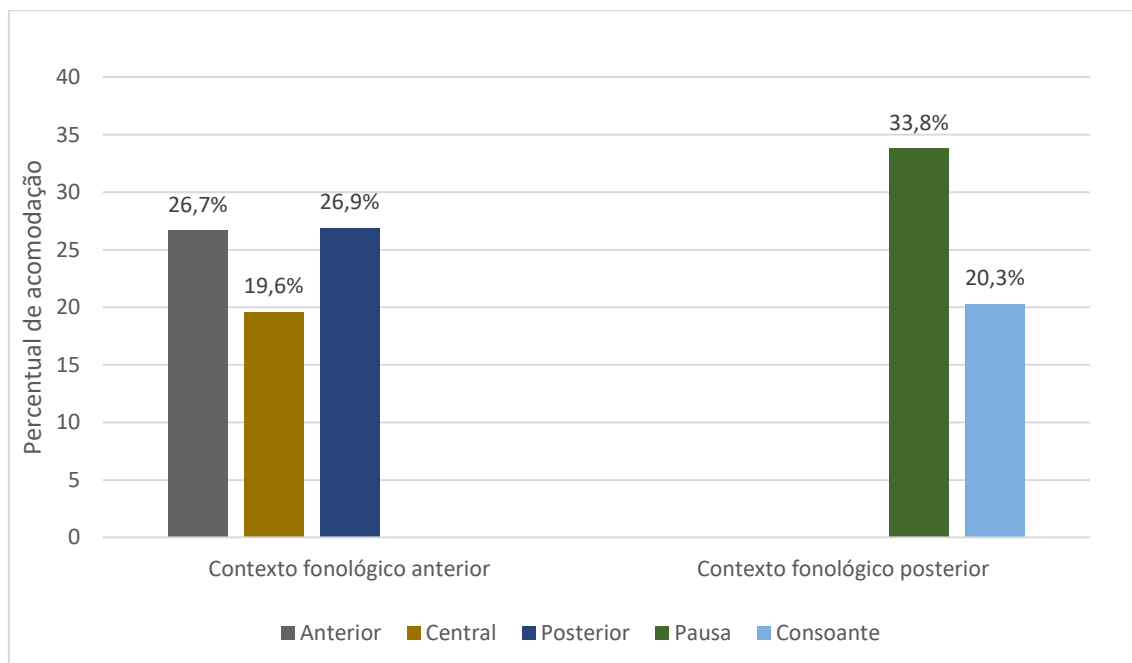
O gráfico 1 mostra o percentual de acomodação com base em cada variável extralinguística controlada:

GRÁFICO 1 – Percentual de acomodação com base nas variáveis extralinguísticas



Fonte: Autor (2020)

E o gráfico 2 mostra o percentual de acomodação com base nas variáveis linguísticas:

GRÁFICO 2 – Percentual de acomodação com base nas variáveis linguísticas

Fonte: Autor (2020)

Dentre as variáveis controladas, quatro foram selecionadas como estatisticamente relevantes pelo programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e duas não foram selecionadas. As variáveis estão listadas no quadro 4.

QUADRO 4 – Variáveis selecionadas

Variáveis selecionadas	Variáveis não selecionadas
Tempo de exposição	Contexto fonológico anterior
Sexo	Motivação
Contexto fonológico posterior	
Idade	

As tabelas que seguem, com os resultados estatísticos obtidos para cada uma dessas variáveis, apresentam o número de aplicação que representa o número de incidências do fenômeno da acomodação pelo total de palavras-gatilho. A aplicação sobre o total é também representada em percentual e para as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes temos o peso relativo que representa o quanto os fatores da variável independente favorecem ou inibem a ocorrência do fenômeno, levando em consideração, de maneira contrastiva, a influência das demais variáveis. Com isso, o valor

intermediário é o de 0.50, que não é nem favorecedor nem inibidor para a ocorrência do fenômeno; qualquer valor acima de 0.50 indica que a variável favorece a ocorrência do fenômeno, e quanto maior for esse valor, maior o favorecimento; em contraste, valores abaixo de 0.50 inibem o processo, e quanto menor for o valor, maior a inibição.

4.1 VARIÁVEIS SELECIONADAS

Como já evidenciado nas pesquisas de Marques (2006) e Chacon (2012), para citar algumas pesquisas na sociolinguística, e, de acordo com as hipóteses levantadas, quanto maior for o tempo de exposição, mais avançado estará o processo de acomodação linguística. Os resultados obtidos e apresentados na tabela 2 ratificam isso:

Tabela 2 – Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável tempo de exposição

Tempo de exposição	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Alto	193/508	38.0%	0.74
Baixo	39/387	9.2%	0.22

Input: 0.178

Significância: 0.020

Fonte: Autor (2020)

Esses resultados corroboram com a hipótese de que um maior tempo de exposição leva a uma maior ocorrência de convergência ou acomodação, uma vez que a acomodação se deu muito mais frequente no grupo de indivíduos com maior tempo de exposição. O peso relativo de 0.74 para o grupo com alto tempo de exposição (acima de 5 anos), e 0.22 para o grupo com baixo tempo de exposição (até 5 anos), mostra quanta influência essa variável realmente exerceu para a ocorrência ou não da acomodação. A disparidade entre os dois grupos é grande e, portanto, dentre as variáveis quantitativas essa foi selecionada como a variável mais estatisticamente importante.

Em seguida temos a segunda variável que foi selecionada como estatisticamente relevante, que é a variável sexo. Temos os resultados para essa na tabela 3:

Tabela 3 – Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável sexo

Sexo	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Feminino	169/517	32.7%	0.68
Masculino	63/417	15.1%	0.27

Input: 0.178

Significância: 0.020

Fonte: Autor (2020)

Em nossa metodologia, mencionamos que a variável de sexo pode ser importante porque os papéis sociais e culturais nas diferentes sociedades, assim como as pressões sociais envolvidas são diferentes de acordo com o sexo dos indivíduos.

Essa variável foi selecionada como relevante e os resultados mostram que o grupo feminino acomodou consideravelmente mais que o grupo masculino. A diferença no índice de acomodação é considerável, tendo em vista que, para os informantes de sexo feminino, o peso relativo foi de 0.68, favorecendo a acomodação, e para os informantes de sexo masculino o peso relativo foi de apenas 0.27, inibindo a acomodação.

Uma possível explicação para índices tão díspares com o favorecimento da acomodação por parte das informantes mulheres poderia ser que elas, ao tentar se enquadrar em novos grupos sociais, passem a perceber o dialeto local como sendo valorizado e prestigiado, e como demonstrado por Paiva (2003), a tendência é que as mulheres evitem formas desprestigiadas e utilizem mais as formas de prestígio, que nesse caso passaria a ser o dialeto pessoense. Essa explicação se torna um problema, no entanto, caso essas mulheres continuem a perceber o dialeto carioca como de maior prestígio. E fica evidente, através das crenças explicitadas pelas próprias informantes durante a entrevista, que há a percepção, por parte de algumas delas, de que o falar pessoense é de “menor prestígio” em relação ao carioca. Com isso dito, a maioria das mulheres entrevistadas não parece expressar essa ideia. As informantes 6, 7 e 8 (com 100%, 80.6%, e 39.7% de acomodação), foram as mulheres que mais acomodaram, e elas demonstram atitudes positivas para com o dialeto pessoense. Elas percebem em seus sotaques uma mistura entre o carioca e o nordestino e relatam gostar deles. Elas também não demonstram vontade de voltar a morar no Rio de Janeiro, consideram as pessoas paraibanas como sendo receptivas e acolhedoras e não demonstram muita resistência a

acomodarem. Dessa forma, é possível que no contexto no qual elas estão inseridas, o dialeto pessoense seja visto como tendo certo prestígio ou ao menos como não carregando muito estigma.

A explicação mais provável, no entanto, seria a de que, apesar de os grupos terem sido uniformemente estratificados de acordo com sexo, idade e tempo de exposição, as informantes mulheres que compõem o *corpus* desta pesquisa possuem uma média mais alta de tempo de exposição; isso explicaria porque a diferença entre os grupos feminino e masculino é tão acentuada. As informantes 6, 7 e 8, que foram mencionadas, são também as que possuem maior tempo de exposição ao dialeto pessoense, com 31, 26 e 21 anos respectivamente. Por outro lado, a informante 1, com 15 anos de exposição, só acomodou 3.6%, mas essa não percebeu a mesma receptividade e acolhimento das pessoas paraibanas e ainda se sente um pouco deslocada em João Pessoa. Ou seja, um alto tempo de exposição, por si só, não implica necessariamente em acomodação.

Seguindo adiante, para a terceira variável selecionada, temos o contexto fonológico, que pode exercer influência direta na produção dos fonemas, facilitando ou dificultando diferentes produções, por motivos articulatórios da fala. Nos resultados obtidos, a variável de contexto fonológico posterior foi considerada estatisticamente relevante, como pode ser observado na tabela 4:

Tabela 4 – Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável contexto fonológico posterior

Contexto fonológico posterior	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Pausa	107/317	33.8%	0.67
Consoante	125/617	20.3%	0.40

Input: 0.178

Significância: 0.020

Fonte: Autor (2020)

Partindo dos dados da tabela 4, podemos afirmar que o contexto fonológico posterior de pausa favoreceu a ocorrência de acomodação, com o peso relativo de 0.67, enquanto o contexto fonológico posterior de consoante inibiu a ocorrência de

acomodação, com o peso relativo de 0.40. O que provavelmente ocorre é que em contextos com pausa, o informante é capaz de se policiar mais com relação à variante utilizada. Nesse sentido, se há uma atitude favorável para a acomodação dialetal (como sugere nossa análise qualitativa), há espaço para a convergência. Os dados mostram claramente esse movimento: um peso relativo expressivo no sentido da acomodação dialetal em contextos de pausa.

Esse resultado ressalta a importância desse contexto para a ocorrência do fenômeno objeto de estudo e ressalta a influência de fatores linguísticos como esse para com a produção da fala.

O fator idade também é um que já se esperava ser significativo para o processo de acomodação e por mais que esse tenha sido o caso, os dados, a princípio, aparentam apresentar-se contrários ao esperado, como podemos ver na tabela 5.

Tabela 5 – Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável idade

Idade	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
18-29	62/474	13.1%	0.44
30+	170/460	37.0%	0.56

Input: 0.178

Significância: 0.020

Fonte: Autor (2020)

O esperado era que os informantes mais novos, que entraram em contato com o dialeto pessoense em uma idade mais jovem, sofressem maior influência e facilidade para convergirem, sendo assim, a possibilidade que a convergência ocorresse seria maior nos mais jovens e em contraste, menor nos mais velhos. No entanto, os resultados obtidos apontam que o grupo de 30 ou mais anos de idade foi o que mais acomodou, com um peso relativo de 0.56, em comparação com o peso relativo de 0.44 do grupo de 18 a 29 anos.

Como dito na sessão da metodologia, esperam-se menos pressões e menos mudanças na fala dos indivíduos mais velhos, mas se esses indivíduos já possuem um alto tempo de exposição ao novo dialeto, tais pressões e as consequentes mudanças já terão ocorrido. No *corpus* desta pesquisa, os informantes pertencentes ao grupo de maior faixa

etária possuíam, em média, maior tempo de exposição que os informantes do grupo de menor faixa etária. Essa diferença de tempo poderia explicar os resultados obtidos para a variável idade. Mas há outro fator a ser levado em consideração, apesar de esse não ter sido considerado na coleta dos dados, e esse seria a idade com que os indivíduos atualmente se inserem no mercado de trabalho, que parece acontecer de forma mais tardia. Com essa inserção vêm as pressões do mercado de trabalho e a necessidade de se adequar socialmente, o que explicaria o índice maior de acomodação no grupo de maior faixa etária.

4.2 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS

As demais variáveis controladas não foram tidas como tendo relevância estatística e, portanto, não apresentam um peso relativo. Ainda assim, podem-se fazer inferências a partir dos percentuais obtidos. Temos na tabela 6 os resultados para a variável de contexto fonológico anterior:

Tabela 6 – Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável contexto fonológico anterior

Contexto fonológico anterior	Aplicação/Total	Percentual
Anterior	108/405	26.7%
Central	49/250	19.6%
Posterior	75/279	26.9%

Fonte: Autor (2020)

Previamente, se observou a importância da variável linguística contexto fonológico posterior para o fenômeno em estudo. A variável contexto fonológico anterior, por sua vez, não demonstra a mesma relevância estatística, mas ainda assim pode-se notar que a acomodação é menos frequente quando antecedita da vogal central ([a]). Nesse contexto a acomodação foi de 19.6%, em contraste com os 26.7% das vogais anteriores ([i], [e], [ɛ]), e os 26.9% das vogais posteriores ([u] [o] [ɔ]). Essas duas últimas possuem resultados muito próximos. É provável que a vogal central ([a]), nesse contexto, iniba a

ocorrência da acomodação, mas sem um peso relativo se torna difícil realizar qualquer tipo de afirmação.

E por fim temos os resultados da variável motivação, apresentados na tabela 7:

Tabela 7 – Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável motivação

Motivação	Aplicação/Total	Percentual
Vinda espontânea	111/501	22.2%
Vinda obrigatória	121/433	27.9%

Fonte: Autor (2020)

O esperado era que os informantes que tivessem a vinda espontânea acomodassem mais que os de vinda obrigatória, mas, de acordo com os dados, o que ocorre é o inverso. Pode-se notar um percentual que indicaria um favorecimento à acomodação para os informantes de vinda obrigatória. Contudo, a variável motivação não foi selecionada como estatisticamente relevante e a diferença em percentual não é tão significativa. O que deve melhor explicar esses dados, é mais uma vez o tempo de exposição dos informantes, uma vez que alguns dos informantes com vinda obrigatória possuem um alto tempo de exposição, quando comparados à maioria dos outros. Deve-se salientar também que a maneira com que essa variável foi controlada, não reflete necessariamente as opiniões e atitudes dos informantes para com a cidade de João Pessoa e o dialeto local.

Inclusive, há informantes que vieram de maneira obrigatória, mas que não desejam retornar ao Rio de Janeiro, assim como informantes que vieram de maneira espontânea e desejam retornar. Os motivos são variados, mas tomemos como exemplo o informante 12, que veio espontaneamente, mas deseja voltar com o desejo de ver a família e buscar melhores oportunidades de emprego. A informante 1, por sua vez, veio de maneira obrigatória, mas não deseja retornar ao Rio de Janeiro, porque acabou gostando de João Pessoa. Quando questionada se desejava voltar a morar no Rio de Janeiro, ela respondeu: “*Não. Só pra visitar mesmo. Eu gostei muito daqui. Porque, eu achei mais tranquilo [...]*”.

A tabela 8 facilita a comparação dessas informações, uma vez que foi listado o tipo de vinda dos informantes, sendo essa vinda obrigatória (O) ou espontânea (E), e se esses informantes desejam ou não voltar a morar no Rio de Janeiro.

Tabela 8 – Motivação e desejo de retorno

Informantes	1	2	3	4	5	6	7	8
Vinda	O	E	O	E	O	O	E	E
Deseja voltar	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
Informantes	9	10	11	12	13	14	15	16
Vinda	O	E	O	E	E	O	E	O
Deseja voltar	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não

Fonte: Autor (2020)

O informante 9 não expressou desejo de retornar ao Rio de Janeiro, mas como pode-se observar em sua resposta, a seguir, ele já teve, anteriormente, bastante desejo em retornar: *“Olha, eu tinha bastante... bastante mesmo, mas hoje em dia eu já me adaptei aqui... não que eu não conseguiria viver no Rio de Janeiro. Conseguiria tranquilamente, mas... eu gosto daqui e se eu for me mudar vai ser pra outra região, não necessariamente o Rio”*.

Dos cinco informantes que expressam desejo em retornar ao Rio de Janeiro, quatro se mudaram para João Pessoa de maneira espontânea e apenas um de maneira obrigatória. Suas motivações iniciais podem não ser mais as mesmas e a adaptação nem sempre é fácil. É possível que o processo de adaptação desses informantes não tenha sido fácil e talvez isso explique o porquê de os informantes com vinda obrigatória terem acomodado um pouco mais (27.9%) que os de vinda espontânea (22.2%).

Com isso, conclui-se a análise quantitativa desta pesquisa. Passemos agora para a análise qualitativa dos dados, que em conjunto com os dados quantitativos, nos proporcionam uma melhor compreensão dos resultados.

CAPÍTULO V: RESULTADOS QUALITATIVOS

Os resultados quantitativos por si só não nos fornecem informações suficientes para uma compreensão aprofundada do fenômeno observado nesta pesquisa, portanto, é de suma importância a realização de uma análise qualitativa dos dados. Para isso, observou-se os 16 informantes de maneira individual e comparativa e estabeleceram-se também comparações de suas crenças e atitudes com as variáveis controladas (como o tempo de exposição) e o percentual de acomodação dialetal. Na tabela 9, temos o percentual de acomodação de cada um dos 16 informantes:

Tabela 9 – Percentual de acomodação dos informantes

Informante	Sexo	Idade	Tempo de exposição	Percentual de acomodação
1	F	21	15 anos	3.6%
2	F	22	4 anos	9.4%
3	F	23	2 anos	9.0%
4	F	24	4 anos	6.0%
5	F	38	1 ano	7.2%
6	F	49	31 anos	100.0%
7	F	54	26 anos	80.6%
8	F	55	21 anos	39.7%
9	M	18	7 anos	14.1%
10	M	19	4 anos	1.4%
11	M	22	7 anos	32.8%
12	M	22	2 anos	52.0%
13	M	30	3 anos	5.6%
14	M	36	8 anos	6.9%
15	M	44	8 anos	3.3%
16	M	44	22 anos	100.0%

Fonte: Autor (2020)

Como já mencionado, o índice de acomodação geral foi de 24.8%, variando de 1.4% a 100% a depender do indivíduo.

Iniciemos por observar os trechos mais relevantes das respostas dadas às perguntas específicas realizadas na segunda etapa da entrevista, de maneira que possamos identificar os tipos de resposta mais frequentes, e sua correlação com a acomodação dos informantes. Após essa etapa, passaremos a comparar informantes entre si, de maneira mais individual, levando em consideração as respostas por eles dadas e o percentual de acomodação dos mesmos.

5.1 RESPOSTAS DADAS PELOS INFORMANTES

Para a primeira pergunta realizada, que trata da própria forma de falar de cada um dos entrevistados, obtivemos respostas de diferentes tipos. Algumas delas foram simples e diretas e mostraram em geral uma atitude favorável para com a própria maneira de falar desses indivíduos, como pode-se ver a seguir:

Entrevistador (E) – O que você acha da sua forma de falar?

Informante 1 (I1) – “Eu gosto. ”

Informante 2 (I2) – “O meu sotaque eu acho bonito. ”

Informante 5 (I5) – “Eu acho que sou bem espontânea. [...]. Acho tranquilo. ”

Informante 8 (I8) – “Eu acho legal! ”

Informante 12 (I12) – “Eu sempre achei de boa, né? Mas geralmente quando eu escuto uma gravação da minha voz eu acho bem esquisito. ”

A maioria das respostas, no entanto, foi mais a fundo, mencionando o sotaque:

Informante 3 (I3) – “Onde eu passo as pessoas reconhecem logo meu sotaque, e, sei lá, eu acho muito legal. Eu gosto do sotaque carioca. Eu acho que é meio irritante de vez em quando, mas acho que é... a gente tem uma coisa muito própria [...]”

Informante 7 (I7) – “Olha, eu comecei a ganhar consciência da minha forma de falar quando eu saí do Rio e fui pra Florianópolis, com 19-20 anos de idade. Ao chegar em Florianópolis as pessoas falavam que eu falava diferente. Né, carioca. [...]. Ao chegar eu percebi que as pessoas falavam diferente. Lógico né? Soava tudo muito diferente. E as pessoas me identificavam como carioca, assim que eu chegava, né? Assim que eu falava. E aí eu fui me identificando como o que as pessoas, né, a consciência aí das pessoas de [que eu era] carioca. ”

Informante 9 (I9) – “Eu tenho reparado que o meu sotaque não é mais carioca. É um carioca bem estranho. É quase forçado. No início, quando a gente tava vindo aqui, a gente tava vendo as transições, né? De uma língua pra outra. Aí eu não me permitia mudar o meu sotaque. ”

Informante 10 (I10) – “Eu lembro que quando eu cheguei aqui em João Pessoa eu tinha o sotaque do Pará e do Rio ao mesmo tempo, porque eu sempre mantive contato com esses meus amigos do Rio e eu nunca perdi essa forma de falar do Rio, que é mais puxado, é mais devagar. Mas ultimamente, quando eu comecei a namorar eu tenho falado mais com o sotaque daqui, porque eu passo muito tempo falando com ela. ”

Informante 11 (I11) – “Eu vivi lá e cá, então eu conheço os dois. Me sinto de lá... muito mais de lá do que de cá. Mas como eu já passei sete anos aqui, então eu acho que eu perdi muito o que eu tenho de lá. Mas assim, quando eu falo, principalmente nos primeiros anos que eu vim morar aqui... muita gente falava que eu falava assim, ‘mas okay e tal hmm hmm’, imita né, quando imita o carioca faz ‘nhée’, nunca tive problema nenhum, claro, é meu sotaque. Mas hoje eu consigo ouvir um carioca, eu consigo perceber quando ele tá falando carioquês. ”

Informante 13 (I13) – “A galera aponta, né, algumas das vezes que eu chego num grupo de pessoas. A galera às vezes identifica assim de cara. Eu fico um pouco surpreso né, acho que até essa questão de sotaque eu acho difícil de identificar, né? Apesar de ter contato com diversos sotaques lá na universidade. [...]. Eu acho que é um modo normal de a gente falar e não tenho muita consideração por isso, realmente. ”

Informante 14 (I14) – “Bem, eu acredito que eu ainda mantenho, até de uma forma involuntária, muito da característica da minha região. Hoje em dia facilitado o contato via Whatsapp e grupos, então eu mantenho o meu ouvido atento à forma de se falar lá, mas eu ainda mantenho a minha forma de falar aqui. Embora hoje é muito mais fácil eu conversar com as pessoas daqui, porque nos dois primeiros anos, falar no telefone era algo que não dava, tanto pra entender quanto pra ser entendido. ”

Dentre as respostas que mencionaram o sotaque, quatro expressaram que sentiam que seus sotaques eram agora uma mistura entre os sotaques carioca e pessoense:

Informante 4 (I4) – “Eu acho que tem muita mistura. Talvez eu não tenha perdido o chiado totalmente [...]”

Informante 6 (I6) – “Totalmente misturada já. Eu já tô “parioca” né. Já estou muito mais paraibana do que carioca. Onde eu chego aqui em João Pessoa me perguntam: Você não é daqui, né? Porque eu não falo [t]ia e [d]ia, eu não perdi o [tʃ]ia, [dʒ]ia. Eu acho que tem algum gingadozinho ainda. Mas quando eu vou pra fora eles perguntam de onde eu sou do Nordeste. Porque no Nordeste tem vários lugares como na Bahia, Fortaleza, eles cham um pouco, né? Só que no Rio de Janeiro eles não diferenciam quem é cearense, de quem é baiano, e de quem é de Maceió. Eu que moro no Nordeste, diferencio os sotaques. E eu já morei no Maranhão, tenho amigos do Ceará [...]”

Informante 15 (I15) – “Primeiramente eu acho que falo alto. Eu tenho um volume de voz alto desde moleque. Meu pai dizia que eu falava gritando. É uma primeira coisa. Segundo que eu tenho pouca imitação de voz, então a minha maneira de falar é cansativa pra mim, né, força muito as cordas vocais [...] Acho que eu tenho um sotaque carioca muito marcante, embora, por ser professor isso dá uma diminuída. Não tenho o falar carioca em termos de gíria, em termos de melodia [...] e acho que meu jeito de falar é uma mistura, assim, do caráter descontraído do

carioca com minha personalidade formal e minha profissão de professor. Então tem horas que falo muito desabridamente, muito relaxadamente, até cometendo erros gramaticais, tal, engolindo sílaba, aquela coisa toda. E em outras eu uso uma coisa muito mais rebuscada, né, com regência correta, botando preposição ali certinho. Então fica uma coisa meio misturada assim. ”

Informante 16 (I16) – “Hoje o meu sotaque tá estranho demais. Tá misturado. Muito! Não é pouco. Não sabe se é carioca, não sabe se é paraibano. Tá complicado. ”

Os informantes 6 e 16 foram os dois que mais acomodaram, ambos com 100% de acomodação. Ambos dizem que seus sotaques são uma mistura entre os dois dialetos, e pertencem também aos grupos de maior faixa etária e tempo de exposição.

A segunda pergunta teve o intuito de identificar se há algo específico que eles gostam ou não gostam em sua própria maneira de falar e a grande maioria das respostas mostrou que não havia nenhuma característica de que eles não gostassem. As respostas que apontaram algum ponto negativo foram as seguintes:

E – Há algo específico de que você gosta/não gosta na sua forma de falar?

I3 – “O palavrão, cara. Não adianta. A maioria dos cariocas fala muito palavrão, então às vezes a gente fala que não sente. Então as pessoas aqui começam a olhar pra mim como se eu fosse, tipo uma aberração, entendeu? Isso me incomoda muito. Porque a culpa não é minha, entendeu? ”

I11 – “Eu não gosto, é, do chiado... é. Eu aprendi a não gostar. Não exageradamente. [...] Quando eu chio demais [...] eu tento amenizar isso aqui, eu tô tentando tirar, eu tento me policiar pra tirar. Agora o que eu gosto é também um pouquinho do chiado [...] não gosto do ‘[t]i’ do ‘sss’ ([s]). Eu não gosto nem [de] um [nem] do outro, sabe? Eu gosto de ficar no meio. ”

O informante 11 se mostra indeciso quanto ao chiado em sua fala, afirmando tanto não gostar, quanto gostar dele. E a seguir, temos duas respostas que demonstram de alguma forma uma atitude favorável ao dialeto carioca:

I4 – “Eu preferiria falar mais como o carioca. E eu já não tô mais falando tanto assim. ”

I9 – “O lance do ‘tchi’ ([tʃ]i)... eu sou apaixonado pelo ‘tchi’ [...] é bonitinho. ”

Os informantes 9 e 11 tiveram um índice de acomodação de 14.1% e 32.8%, acomodando mais que as informantes 3 e 4. São eles também que estão há mais tempo em João Pessoa, com 7 anos de tempo de exposição, cada um. Eles se encaixam nas

mesmas categorias de estratificação, por serem irmãos, sendo ambos do sexo masculino e tendo 18 e 22 anos de idade respectivamente. Já as informantes 3 e 4, ambas do sexo feminino, com 23 e 24 anos de idade, respectivamente, têm um menor tempo de exposição (2 e 4 anos, respectivamente), e talvez por isso tenham acomodado menos, com 9.0% e 6.0% de índice de acomodação, respectivamente.

Seguindo adiante, para a terceira pergunta, temos:

E – Você considera que tem algum sotaque? Se sim, qual?

I1 – “Sim. Bastante (risos). [...] Todo mundo fica indignado: ‘Nossa, faz tempo que você mora aqui, você não é pra falar mais assim.’, só que é uma coisa que é de família mesmo, e como quase todo ano eu volto não tem como perder. ”

I2 – “Do Rio. Apesar de estar mais amenizado um pouco, acho que predomina o de lá, do Rio. ”

Alguns informantes dizem ter o sotaque carioca, outros dizem ter uma mistura, enquanto outros dizem não achar que têm sotaque, mesmo que outras pessoas percebam a presença de um.

I4 – “Misturado. Eu considero que o meu ainda é um pouco carioca. ”

I5 – “Eu não acho que eu tenha sotaque, mas meu marido diz pra mim que eu tenho. ”

As três informantes do sexo feminino que mais acomodaram deram as seguintes respostas:

I6 – “[...] Gente, eu acho que tô uma carioca super nordestina já. Assim, arrasto mais do que falo carioca. ”

I7 – “Hoje em dia não. Hoje em dia eu me vejo muito descaracterizada. Né? Completamente descaracterizada. ”

I8 – “Eu acho que eu ainda tenho, né? Um pouco. Porque quando eu encontro alguém, quando eu conheço alguém, eles perguntam logo: ‘Você não é daqui. Você é paulista?’. Geralmente perguntam se eu sou paulista, acho que por causa do puxar do ‘s’. ”

E as respostas dadas pelos informantes do sexo masculino que mais acomodaram foram as seguintes:

I9 – “Bom. Sotaque, sotaque, eu não tenho mais nem nordestino nem carioca. Eu acabei conversando com uma carioca que vinha do Rio, e ela falou: ‘Ei cara, teu sotaque tá estranho’. Porque se reparar eu falo assim, puxado, [tʃ]ipo... Isso não é do sotaque carioca, é como a gente vê, quem tá de fora, imagina que é o sotaque carioca. Então isso a gente pode ver um pouco da minha interferência, entende? Como eu achei que deveria falar e como eu acabei falando. Aí hoje em dia é costume, e tipo, algumas

coisas do sotaque Nordestino eu aceitei e eu digo que o meu sotaque é literalmente meu, é particularmente meu. Acho que ele é mais refinado. Ele não é nem puxado pra um lado, nem puxado pro outro, então agrada qualquer um dos dois públicos (risos). ”

I11 – “Eu acho que eu tenho os dois. Hoje eu posso dizer que eu tenho os dois. Como eu já tô aqui há 7 anos, né? [...] Se eu for pra lá o pessoal vai falar ‘você tá com sotaque paraibano’, e eu tô aqui e o pessoal fala ‘você não é daqui’. Eu tô no meio. ”

I12 – “Ah, eu acho que não, mas todo mundo diz que dá pra saber que sou do Rio. ”

I16 – “Depende com quem eu tô falando. ”

Para a quarta pergunta (“O que você acha do seu sotaque?”), com exceção das respostas dadas pelos informantes 4 e 13, todas as demais afirmaram gostar ou gostar muito do sotaque.

E – O que você acha do seu sotaque?

I1 – “Gosto muito. ”

I4 – “Eu acho que às vezes eu puxo muito as palavras e eu não gosto.” [ela se refere a puxar pro sotaque nordestino, exemplificando com “Que é isso menino?”.]

I13 – “Ah, normal, padrão. ”

I14 – “Eu acho lindo! (risos) Eu acho lindo. ”

Mesmo insatisfeita com o fato de produzir algumas palavras de forma semelhante ou igual ao nordestino, a informante 4 apenas acomodou 6.0% das vezes.

A informante 6, que teve 100% de índice de acomodação, relata um dos motivos por ter abandonado a pronúncia palatal do /s/, que é fenômeno de estudo desta pesquisa. E a informante 7, que teve 80.6% de índice de acomodação, não entra nos mesmos detalhes, mas expressa perceber a diferença em sua fala, quando comparada à de suas sobrinhas e irmãs cariocas.

I6 – “Adoro. Quando eu vim morar aqui eu perdi o doi[ʃ], trê[ʃ], porque pegavam muito no meu pé. Eu dei uma travada. [...] Eu tinha dezoito anos. [...] Agora se eu for quinze dias pro Rio eu volto insuportável. ”

I7 – “Eu gosto. O que eu não gosto muito é ouvir minha voz gravada. [...] Não é tão arrastado quanto o carioca, eu acho, quando eu escuto minhas sobrinhas falando, minha irmã falando, mas quando eu falo e acabo escutando meu áudio, eu falo: que coisa mais arrastada aqui que eu tenho.”

I15 – “Olha, opinião valorativa não. O que eu posso dizer é uma opinião sentimental. Eu faço questão de manter o sotaque e acho que as pessoas deveriam se esforçar sobre isso, porque o sotaque é meio que uma identidade sua, né? Então eu gosto de ser carioca. E gosto no sentido não barrista, mas assim, minhas lembranças tão lá... meus amigos, minha

formação tá toda lá, e por uma questão de raízes eu gosto de preservar isso. Então eu faço meio que um pouco de questão de me policiar pra não incorporar muita coisa do dialeto local, que embora, nada contra. Eu acho inclusive que se os nordestinos forem morar no Rio, têm que fazer a mesma coisa que eu faço, manter o sotaque a todo custo. ”

O informante 15 teve um índice de acomodação de apenas 3.3%, tendo o segundo menor índice de acomodação, mesmo tendo 8 anos de tempo de exposição ao dialeto pessoense. Sua resposta para essa pergunta revela um pouco sobre como ele pensa e sente em relação ao seu sotaque de origem. Ele menciona, inclusive, que o sotaque faz parte de sua identidade. Fator que parece ter exercido grande influência, atuando como inibidor da acomodação.

A quinta pergunta procura identificar se há alguma característica específica que pessoas de outras regiões identificam na fala dos informantes. A maioria deles diz que são facilmente reconhecidos como cariocas, ou ao menos como oriundos do Sudeste, sem destaque para um traço específico em sua fala. Algumas das respostas destacadas foram:

E – Quando você viaja, há algo específico que as pessoas percebem na sua forma de falar?

I1 – “Sim. Todo lugar que eu chego a pessoa fala ‘Ah, você é do Rio, né?’ Assim, logo no começo. Logo de cara já sabe. ”

I4 – “Normalmente as pessoas identificam que eu sou carioca depois de um tempo. Eles ficam um pouco na dúvida no começo. Mas eu acho que quando eu me empolgo... principalmente quando eu tô muito empolgada eu falo muito carioca. ”

I5 – “Logo percebem que eu sou carioca, né? Aí eu fico: pronto, começou! Por que que eu sou carioca? Onde que é o sotaque? O que que é o sotaque em mim que eu não sei? ”

A informante 5 mais uma vez não parece ter muita consciência a respeito de seu próprio sotaque. Apesar de ela ter um índice de acomodação de apenas 7.2%, esse ainda é maior que o de muitos dos outros informantes que estão em João pessoa há mais tempo que ela, que possui apenas 1 ano no local.

A seguir, os informantes 6 e 16, que são os dois únicos a ter 100% de índice de acomodação, dão respostas muito semelhantes, afirmando que os outros reconhecem o sotaque nordestino, quando eles falam. O informante 16 até revela, com essa resposta, que se considera agora paraibano.

I6 – “Sim. Elas percebem o sotaque do Nordeste. O arrastado do Nordeste. ”

I16 – “Notam. Notam diferença. O pessoal sabe que eu não sou mais carioca, eu sou paraibano.”

Os informantes 7, 8, 9 e 11 estão dentre os que mais acomodaram e a seguir, dois deles (I8 e I11) mencionaram características específicas de suas falas, que as pessoas notam quando eles viajam. Os informantes 7 e 9, por sua vez, revelam que já não são tão facilmente identificados como cariocas, pelas outras pessoas.

I7 – “Na Suécia, quando fui dar aula de língua portuguesa, eles me localizavam no Brasil, mas sempre me perguntavam da onde que eu sou, e as pessoas continuam me perguntando de onde eu sou. Né, então... E quando chego no Rio as pessoas também perguntam de onde eu sou.”

I8 – “O ‘S’. Dizem que puxo muito o S, e falo o [tʃ]iado. Falo o ‘tchi’. Falo [tʃi]atro, não falo [te]atro.”

I9 – “Hoje em dia não. Antigamente eles interpretavam diretamente: “Esse é carioca”. Hoje em dia não. “Daonde você é? É paulista?”

I11 – “O chiado.”

Outras respostas interessantes foram as seguintes:

I14 – “Sim, percebem logo de cara. Eu brinco falando que sou estrangeiro, porque fica muito nítido a questão do sotaque, né? O único lugar que acham que não sou do Rio é aqui na Paraíba, que muitas vezes perguntam se sou de Recife. Eu sei que Recife tem algumas formas de falar que são próximas às do Rio, então eu entendo porque que eles perguntam, até pela proximidade e quantidade de pernambucano que tem aqui, então é super natural entender. Mas fora daqui todo mundo já sabe que sou do Rio.”

I15 – “Bom, aqui em João Pessoa, é eu abrir a boca e o pessoal fala: você não é daqui. Mas eles não identificam de onde eu sou. Quando eu estive em Minas, ou no Rio Grande do Sul, ou em São Paulo, aí é o contrário, o pessoal fala assim: você é do Rio, né? [...] Quando eu dei aula em Minas Gerais o pessoal me sacaneava muito por causa do ‘s’, e em São Paulo e no Rio Grande do Sul o pessoal me sacaneava muito por causa do ‘r’ [...]”

A sexta pergunta procura identificar a forma com que os informantes são percebidos ou tratados em relação às suas falas. Afinal, a pressão externa para mudar pode ser um grande fator influenciador para o processo de acomodação.

E – Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou a respeito da sua forma de falar?

I1 – “Ah, tudo isso! Então no começo, [...] logo quando eu vim pra cá, eu era pequena... e a aceitação, assim, no colégio, foi péssima. Porque ninguém queria ser meu amigo. Porque eu era de fora e aí, tipo, tinha uma rejeição grande. Até mudei de colégio por causa disso. Fui pra outro

colégio, aconteceu a mesma coisa. E ninguém gostava, você tinha poucos amigos porque ‘Ah, era a menina que não é daqui’, ‘que não fala igual a gente’, ‘que fala estranho’. E passei por isso muito tempo, só que aí me acostumei. Não liguei e também não ia mudar... forçar uma coisa por causa das pessoas. Mas assim, quando cheguei na universidade foi bem melhor. [...]. Porque assim, pelo menos a minha turma, a maioria não é daqui. É de Pernambuco, é de Fortaleza. É bem diferente, então não tinha esse negócio assim. ”

A resposta da informante 1 é bastante interessante, pois ela mostra que sofreu bastante pressão, por parte de seus colegas, para mudar sua forma de falar e ainda assim resistiu à mudança. Ela tem 21 anos de idade e está em João Pessoa há 15 anos, tendo vindo bastante jovem (6 anos de idade). Ainda assim, seu índice de acomodação foi um dos menores, com apenas 3.6%. O seguinte trecho, de sua resposta, é bastante interessante: “Não liguei e também não ia mudar... forçar uma coisa por causa das pessoas”. Esse trecho, apesar de não revelar os exatos motivos, demonstra que ela resistiu à pressão de mudar, considerando desnecessário fazê-lo apenas para agradar os outros ou se encaixar. Merecem destaque também as respostas a seguir:

I4 – “O pessoal dos meus amigos do Rio, de vez em quando, quando eu mando um áudio, eles ficam meio que debochando do meu sotaque daqui.”

I8 – “Já elogiaram, né? Nunca vi ninguém rindo não [...] a química [do trabalho] pediu pra eu gravar na secretária eletrônica dela: “bom dia, deixe seu recado”, porque achava muito bonito. ”

I9 – “Quando a gente se muda pra um local já tem interferência da língua. Então, muitas das vezes, no início, o povo achava que eu tava me amostrando. Então muitos ficavam ofendidos e acabavam me agredindo verbalmente ou não conversando comigo. Existem os dois caminhos pra quem vem de outra região. Ou o povo se apaixona por vocês ou odeia vocês. Então no caso eu passei mais pela fase de ‘não gostam de falar comigo’. Mas atualmente já tem sido mais aceitável, o povo tem sido mais tranquilo, apesar que meu sotaque não é mais carioca. Acho que pode também pode ter essa interferência. E nem falo mais da minha região. ”

I13 – “Sim, é... as pessoas geralmente gostam, né? E já teve gente que falou que parecia que eu tava forçando o que tava falando. Achei estranho né, mas.... a concepção dela. E, assim, falando mal, eu acho que nunca ouvi ninguém me falar não. ”

I14 – “Sim, sim. Tanto positivamente quanto negativamente [...] a grande maioria positivo. ”

I15 – “Ah, já, muitas vezes. Criticar não, né, a não ser que vá ser de zoação. Zoando, brincando, beleza, mas não... assim [...] e aí eu fiz umas perguntas lá pro cara e na saída a menina falou: você fala muito certinho. E de fato porque eu fiz a pergunta toda e o pessoal me sacaneou pra caramba: ‘parece que você tá lendo’, é uma coisa assim, né? Então, assim, brincando, já teve crítica, né? Muitas pessoas já acham o sotaque carioca

bonito. Eu acho difícil de você mensurar a beleza de sotaque. Um agrada ou desagrada, mas enfim [...] lá quando eu trabalhei no interior de Pernambuco o pessoal dizia que era bonitinho o jeito que eu falava. ”

Temos, nessas respostas, diferentes experiências, mas um ponto comum entre a maioria delas, incluindo também as que não foram destacadas, é que não parece haver muita recepção negativa para o sotaque desses indivíduos, que é, em sua maioria, carioca.

Prosseguindo para a sétima pergunta, observando primeiramente algumas respostas daqueles que acomodaram menos.

E – Você já mudou sua forma de falar para adaptar-se ao seu entorno?

I2 – “Não, nunca forcei nada não. Sempre natural. ”

I3 – “Não. Só os palavrões, mas o resto... eu tento não largar minha origem. Eu acho que isso é muito importante. ”

I4 – “Eu acho que inconsciente eu adaptei o daqui né. Às vezes até pra poder entender, né? Porque no começo era difícil entender o que vocês falavam. ”

I9 – “Não pelos outros... eu acho que eu não me permiti mudar por mim mesmo, porque eu gosto do meu sotaque, me agrado com ele, então não sentia a necessidade de mudar e nem queria mudar. ”

I10 – “Já, já, já. Assim, algumas vezes eu mudei porque eu queria mesmo. Mudei voluntariamente. E outras não, mudei involuntariamente mesmo. Aqui em João Pessoa eu tô mudando involuntariamente mesmo. No Pará, eu lembro que com essa tentativa de bullying eu fiquei pensando nisso por um tempo, eu falei: ‘caramba, eu vou tentar, pra me integrar mais com o pessoal, eu vou tentar mudar um pouquinho’. ”

I13 – “Eu acho que não. Quando eu era criança eu fiz visitas aqui né, e nesse período eu acho que a concepção de sotaque a gente absorve com maior facilidade. E aí acho que quando eu era pequeno talvez possa ter ocorrido, mas atualmente não. ”

I14 – “Já. Tem pessoas que é preciso entrar no mundo dela pra poder conseguir. Por exemplo, eu tive uma empresa aqui de fonoaudiologia, e muitas vezes nós tínhamos clientes do interior. Então muitas vezes eles não tinham nem contato com uma pessoa que tinha um sotaque que nem o meu [...] então eu tinha que me adaptar àquela pessoa e ao vocabulário dela. ”

As respostas dadas pelos informantes 3 e 9 são interessantes pois expressam uma vontade de manter seu sotaque de origem. A informante 3 expressa isso ao dizer “eu tento não largar minha origem. Eu acho que isso é muito importante” e o informante 9 ao dizer “eu gosto do meu sotaque, me agrado com ele, então não sentia a necessidade de mudar e nem queria mudar”. A seguir, temos algumas das respostas daqueles que acomodaram mais:

I6 – “Não. Não é proposital. Eu vou pegando o sotaque, [...]”

I8 – “Já. Tive que mudar porque assim que eu cheguei do Rio, eu trabalhava como auxiliar administrativa. Não tinha muita responsabilidade, vamos dizer assim. Então eu falava de qualquer jeito. Eu falava muita gíria, né? Principalmente gíria, eu falava muita gíria. E quando eu vim trabalhar aqui eu fui ser secretária do superintendente, então eu tive que cortar as gírias, falar mais devagar, porque eu falava também muito depressa, então eu tive que fazer essa readaptação. ”

I11 – “Já. Já. [...]. Esse período que eu passei de dois anos aqui somente, como eu era muito pequeno eu tava pegando a fala né? Aí eu tava com 6 anos de idade... eu peguei muita coisa daqui [...] quando eu cheguei no Rio, e aí foi quando eu defini meu sotaque, não por vontade própria [...]”

I12 – “Quando eu trabalhei, né? Quando eu entrei na empresa eles tinham uma política muito forte assim de você se portar de maneira mais profissional, aí não gostavam que você usasse gírias. ”

Poucos dos entrevistados deram uma resposta positiva para essa pergunta. A maioria parece não sentir, ao menos de maneira consciente, muita necessidade ou pressão para mudar sua maneira de falar com o intuito de adaptar-se ao seu entorno. Dos que afirmaram mudar sua forma de falar para adaptarem-se, a maioria foi por pressão do contexto de trabalho.

Na oitava pergunta, temos:

E – Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I1 – “Mais ou menos 1 vez por ano, eu tento ir, nas férias. Mas eles vêm bastante pra cá. Umas duas ou três vezes no ano. Tem gente da minha família que vem e passa tipo 6 meses, aluga casa aqui e gosta muito. ”

I2 – “Contato via Facebook... telefone não. Raramente eu falo com alguém, por telefone, de lá. Por incrível que pareça nunca ninguém da minha família veio aqui em João Pessoa visitar a gente. Já vieram amigos da família. [...]. Uma amiga minha veio em Março do ano passado, e uma amiga da minha mãe veio agora em Agosto. ”

I3 – “Não, todo mundo me liga. Meus amigos me ligam, fico várias horas com eles no telefone. Eu tenho contato muito forte ainda com o pessoal de lá. ”

I4 – “Uma vez por ano eu vou pro Rio de Janeiro, e às vezes o pessoal de lá vem pra cá... alguém de lá vem pra cá. ”

I5 – “[...] Rio é a passeio. Então no que for possível a gente vai, como fomos em Setembro. ”

I6 – “Da cidade natal não tenho. Minha avó já faleceu, meu tio também, que morava lá [...] eu não faço mais questão de ir pro Rio. ”

I7 – “Olha, hoje em dia com Whatsapp direto né, porque a família tá toda lá, meu filho nasceu em Florianópolis mas mora já há cinco anos no Rio. Todos da minha família, por parte de pai e parte de mãe, são de lá, então eu mantenho esse contato via Whatsapp. Tenho viajado, que eu te falei, mais frequentemente. Eu já estive mais ausente do Rio. Ausente que eu falo de passar três, quatro anos sem ir. Agora eu tenho ido três, quatro vezes por ano. Tenho ido muitas vezes. Essa semana mesmo eu vou. ”

I8 – “Ah. Direto. Minha irmã e minha sobrinha estiveram aqui no início. Eu vou todo ano. Geralmente eu vou em Janeiro e no meio do ano, né? [...]. Aí elas vieram agora em Agosto, pro meu aniversário. Aí ela foi embora no dia 11, quando foi no dia 16 recebi um casal de lá também que nunca tinha vindo pra cá e ficaram assim, maravilhados, os dois. [...]. Agora a gente não tem muito contato por telefone, por causa do Whatsapp. A gente se fala mais pelo Whatsapp, mas eu tenho grupos que eu fazia parte da igreja, então a gente se reencontrou. ”

I10 – “[...]. Quando eu vou ao Rio eu visito os meus parentes e meus amigos, entendeu? Ultimamente que eu tenho passado a visitar os meus parentes, porque antes eu não visitava, mas eu visitei alguns dos meus parentes lá. Porque geralmente eles são um pouco fechados, entendeu? Eu chego lá... eles geralmente são ocupados com a rotina deles, entendeu? Aí poucos têm tempo pra me receber, mas eu visito alguns sim. [E com amigos através da internet] jogando, pelo Skype também só conversando, entendeu? Geralmente diariamente. ”

I11 – “Não é tão frequente. Até porque a parte da família do meu pai, que é de lá é muito pequena, então não tenho muito contato com eles. E a maior parte da família que eu tenho viva é daqui. Mas eu tenho amigos lá então eu sempre mantenho contato. Sendo que geralmente não é contato de telefone, pra eu poder falar, é mais digitando, escrevendo. ”

I12 – “Ah, nenhuma. Minha família toda é de São Gonçalo, aí a gente se fala só por Whatsapp mesmo. ”

I13 – “Cara, visita não tenho tido por conta da distância [...], mas também não tenho muito apego às ferramentas de... social né, que é Facebook, Instagram, essas paradas. Aí eu não contacto muito eles não. [...]. Eles costumam vir anualmente e ficam um bom tempo, porque eles se aposentaram recentemente então é tudo uma vida nova pra eles [...]”

I14 – “Cada ano vem sempre alguém. Esse ano já veio também. Veio até há pouco tempo agora [...] amigos mesmo. Aproveitar, vêm pro Nordeste... Tá acontecendo nos últimos anos de vir mais do que eu ir. ”

I15 – “Olha, manter contato, eu mantenho sempre, mas é Whatsapp, telefone, essa coisa né. E visitar, uma vez por ano certo. Todo ano, fim do ano, eu vou pra lá [...] sempre vou, uma vez por ano tô lá vendo os amigos, vendo a galera lá, enfim. ”

De modo geral, as respostas dadas pelos informantes revelam que o contato com pessoas de suas cidades natal não é tão frequente no contexto do dia a dia. A maioria mantém, no entanto, alguma forma de contato com pessoas de sua cidade natal, seja essa através de visitas ou telefone, variando em frequência para cada informante. De forma geral, as respostas dadas pelos informantes que mais acomodaram parecem indicar uma menor frequência de contato, se comparadas às respostas dadas pelos que menos acomodaram.

E por fim, o informante 9 relatou, em outro momento da entrevista, que o contato com pessoas de sua cidade natal não era muito frequente da mesma forma, e pelos mesmos motivos, que seu irmão (informante 11) relatou. E o informante 16 (que teve

100% de índice de acomodação) em outro momento da entrevista mencionou não ter contato ou receber visitas do Rio de Janeiro. Para a nona pergunta temos:

E – Alguém já percebeu, em sua cidade de origem, alguma mudança na sua forma de falar, desde que você se mudou para João Pessoa?

I1 – “Sim. Ah, que eu tô paraibana. [...]. Meus padrinhos moram lá. Aí eu fui passar 3 semanas na casa deles e eles falaram: “nossa, tá falando diferente. Você não tá chiando tanto. Você tá cantando quando você fala. Foi vários comentários assim, e tipo... só que aí, nossa, nem tinha percebido. Mas é porque é diferente, né, pra eles lá... me verem assim.”

I2 – “Eles notam sim. [...]. Se bem que tem gente... pela primeira vez agora em Setembro quando fui no Rio, uma menina de lá que eu conheci recentemente lá, ela disse que meu sotaque não tinha mudado nada. Assim, ela não tinha como fazer a comparação também, né? Mas ela disse que não percebia uma coisa diferente.”

I3 – “Já. Já falaram que eu tô com sotaque daqui. Algumas coisas eu tô já puxando, entendeu?”

I5 – “Não [...] Por que eu venho me policiando, por que eu tenho facilidade... que como eu fico ali ó me cobrando pra não pegar. E eu tenho me cobrado, eu venho me policiando, eu venho me vigiando, eu venho, que senão eu já tava, já tava arrastando, já tava no pique daqui.”

É interessante como a informante 5 relata se policiar para não acomodar ao sotaque pessoense, pois esse fator certamente é um grande inibidor da acomodação. De toda forma, não se pode atribuir a isso o fato de ela ter apenas 7.2% de índice de acomodação, uma vez que ela tem apenas um ano de tempo de exposição ao novo dialeto.

I6 – “Com certeza. Só basta chegar.”

I7 – Quando eu morava em Santa Catarina eles falavam que eu tava falando como o pessoal do Sul. Então eles percebiam alguma diferença. É... Hoje em dia eles falam que eu falo como o Nordeste fala. As minhas sobrinhas mais novas... essa tem 16 anos, a outra tem 18, aí falam: “Nossa como fala diferente!”

I8 – “Me falaram: ‘Nossa você já tá falando cantando. Você mudou muito o sotaque já’.”

I9 – “Já. Já. Exemplo disso foi aquela carioca que veio pra cá que ela reparou que meu sotaque tava estranho. E o pior de tudo é que o carioca é um ser do mal, cara. A gente tira muita onda [...]”

I10 – “É porque assim... Eu... parece que é mágica, quando eu piso no solo do Rio o meu sotaque volta ao normal, volta pra lá, entendeu? [...]. Quando eu chego no Rio todo mundo tá falando com sotaque carioca e eu não sei mas eu acho que é... é do meu inconsciente que eu volto a falar, um pouco mais com o sotaque de lá, automaticamente, entendeu? Sem precisar de tempo pra adaptação.”

I11 – “Não. Não porque justamente, como eu não converso... eu escrevo mais, e aí por isso que não tem como essa fala chegar aos ouvidos deles. Mas, por exemplo, eu tenho certeza que se eu chegar lá... eu falo muito ‘oxe’ [...] então acho que se eu for pra lá...”

I12 – “Todo mundo diz que minha voz mudou... que eu tô falando igual um baiano. Mas eu não acho não. ”

I13 – “Olha, mudança não teve não, mas algumas palavras, né? Algumas palavras que não usava lá, com muito contato aqui passei a usar. ”

I14 – “De fato não, mas de sacanagem sim. A gente brinca, por exemplo, tem um amigo meu, a gente fala que somos irmãos... e na época eu morava na zona sul do Rio e ele morava na zona norte. Então eu chamava ele de ‘do norte’ e ele me chamava de ‘do sul’ só por questão do bairro, porque lá também tem rixa de bairro. Agora eu sou o ‘do norte’, porque eu tô aqui, mas em questão de falar gíria, quando eu falo com eles é muito próximo do normal. ”

I15 – “Não. Não, eles não perceberam isso não. Não, eles perceberam, porque, a mudança que você não tem como não ser afetada é a questão vocabular. Aí não tem jeito, então vira e mexe... por exemplo, o que chamam de macaxeira aqui, lá é aipim [...] essas coisas vocabulárias assim a galera sabe que eu incorporei, e aí me sacaneiam né, um pouquinho. Me zoam por causa disso. Mas em geral meus filhos mantiveram o sotaque carioca. Teve um tempo que eles tavam bem misturado, assim, né, mas agora eles tenderam mais pro falar carioca. ”

I16 – “As vezes que eu fui, sacanearam tudinho. ”

Com a décima pergunta, procurou-se identificar se os informantes acreditam haver alguma forma de julgamento em relação à maneira de falar das pessoas:

E – Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira que falam?

I1 – “Sim”

I2 – “Sim, principalmente pelo sotaque [...] Eu acho que tem muito preconceito sim, ainda. Principalmente contra o nordestino, porque é um sotaque bem original, bem diferente de tudo que existe [...] justamente por ser tão diferente, as pessoas acham que é estranho, que é feio, que tá fora do padrão, enfim. Não existe um padrão. ”

I3 – “São. Muito! Muito! Não é pouco não. [...]. Principalmente eu acho que é o vocabulário. [...] Graças a Deus eu raramente falo errado ou escrevo errado, mas eu percebo muito isso aqui que a galera fala muito errado. Então assim que eu cheguei aqui eu ficava rindo, eu não aguentava [...] é muita gente falando errado, então eu demorei muito a me acostumar com isso, entendeu? ”

I4 – “Muito. Eu acho que aqui principalmente. Eu já tive muito problema aqui por causa do meu jeito de falar. Porque o pessoal daqui não entende muito, às vezes nem o senso de humor carioca, e nem que certas coisas não têm maldade, é só o jeito de falar. ”

I5 – “[...] seria somente a língua, né. O português. ”

I6 – “Sim, sim. Porque quando eu vou, pra, principalmente no Rio, o carioca é muito debochado é muito barrista. Aí começa a falar: O paraíba, o paraíba, e todo nordestino é paraíba. E essas coisas do carioca eu não gosto, sabe? ”

I7 – “Com certeza! A questão da variação linguística. Outra coisa que acontece comigo especificamente que eu esqueci de falar, é que eu saí do Rio muito nova. Então tinha uma gíria que eu usava. Então hoje em dia, como eu tô indo mais pro Rio, então quando eu uso algumas gírias, aí meus irmãos olham pra mim e falam assim: ‘Ninguém mais fala assim’.”

I8 – “Ah, são. A gente tem essa coisa de, se a pessoa fala muito palavrão, muita gíria, a gente bota uma certa resistência. ”

I9 – “São. Com certeza. Se a gente vê uma pessoa vindo do interior, querendo ou não, pode ser preconceito. Assumamos que temos. Mas a gente vê ele falando daquela forma errônea, a gente já vai desqualificá-lo. A gente já vai achar que ele não tem a mesma capacidade que a gente. Então da mesma forma. Se a gente vê muita região de uma pra outra, se falam algumas palavras que são meio estranhas e soam erradas. A gente já vai olhando meio torto. ”

I10 – “Não. Se são julgadas, são julgadas por pessoas que não deveriam julgar nada. Porque o jeito que a pessoa fala não diz muita coisa, se tá relacionada ao sotaque. Mas ao modo de dizer, de falar errado, aí tem a ver com a formação dela, entendeu? ”

I11 – “Quando eu cheguei aqui muita gente olhava pra minha família com um jeito como se a gente fosse melhor do que eles. Não sei por que. Como se exaltassem. É do mesmo jeito quando um estrangeiro chega no Brasil. [...]”

I12 – “Ah, com certeza, né? ”

I13 – “Eu acho que não. Na minha concepção não. Bom apesar de eu identificar o paulista, e acho que vou mudar minha resposta (risos). ”

I14 – “Sim, são, são... acho que sim. ”

I15 – “Pra caramba. Né? Não tem... é um cartão de visita. Não tem jeito, né? Tanto quanto a tua aparência. As pessoas trabalham com estereótipos, né? Estereotipia é uma coisa necessária, ela ajuda, mas por outro lado ela também distorce. ”

I16 – “Às vezes sim. Mais sotaque, pronúncia... é... vocabulário na realidade, né? É mais estranho o paraibano falando. Tem mais mania. ”

Com exceção da resposta do informante 10, todas as outras concordam que há alguma forma de julgamento em relação à fala das pessoas. Em um momento prévio da entrevista o informante 13 havia dito: *“o sotaque de São Paulo é o mais chato, cara. Não sei se é uma rixa pessoal, né, mas geralmente eu não me identifico muito bem com os paulistas não”*, o que fez com que ele mudasse sua resposta para essa pergunta e também concordasse que as pessoas são julgadas pela maneira que falam. No entanto, com a décima primeira pergunta, obtiveram-se diferentes respostas que revelam que pouco mais da metade dos informantes acredita não terem sido julgada da mesma forma. Tais respostas foram curtas e direto ao ponto, como exposto a seguir:

E – Alguém já o julgou dessa forma?

I1 – “Não. ”

I2 – “Não. Julgar não. ”

I3 – “Não. ”

I5 – “Não. ”

I6 – “Não. Eu acho que é por causa do meu jeito, sabe, porque eu não dou muito espaço pra a pessoa... ”

I8 – “Graças a Deus aqui não. Aqui fui super bem recebida. ”

I12 – “Acho que não. ”

I13 – “Não. ”

I16 – “Não. ”

Os demais informantes deram respostas positivas para a pergunta:

I4 – “Já. ”

I7 – “Já. Agora eu acho que tem uma coisa que tá no inconsciente coletivo, que é essa coisa da visão colonizada. Tipo, o carioca é de alguma forma melhor ou qualquer coisa assim. Porque, por exemplo, quando eu tava em Santa Catarina eu percebi um preconceito muito grande contra o gaúcho, né? Mas em relação a carioca, tinha uma coisa de um quê de admiração. A sensação que eu tinha era essa, né? No Nordeste eu também acho isso. É como se fosse legal que ela fala diferente. [...]. Eu acho que hoje também tá diminuindo, né? ”

I9 – “Por ser carioca? Já. Tem um colega meu que, hoje é meu colega, mas quando eu conheci ele, ele não gostava de falar comigo, não gostava de ficar perto de mim, porque meu sotaque era carioca. ”

I10 – “Não, não. Já... já... muita gente já falou: ‘Tem sotaque de carioca e não sei o que. É marginal.’ Mas, tipo, não é coisa a se levar a sério [...]”

I11 – “Já. Já me julgou, quando eu cheguei aqui, já me julgou, mas no sentido de melhorar, né? E que eu não me achava tanto assim. Eu sou normal. ”

I14 – “Já, já, já. Como se diz no Rio, já tomei um esporro por procurar falar muito certo. ”

I15 – “Oh, eu acredito que sim. Sim... já. Com certeza já aconteceu. O caso que eu lembro, que eu posso falar pra você, é uma vez em Curitiba, eu e um colega, a gente tava na cidade querendo pegar uma informação [...] e a gente foi lá falar: ‘a gente queria saber onde é o shopping tal, no lugar tal’, aí ela ficou olhando assim: ‘você são do Rio, né?’, aí ‘somos’, aí ela ‘então vai ali e pergunta, tá?’, e saiu andando, do tipo, esses aí são bandidos, são não sei o que. São da rocinha sei lá das quantas. E aí um fato explícito, assim que quando a gente falou bom dia, ela foi toda solícita e quando falou e aí apareceu o sotaque [...] mas com certeza foi discriminado alguma coisa por isso. ”

O informante 10, em um momento anterior da entrevista, chegou a mencionar que sofreu tentativas de bullying por causa do sotaque, mas pareceu inicialmente não ter certeza de sua resposta. Já, a informante 11 menciona ter recebido julgamentos positivos acerca de seu sotaque, como ele diz em sua resposta: “no sentido de melhorar”.

Para a décima segunda pergunta, realizada a seguir, doze das respostas foram positivas, incluindo a do informante 9, que recebeu destaque juntamente com as respostas negativas. As demais respostas positivas não mereceram destaque por serem extremamente curtas, como um simples “sim” ou “sim, muito”.

E – Você acha fácil compreender pessoas de outras partes do país?

I2 – “Não. Assim mais ou menos né. Tem uns que são mais fáceis que os outros. Depende se a pessoa for muito, assim... citando exemplos de pessoas que são do interior daqui, que falam bem rápido e bem carregado também, com umas expressões (risos), que a gente não conhece direito. Aí já fica difícil a compreensão. ”

I4 – “Não achava não. Hoje em dia já acho mais, acho que por causa das minhas viagens. ”

I9 – “Eu acho fácil. Pela questão de eu ter vindo do Rio e pra a Paraíba que eu acredito que são duas regiões bastante distintas. Uma é superpovoada e outra é muito tranqüilona. Uma é mais alegre a outra é mais mórbida. Então, eu acho que a gente indo pros dois extremos, a gente se torna a aceitar qualquer coisa. Como disse, minha família se adapta pra qualquer coisa. ”

I10 – “De início, quando eu cheguei aqui eu tinha dificuldade. Porque tinha muita gente que falava muito rápido. Por exemplo, minha sogra, atualmente, eu ainda tenho dificuldade, porque ela fala muito rápido, muito enrolado. Acho que é mais sotaque de interior mesmo. Mas com o tempo comecei a criar mais facilidade pra entender. ”

I13 – “Sim, é fácil. Bom, apesar de que algumas pessoas falam rápido pra caramba [...]”

I15 – “Não. Eu tenho alguma dificuldade com o nordestino de alguns lugares. Eu acho muito rápido, uma prosódia difícil de você pegar e já tive dificuldade. ”

Semelhantemente à pergunta anterior, para a décima terceira pergunta, a maioria dos entrevistados ofereceu respostas parecidas entre si, em sua maioria negativas, nesse caso. Merecem destaque as respostas a seguir:

E – Você já se sentiu intimidado ou confuso pelo sotaque/falar de alguém?

I4 – “Já. Já fiquei sem graça de conversar, principalmente com o pessoal do interior, porque eu gosto de corrigir. Aí, tipo assim, não tá errado, mas ao mesmo tempo tá errado, na minha cabeça. É confuso até pra eu entender o que a pessoa tá falando, às vezes. ”

I6 – “Sem entender direito? Meu amigo, se você for pro interior do Rio Grande do Sul, ou o interior do Amazonas, você não entende o que eles tão falando. Tem muita expressão específica. ”

I11 – “Eu não entendo quando o sotaque é muito carregado. Muito carregado mesmo. Por exemplo, o pessoal do interior do interior do interior da Paraíba que fala muito rápido e cortando letras e vogais e consoantes e tudo que vem pela frente. E o pessoal gaúcho. [...] complica, né? Mas eu entendo. ”

I13 – “Confuso talvez. Confuso sim. ” [devido ao motivo mencionado na resposta para a pergunta anterior]

Para a décima quarta pergunta, destacamos:

E – Você acha alguns dialetos/falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?

I9 – “Bom, eu acho que o nordestino é, visando para quem tá vindo de fora... eu acho que o nordestino é o mais fácil de se entender, porque ele não arrasta muito. Apesar de ser uma [t]ia, essas coisas, é uma linguagem bem mais falada... se a gente reparar, se encaixa muito bem. Mas, de preferência, eu gosto do meu sotaque, eu gosto do paulista, eu gosto do Rio Grande do Sul, e Pernambuco. Pernambuco é legalzinho, é um nordestino carioca. (risos) ”

I16 – “O carioca... é mais interessante. ”

É interessante e até surpreendente o fato de que o informante 16 aponta o dialeto carioca como mais interessante, pois ele foi um dos informantes que acomodou 100% das vezes. Também é interessante o fato de que a maioria dos informantes apontou como mais bonito o falar do Sul, como o gaúcho, por exemplo. Muitos deles também apontaram o paulista, ou o próprio carioca, como dialeto que consideram mais bonito.

Com a décima quinta pergunta, procuramos identificar o que os informantes pensavam sobre a Paraíba antes de se mudarem:

E – Diga, em poucas palavras, o que você pensava sobre a Paraíba antes de vir para cá.

I1 – “Então, eu era muito pequena né?! Mas assim, eu tinha uma visão meio diferente. Até um tempinho depois de eu morar aqui, assim que eu fui conhecendo mais as coisas, eu achava que não era assim tão desenvolvido. Que não tinha tanta coisa como o Rio, assim... Porque querendo ou não você faz uma comparação. [...] Tipo assim, eu viajo sempre, então você acaba comparando algumas coisas. Mas eu me surpreendi bastante, com certas coisas aqui. ”

I2 – “Eu sabia muito pouco daqui antes de vir pra cá, e eu via muitas pessoas ao meu redor, principalmente o pessoal que estudava comigo, vendo muito o lado negativo: ‘ah só tem seca’, sabe... enfim. Essas coisas desse tipo. Mas eu sabia que não era assim, porque a partir do momento que eu saí do Rio para ir pro Pará, eu via que também muita gente do Rio tinha preconceito com o Pará, e eu tava vivendo aquela realidade e eu via que não era bem assim. ”

I3 – “Cara, eu acho que é a mesma visão que todo mundo tem né?! Que aqui só tem mato, seca e boi morto. (risos) ”

I6 – “Eu não sabia nada. Eu não sabia nada, e meu pai comprou porque era uma cidade pequena no Nordeste, e bem assim, pequenininha mesmo, no início, e com o mercado de trabalho aberto. Porque eu e minha irmã, a gente vinha pra fazer vestibular. [...] Então como ele ia se aposentar, ele pensou na aposentadoria dele, e no nosso futuro. Porque bem mais difícil eu conseguir trabalho, recém-formada no Rio de Janeiro. E aqui, tipo, era bem carente... prédio não tinha, tinham três, quatro. Tinha dois na beira-mar, um no centro da cidade, entendeu? Eu achava, quando eu vim morar, eu achava inclusive muito provinciana, muito interior, muito. No início eu sofri um pouco, assim, com o choque. Foi uma das cidades mais acanhadas que eu já tinha morado. ”

I7 – “Em 75 eu tinha 11 anos de idade. O meu pai é do Maranhão, né? Então nós fizemos uma viagem pelo Nordeste inteiro de carro, eu e meus

primos. Éramos cinco crianças e dois adultos. E eu vinha a viagem inteira ouvindo a minha mãe falar do Nordeste, né? [...]. Quando surgiu a possibilidade de concurso, [...] e surgiu vaga, eu não pensei duas vezes. Eu fiz pra cá e fiz o doutorado. Passei pros dois e falei assim: ‘entre um emprego e uma bolsa, eu vou pro emprego.’ Tava com filho pequeno. Eu nem parei pra pensar. Onde quer que eu fosse, eu iria por causa do emprego, né? [...]. Hoje em dia eu pensando, eu não vim com “Ah, não quero sotaque, não quero isso”, mas eu lembro da família ter reação: ‘Ah você vai criar teu filho no Nordeste’, e eu fiz: ‘Ué, porque não?’ ”

I8 – “Antes de eu vir pra cá, era um lugar seco demais, as pessoas passavam fome, só tinha gente barriguda, desdentada. E a gente percebeu, eu e minha família, porque depois eles vieram me visitando, que quem tava passando fome era a gente lá no Rio. Porque o café da manhã aqui era um café que tinha inhame, macaxeira, queijo coalho, queijo manteiga, queijo não sei o que. Era uma fartura imensa então a gente percebeu que era a gente que passava fome. ”

I9 – “(risos) Ah, foi horrível, foi horrível. Acho que a ignorância me dominava, né?! A gente pode levar em conta que eu tinha 12 anos, então... mas tipo, eu imaginava que ia ser sítio, ia ser essas coisas. E tipo, eu sou apaixonado por pamonha, que é uma comida típica daqui, então eu jurava que se eu fosse andar na rua, em cada calçada ia ter gente vendendo pamonha, tapioca, essas coisas, que eu amo, mas não tem, não existe. Você tem que ir pro interior pra comprar. ”

I10 – “Pra mim como todo cidadão do Sudeste em si [...] o pessoal lá não tem uma ideia muito abrangente do Nordeste, entendeu? Eles acham que Pernambuco e Paraíba são quase iguais. [...] A minha ideia do Nordeste era bastante praia e sol. ”

I11 – “Quando eu cheguei aqui foi em 2007. E aí a minha mente não tava tão completa assim. Eu pensava que a Paraíba, precisamente João Pessoa que era o local onde a gente ia morar [...] Eu achava que João Pessoa era uma cidade pequena e tal e... não tinha muita expectativa. Achava que João Pessoa ia ser não tão boa quanto Rio de Janeiro. Só isso. Já ouvi muita gente de lá, achar que, por exemplo, não tinha universidade federal aqui, então daí você tira o que eles pensam, né? ”

I12 – “Ah, acho que eu partilhava muito do senso comum de todo mundo que mora no Sudeste. Que aqui não era muito desenvolvido [...] ah, muito do que só a mídia transmite pra lá né? ”

I13 – “Quando eu era menor era muito taxado que o sertão nordestino era muito entregue à seca, né? Muita seca. Bom isso realmente ocorre, mas, inclusive no ano que cheguei eu fiz uma visita ao sertão. Fui até a cidade de Catolé do Rocha. Passei por Pombal, Soledade, e outras cidades. Mas tirou aquela impressão que eu tinha [...] que era só seca, chão rachado, galera passando fome. Mas não, tem água, tem as cidades bacanas, funcionam tranquilas, bastante verdes. ”

I15 – “Oh, eu vim morar no Nordeste... a minha família por parte de mãe é descendente toda nordestina [...] só que assim, é isso. Eu nunca tinha vindo ao Nordeste antes de passar na prova. Eu vim pra Recife pra fazer a prova pra Serra Talhada e depois fui morar em Serra Talhada sem nunca ter ido à cidade. Fui morar lá com a cara e a coragem. E a Paraíba idem. Agora... a primeira vez que eu estive em João Pessoa eu gostei muito da cidade. E eu acho que o brasileiro tem, de um modo geral, principalmente o brasileiro do Sudeste... ele não conhece o Brasil, ele trabalha muito com a estereotipia. Então, quando eu falei que ia morar em Serra Talhada [disseram] ‘Você é maluco. Você vai pro sertão, pro deserto, não tem

água', não sei o que. E eu encontrei um lugar ótimo, entendeu, de pessoas super legais. Não é uma cidade bonita assim, mas também não é uma cidade que você fica imaginando lá, com casebre com pessoal carregando água... tem lugares no estado do Rio de Janeiro muito piores. ”

I16 – “Antes de vir pra cá... que era aquela pobreza. Tinha aquela visão de pobreza que o pessoal sempre fala: Paraíba, aquela pobreza, seca. Mas nada disso é real. ”

Antes de virem a conhecer e morar no local, os informantes, de maneira geral, compartilhavam da mesma impressão da Paraíba. Uma impressão de que só haveria seca e pobreza. A visão deles muda bastante com a chegada ao local, como podemos ver em suas respostas para a décima sexta pergunta:

E – E agora que está aqui, o que acha?

I1 – “[...] eu achava que não era assim tão desenvolvido. ”

I2 – “Eu gosto muito. Eu acho que as expectativas foram superadas. [...]. Eu sou muito ligada às paisagens, sabe? ”

I3 – “Assim, eu acho muito legal, assim, bonita, a cidade é muito bonita. Realmente algumas pessoas daqui são bem diferente do que eu pensava.”

I4 – “O bom é que as grandes massas não vêm pra cá e aqui consegue conservar ainda muita coisa por conta disso. Eu achava que aqui era água de poço, na época, e achava também que o pessoal daqui era mais atrasado tecnologicamente falando. E que foi mostrado ao contrário. Eu aprendi muito mais aqui, do que na época que eu morava no Rio. Eu acho o pessoal daqui mais educado. Sinto muita diferença na questão de comunicação. ”

I5 – “Nada a ver [com o que pensava anteriormente]. Não conheço o interior, né?! ”

I6 – “Mudou tudo, mudou tudo. Porque João Pessoa é muito especial. Ela tem uma energia assim, a coisa da qualidade de vida, ela leva muita gente a isso, ela convida muito a isso, ela atrai muito pelo aconchego. Essa coisa que eu achava que era coisa de interior, é a maior qualidade dela. É justamente esse acolhimento. ”

I8 – “Hoje, pra mim, é o melhor lugar no mundo. Tanto é que eu passei cinco anos em goiás, trabalhando, mas eu não suportei. Eu não suportei. A gente poderia ter ficado mais tempo lá. Comprei casa e tudo lá porque a minha intenção era ficar. Mas eu não suportei. [...] era longe de praia, longe de tudo, porque a gente tava no interiorzão. ”

I9 – “Bom, é... mudou bastante, né? É diferente do que eu imaginava, mas foi um choque muito ruim em certa parte, porque como as pessoas agem em um local e em outro é bem distinto. Lá no Rio a gente vê pessoas mais sociáveis. Não da forma grosseira, que eu queira dizer, mas literalmente, você pode ver que se você conversar com o carioca ele vai se abrir muito fácil com você, entendeu? Ele vai conversar com você. Mas se você puxar essa conversa com um nordestino, você vai ver que ele vai se sentir ofendido, vai achar que você tá tentando se intrometer na vida dele. Entendeu? Ele é mais resguardado. ”

I10 – “Estando... presenciando o lugar, eu acho totalmente diferente. Dá pra ter uma ideia de espaçamento. Dá pra ter ideia do que tem ao meu norte, ao meu sul, dos estados. Como eu estudei aqui dois anos do ensino

médio, eu aprendi um pouco da história da Paraíba também. [...] E eu acho que é de certa forma falta de conhecimento, falta de noção das pessoas, de vir conhecer mesmo, porque esse problema todo que o pessoal fala do Nordeste, que fica falando que nordestino não presta é simplesmente falta de noção ou nunca veio no Nordeste pra saber na real o que que é o Nordeste. ”

I11 – “Tudo mudou. Eu conheci a cidade muito mais de perto. Conheci a universidade. Vi que a universidade não é tão pequenininha assim. [...]. É uma universidade muito, muito boa. A cidade é confortável. Dá pra se viver, dá pra se morar, tranquilamente. O centro da cidade é perto do bairro onde você mora, não interessa onde. É tudo muito acessível... comparado ao Rio de Janeiro que da minha igreja até em casa, via expressa era quarenta minutos. [...]. Gosto muito de João Pessoa e cada ano que passa eu gosto mais. ”

I15 – “Então a Paraíba me surpreendeu muito positivamente, né, João Pessoa eu gostei bastante. Depois pela EAD eu fui a Cajazeiras, Sousa, Coremas, um montão de lugar. Quando você pensa em Nordeste, pra um carioca, você pensa sertão e capital. A capital você lembra da praia [...] então se eu falar assim ‘vou morar em Fortaleza’, ‘vou morar em Recife’, tudo bem, eu vou morar perto da praia, pronto, a visão é essa. E a pessoa esquece que tem uma cidade, com coisa e lembra praia. E como eu falei que ia pro sertão a visão do sertão, cara, é a visão do sertão, cara, é a visão daquele filme do Alto da Compadecida. A cidadezinha desse tamaninho. O cara com aquele chapeuzinho de cor, bode, seca, sol. E o pessoal acha que não tem nada, que você não vai ter o que fazer, tal. E não foi isso que eu encontrei, entendeu? Inclusive até a questão da pobreza, eu encontrei até de uma forma até bastante minorada. Eu acho que o Rio e São Paulo têm lugares muito mais miseráveis. Eu vi miséria de maneira muito mais gritante assim no Rio do que no interior. Então foi uma surpresa muito positiva. Tem muito problema, tem realmente muitas coisas... mas me surpreendeu assim. Cidade arborizada, bem organizada, bonita. É algo que os cariocas não pensariam muito não. ”

Já a décima sétima pergunta, procurou identificar se havia interesse por parte dos informantes em voltar a morar no Rio de Janeiro e se a relação disso com a acomodação desses informantes seria considerável. De fato, muitos dos informantes com altos índices de acomodação, como as informantes 6, 7 e 8 e os informantes 11 e 16, por exemplo, não expressaram desejo em voltar para o Rio de Janeiro. Mas temos a situação inversa com o informante 12, que tem 52.0% de acomodação, e deseja voltar para o Rio para ficar mais próximo da família e em busca de melhores oportunidades de emprego. Já dentre os informantes que acomodaram menos (1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 13, 14 e 15), temos uma mistura de respostas, como pode-se ver a seguir:

E – Tem interesse em voltar para sua cidade natal?

I1 – “Não. Só pra visitar mesmo. Eu gostei muito daqui. Porque, eu achei mais tranquilo e tipo assim, com relação à proximidade das coisas. Lá no Rio, pra você resolver algumas coisas você leva um dia todo. É muito

trânsito, é muita coisa. E aqui já é muito tranquilo, assim... num dia você faz tudo que você tem que fazer, e é tudo pertinho, é tudo tranquilo. ”

I2 – “Tenho, tenho. Em relação às pessoas, sabe? Não só às pessoas, mas a questão econômica também. Economicamente falando porque eu sei que lá as oportunidades são maiores, né?! Eu posso vir a ter mais chance de ter sucesso, mas enfim. ”

I3 – “Tenho. Tenho. Tenho. Nossa, eu amo muito meu Rio de Janeiro. ”

I4 – “Se a violência magicamente acabasse lá, eu voltaria. Ao mesmo tempo que eu falo isso eu digo que não, porque eu peguei muito apreço por aqui. ”

I5 – “Não. [...]. Não tenho mesmo! ”

I6 – “Nunca, jamais! ”

I7 – “Não, pelo contrário. É, pro Rio eu posso viajar, mas morar no Rio... Embora eu esteja às portas, né, da aposentadoria. Mas Rio não dá (risos). Rio não dá! ”

I8 – “Pra morar? Não! Só visito porque tenho família lá. Hoje a situação que a gente tá vivendo lá, pra morar não. Tem lugares belíssimos. Não vou dizer que não tem. Tem lugares belíssimos, mas hoje, com a violência, a gente tá assustado demais. Não gostaria. ”

I9 – “Olha, eu tinha bastante... bastante mesmo, mas hoje em dia eu já me adaptei aqui... não que eu não conseguiria viver no Rio de Janeiro. Consequiria tranquilamente, mas... eu gosto daqui e se eu for me mudar vai ser pra outra região, não necessariamente o Rio. ”

I10 – “Tenho. Eu... assim como eu quero terminar meus estudos aqui, eu quero voltar pra lá também, porque... eu não sei explicar. Eu gosto do Nordeste. Eu gosto da tranquilidade que eu sinto de morar aqui, e desse clima, porque em comparação com as outras capitais, João Pessoa é muito tranquilo, entendeu? [...]. O ritmo é outro. Lá no Rio, São Paulo, é tudo mais correria. Mas é questão de sentir o lugar em si, eu não sei explicar direito. As pessoas que eu mais gosto, os meus melhores amigos mesmo, moram lá, e pra minha área tem muito mais oportunidade lá também. E o lugar em si... crescer naquele lugar, pra mim foi tudo, entendeu? Eu fiquei até feliz de ter me mudado de lá pra conhecer outros lugares, conhecer outras pessoas, outras culturas. Eu acho que, eu não me arrependi de ter me mudado, isso me fez muito bem. Eu não sei quando eu vou ter condições de voltar pro Rio, mas eu quero que no fim dê certo uma volta pra lá. ”

I11 – “Só para passeio. ”

I12 – “Sim. Pra ficar perto da família e também conhecendo mais os serviços daqui talvez chance de trabalho talvez não seja tão vantajoso. ”

I13 – “Tenho. Tenho interesse sim. Ultimamente eu penso no Rio de Janeiro como um ponto turístico, um ponto de lazer. Um dos fatores que eu tenho gostado bastante aqui é a questão de proximidade das coisas. Lá era tipo sessenta quilômetros da minha casa pro centro do Rio. Aqui eu já tô na capital, pro centro de João Pessoa que é três, quatro quilômetros, dá pra ir a pé. Pra a praia também dá pra ir a pé [...]. ”

I14 – “Não. Eu gostaria de sair do país, na verdade. Aí não seria pro Rio ou qualquer outra cidade. ”

I15 – “Nenhum. Eu tenho assim, muita saudade da família, dos amigos, da vida lá e tal. Mas vontade, interesse, não. Não... só uma coisa me faria voltar pro Rio... ter uma proposta de trabalho financeira e academicamente melhor do que a que eu tenho aqui. Como isso é muito difícil de ocorrer [...] então eu não vejo porque. ”

I16 – “Nenhum. Porque é bom [aqui], tranquilidade. É sol e mar. ”

Para a décima oitava pergunta, as respostas mais comuns foram que as pessoas da Paraíba reconheciam que os informantes eram cariocas ou ao menos reconheciam que eles eram de outro estado.

E – Você acredita que estando aqui na PB as pessoas podem saber de onde você é simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?

I6 – “Sim. Uma metadezinha já sabe que sou do Rio.”

I7 – “Ficam confusas. Geralmente ficam bastante confusas. [...]. Colocam sempre assim: ‘Ah, você é do Sul!’, mas não me colocam no Rio de Janeiro não.”

I10 – “Atualmente algumas pessoas têm mais dificuldade em dizer. Geralmente as pessoas perguntam se eu sou de Recife ou do Norte, porque eu falo chiando, mas não falo tão arrastado mais, porque eu perdi um pouco do sotaque. Mas no início quando eu cheguei as pessoas falavam: ‘pô, você fala assim, você é carioca, só pode.’.”

I11 – “Muita gente hoje em dia entende que eu não sou daqui. Cinquenta por cento entende que eu sou carioca, mas os outros cinquenta é como se falasse ‘ele não é daqui’. Só isso.”

Mesmo com 100% de acomodação, a informante 6 afirma que cerca de metade das pessoas paraibanas reconhece que ela é carioca. Talvez por causa de outros traços em sua fala que ainda carregam alguma essência do falar carioca. A informante 7, por sua vez, com 80.6% de acomodação, afirma que as pessoas costumam ficar confusas e não a percebem como carioca.

A seguir temos a décima nona pergunta:

E – Quando você compara a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, com a fala das pessoas da PB, você pode dizer que aqui as pessoas falam: a) depressa; b) muito depressa; c) devagar; d) arrastado.

I1 – “Eu acho muito arrastado, algumas pessoas. Principalmente do interior daqui. Mas, é... depressa também. Tem uma coisas que falam assim que eu nem consigo entender direito... umas gírias, assim, daqui...”

I2 – “Aqui as pessoas falam muito depressa [...]. Eu já me acostumei, mas no início foi difícil (risos)”

I3 – “Depressa.”

I4 – “Eu acho que vocês falam um pouco arrastado. E o pessoal do Rio fala muito rápido, mas a gente fala muito rápido e alto.”

I6 – “Muito depressa e arrastado.”

I7 – “Arrastado! É... é essa a sensação pra mim. Que é arrastado.”

I8 – “Falam arrastado.”

I9 – “Quando eu vim aqui pra a Paraíba eu achei muito engraçado. Eu ficava rindo todo dia do sotaque. Que até a professora de inglês, que tava falando de inglês, tinha sotaque nordestino no inglês. (risos) O que é isso? Isso é pra ser inglês, não é pra ser nordestinês. E era um pouco rápido.

Literalmente existe umas pessoas no Nordeste que falam rápido demais, mas hoje em dia é bem fácil compreender qualquer coisa. ”

I10 – “Depressa. E em algumas exceções muito depressa. ”

I11 – “Da Paraíba como geral, rápido, eles falam de pressa. De João Pessoa não, falam um pouco mais normal, eu diria. Falam um pouco mais normal. ”

I12 – “Meio arrastado. ”

I13 – “Fala rápido. O pessoal daqui fala rápido. ”

I14 – “É um pouco mais acelerado e mais alto em tom. ”

I15 – “Cara, eu considero no depressa... tá? É uma combinação de velocidade com prosódia [...]”

I16 – “Cantando. ”

“Depressa” e “arrastado” foram as respostas mais comuns para essa pergunta. E para a vigésima pergunta, obtivemos uma resposta comum a quase todos os informantes:

E – Você gostaria de falar igual aos paraibanos? Por quê?

I1 – “Não... Eu acredito que traz muito da sua identidade, também, isso. [...]. Acho bonito, acho interessante o sotaque daqui, algumas coisas são bem diferentes, mas não...”

I2 – “Eu não veria problema nisso não. ”

I3 – “Não. (risos) Justamente por isso, porque eu acho que o carioca tem uma identidade, entendeu? Então eu não queria perder essa identidade. eu acho muito interessante isso. ”

I4 – “Não. Porque eu sou carioca e eu gosto muito do meu Rio de Janeiro. Eu gosto muito do meu sotaque também. Mas eu acho bonito o de vocês.”

I6 – “Não. Porque é muito depressa e é muito... esse [t]ia, [d]ia, sabe? Não... não dá, não dá, de jeito nenhum, porque tudo eu já peguei, e realmente, isso é uma coisa fonética, né? É uma coisa na língua. É muito... peculiar. [...]. O carioca não é só a fala. O carioca tem um jeito. Eu acho, sabe? ”

I7 – “Não. Eu acho que é pelo estilo de vida. Eu sou muito rápida, então essa coisa de falar... eu acho muito devagar. ”

I8 – “Não. Eu acho que é por questão de origem, né? Porque se você... não tenho nada contra. A minha filha, a mais velha, ela é paraibana. Os outros dois são cariocas mas a mais velha é Paraibana. E ela odeia se alguém falar ‘você é carioca?’. ‘Não’. Ela tem o sotaque, ela faz questão de fazer o sotaque bem carregado mesmo, bem carregado. [...]. Como você já tá fora da tua cidade, você tá fora da sua família, porque não tenho família nenhuma aqui. Quando você já tá fora disso tudo, se você mudar ainda mais o sotaque, eu acho que você vai perder as suas raízes. ”

I9 – “Não, eu não gostaria. Inicialmente porque eu não acho bonito. Eu não quero ofender, mas (risos) tem uma coisa que é bonita e tem outra que não é bonita, né. Eu não acho bonito... é o primeiro fator de eu não querer ter mudado meu sotaque. Depois porque são minhas raízes [...] o Rio de Janeiro é minha origem, então eu gosto de guardar isso, entende? Apesar de eu ter passado a minha adolescência aqui, o meu desenvolvimento foi aqui, mas, eu quero sempre ter a representação carioca em mim, pra mostrar que eu sou de fora (risos). ”

I10 – “Cara, é porque assim. Eu acho o sotaque daqui legal. Eu gosto de escutar porque eu me acostumei. Mas é questão de eu não querer perder

a minha naturalidade no sotaque. Eu queria continuar com o sotaque carioca, por mais que atualmente esteja perdendo. Mas eu queria continuar com meu sotaque carioca porque eu realmente queria manter minha naturalidade. ”

I11 – “Foi como eu disse. Eu não gostaria de falar nem como um paraibano nem como um carioca. ”

I12 – “Acho que não. Acho que eu tô confortável do jeito que eu falo. Eu também não gostaria de falar com o sotaque de carioca. Acho que eu tenho um pouquinho de orgulho, assim, de não ter muito sotaque, sabe? Porque eu enxergo isso como se fosse... essas variações né, como se fossem talvez um desvio da norma padrão. ”

I13 – “Hm, não. Eu acho que eu quero conservar a minha naturalidade, a minha essência, né, de desde pequeno né? ”

I14 – “Não. É pra manter as raízes da minha área. Não é nem melhor nem pior, é só uma questão mesmo de manter culturalmente. ”

I15 – “Olha, a situação que eu acho que se eu pudesse trabalhar como ideal, é que eu pudesse ter... como se fosse um bilíngue. Entendeu? Bom, vou falar em paraibano agora e daqui a pouco vou falar em carioca. Acho que isso seria o ideal. Como isso não dá, aí é o que eu te falei, eu prefiro manter o sotaque carioca. ”

Para a vigésima primeira pergunta, a seguir, a resposta mais comum foi a de que eles não possuíam contato com paraibanos no Rio de Janeiro. Foi destacada apenas uma das respostas negativas (da informante 7), pelo fato de ela expor um pouco da visão que o carioca tem do paraibano, de acordo com a informante.

E – Você já possuía contato com paraibanos no RJ?

I3 – “Não, só minha mãe. Minha mãe é paraibana mas foi pro Rio de Janeiro com uns 17 anos. ”

I4 – “Eu tinha um amigo da igreja que era de Olinda. E o jeito dele de falar nunca mudou. A gente passou, acho que uns cinco anos de amizade e ele sempre falava daquele mesmo jeitinho arrastado dele. ”

I7 – “Não. [...]. É aquela visão, de novo, pejorativa, estereotipada de que eram pessoas que trabalhavam, né, empregadas. Então as pessoas chamam de Paraíba, né? Então tudo que era Nordeste [...]. Então eu conheci assim, eram geralmente empregados, mas nunca que tenham estudado comigo [...].”

I9 – “Minha mãe é daqui. Mas no caso ela era carioca, querendo ou não. Ela viveu muito sempre no Rio de Janeiro. [...].”

I14 – “Sim. É notório que a grande maioria das pessoas que trabalham de comércio, de lojas, de lanchonetes... é muita gente daqui. Daqui da região Nordeste. E alguns são, naturalmente, daqui da Paraíba. E eu sempre procurei ser um agregador de pessoas, então por exemplo, eu era do tipo de pessoa que gostava de jogar bola [...] aí às vezes vinha o time de um restaurante contra uma lanchonete de outro lugar. A gente ia juntando essas pessoas, e naturalmente acabava conhecendo pessoas daqui. ”

A vigésima segunda pergunta foi, na verdade, um conjunto de três perguntas, e foi capaz de suscitar algumas respostas muito interessantes, pois algumas delas parecem ser contraditórias.

E – Você acredita que com o passar dos anos estará falando como paraibanos? Você acredita que sua fala mudou? Alguém já percebeu alguma diferença no seu falar?

I1 – “Não. ” / “Não. ” / “Sim, meus pais né. Porque eles moraram mais tempo no Rio e o sotaque deles ainda é bem forte. Daí a minha mãe sempre percebe que o meu, assim, tá dando uma mudadinha, assim, mas... eu não acho que vá mudar não. Algumas gírias daqui eu percebo que eu falo, mas o sotaque mesmo eu não percebo não. ”

I2 – “Sim. ” / “Sim. ” / “As expressões, gírias. Com certeza. ”

I3 – “Não. Não acredito. ” / “Já já, já sim. Algumas gírias daqui que eu já uso. Algumas coisas que eu vejo assim... acabo puxando um pouquinho o sotaque. Até já percebi já. ”

I4 – “Acho que não, porque eu vou muito no Rio, então ainda tenho muito contato com o sotaque de lá. ” / “Mudou. Eu sei que mudou, até porque quando eu tô falando com o pessoal de lá, eles apontam. ”

I5 – “Acho. Acredito que sim. ” / “Não, não. Até porque ele me cobra... ele cobra ao nosso filho. ” / “Não, não. Nós estivemos a pouco tempo lá e nada. ”

I6 – “Com certeza. Com certeza. ” / “Sim, mudou muito. Foi muito influenciada. ” / “Não, não perceberam a mudança. Acho que foi uma coisa muito natural. ”

I7 – “Teoricamente vou respondendo não sei. É... eu acho que não. Eu acho que tem um atrito aí, da forma como... assim, falar como eu não sei. Mas imagino que nessa exposição toda eu vá pegando termos, né? ” / “Com certeza. ” / “Já. ”

I8 – “Já. Eu acho que com o passar do tempo a nossa tendência é essa mesmo. ”

I9 – “Com certeza. Com certeza. Acho que essa transição vai ocorrer, mas tem coisas que vão continuar [...] embora outras coisas diversas vão aparecendo, tipo gírias nordestinas, pode-se dizer assim. Oxe, oxente, isso entra querendo ou não. ” / “Já mudou, já mudou. ”

I11 – “Creio que sim, por dois fatores: pelo fato de eu estar aqui, e eu vou aderir de alguma forma o sotaque daqui; e porque, como eu disse, eu tô me policiando pra tentar falar um português sem sotaques, (risos) sem exageros. ” / “Uhum. ”

I12 – “Acredito que não. ” / “Ah, mudou, né? Mas eu não saberia explicar o que. ” / “Eles dizem. Da minha cidade natal eles dizem, mas daqui ninguém nunca...”

I13 – “Não. Acho que não. Pelo tempo que eu tenho aqui já, eu acho que não. ” / “Eu acredito que também não. ” / “Fora essas pequenas expressões, não. ”

I14 – “Não! ” / “Não, a minha fala mudar não, mas eu me adapto pra poder falar...” / “Não, não, não. Até porque quando eu falo com eles eu falo sem a preocupação. Eu falo mais à vontade. Eu falo preocupação porque eu tenho interesse, de quando eu estou aqui falando com as pessoas daqui, que elas me compreendam, então eu tendo me adaptar a elas, e não o contrário. ”

I15 – “(risos) É bem difícil saber. Acho que alguma coisa não tem jeito, você sempre vai incorporar, né? Eu acho que sim. Não num grau muito grande, mas, alguma coisa vai ser inevitável. ” / “Não. Por enquanto acho que tô conseguindo manter (risos) ” / “É, não... eu ainda não incorporei o ‘oxe’, ‘oxente’. ”

I16 – “Foi mudando aos poucos. ”

A resposta do informante 12 é um exemplo de uma resposta contraditória, pois ele afirma acreditar que sua fala não vai mudar com o passar dos anos em João Pessoa, mas ao ser questionado se sua fala já mudou até então, ele afirma que sim (“Ah, mudou, né?”).

Sigamos agora com a vigésima terceira pergunta:

E – Você em algum momento já se sentiu deslocado aqui? Ainda se sente/Por quanto tempo?

I1 – “Um pouco ainda, até hoje. Eu sinto falta, porque eu tenho muitas amizades lá. [...]. Aí mesmo que eu tenha os laços aqui, eu acho diferente, porque lá é uma coisa mais assim, tipo da vida toda, desde pequena e tudo, aí me sinto meio deslocada por causa disso. Eu sinto um pouquinho de falta. ”

I2 – “Sim. No início, eu não sentia muita receptividade nas pessoas, e também em relação a, sei lá, você chegar e cumprimentar alguém que você não conhece, só para dar bom dia ou [...] a nível de educação mesmo, eu via que eu não tinha retorno, aí ficava até chateada com isso, mas depois... eu vi assim, que as pessoas ficavam mais fechadas. ”

I3 – “Continuo me sentindo deslocada. Tô há dois anos aqui e não consegui me encontrar ainda. ”

I4 – “É, eu me sinto mais por causa dessa parte de socializar. [...]. A gente faz amizade muito rápido, e às vezes aqui o pessoal encara isso até como falsidade mesmo, e não é [...]”

I5 – “Às vezes sim. ”

I6 – “Não. Já me senti no início. No início me senti durante uns três anos, quatro anos, e realmente a cidade era mais acanhadinha. O mundo era mais fechado. Era uma coisa muito de interior. Todo mundo se conhecia, vinha da infância, juntos, aí a gente que vinha de fora, a gente era olhado meio que com desconfiança. ”

I7 – “Ah, eu acho que isso tem. Ainda acho que é uma cidade mais provinciana, assim como Florianópolis. Minha impressão, né? Então você tem os grupos. Eu acho que... e aí você tem uma coisa de senso de pertencimento, que pra mim, onde eu sei daonde eu venho, é quando eu tô no Rio. Então aquele lugar eu sei que, por mais que eu não queira morar lá, mas é onde eu me sinto em casa. Aqui eu me sinto na terra dos outros. Fui acolhida, né? Mas acho que você culturalmente, você tem os grupos. Eu vejo até pelo departamento, as pessoas que cresceram juntas, estudaram juntas. Então esses laços, eu praticamente perdi. ”

I8 – “Não. Graças a Deus o povo Paraibano sempre me acolheu muito bem. Daí minha dificuldade de morar em Goiás. Porque lá eles são absolutamente fechados. Eles não dão abertura. Aqui não, aqui conhece e ‘vamo lá em casa, tomar um cafezinho’, então você cria logo aquele laço de amizade. ”

I9 – “Sentia, mas hoje em dia está bem tranquilo. Não tenho mais nenhum problema. ”

I10 – “No início da escola, eu cheguei e sentei numa cadeira lá de trás e eu me apresentei a uns garotos que tinham lá. Mas eles nem me deram bola, assim, entendeu? Pô eles viram que eu era aluno novo. Eu... se eu visse uma pessoa nova no colégio se apresentando pra mim... eu faria o máximo pra fazê-la se sentir à vontade. Porque é um momento constrangedor, a pessoa chegar e não conhece ninguém e ainda tentar se apresentar. ”

I11 – “Como já faz sete anos né, então, se eu me sentia, como eu posso dizer... linguisticamente deslocado? Às vezes, por causa de algumas pequenas palavras [...]. Acho que nesse sentido assim. Não vou dizer descolado, mas sempre tinha uma crítica né. ”

I12 – “Ah, um pouco. De vez em quando [...] por exemplo, pela culinária mesmo. Eu não gosto muito de cuscuz. Eu prefiro arroz. ”

I13 – “Me sinto e continuo me sentindo deslocado sim. Não sei se é a diferença climática, ou a idade, mas eu ainda me sinto um tanto deslocado aqui. ”

I14 – “Sim, sim. As duas [coisas]. Eu levei muito tempo pra me adaptar a estar aqui. Eu saí de uma rotina muito intensa no Rio e aqui é extremamente calmo... e eu sou acelerado, então é complicado [...] aqui a gente observa, por exemplo: tomadas de decisões são um pouco mais demoradas; uma certeza difícil de ter; uma questão de comportamento, no modo geral, mais defensivo, menos ativo... então essas situações são muito diferentes. ”

I15 – “Oh, o paraibano é muito simpático, mas ele é fechado. Eu me senti deslocado aqui por isso. Não por questões culturais. Acho que é um traço do paraibano. Em Serra Talhada foi o contrário, eu fui muito bem recebido assim, sabe? E em Recife também. Então eu acho que de repente é uma coisa do pessoense. É, mas também é um deslocado assim... você não chega a ser descartado. Você só não... porque o carioca ele é muito ‘entrão’, muito expansivo, então com cinco minutos já é íntimo do cara, já tá abraçando o cara. Então a gente ressurte um pouco disso, mas fui muito bem tratado, meus filhos foram [...]”

I16 – “Não. Graças a Deus eu sou desenrolado. ”

A grande maioria dos entrevistados em algum momento já se sentiu, ou ainda se sente, deslocado em João Pessoa. Esse certamente é um fator que inibe o processo de acomodação desses falantes. Aqueles que se sentiram menos deslocados também tiveram um maior índice de acomodação.

A vigésima quarta, e penúltima pergunta procura então identificar se eles consideram as pessoas paraibanas como receptivas e/ou acolhedoras. A informante 4, por mais que ainda se sinta deslocada, diz considerar as pessoas paraibanas receptivas, porém, não da mesma forma que os cariocas são. Os informantes que deram as respostas mais favoráveis (6, 7, 8, 11, 12, e 16), considerando as pessoas paraibanas receptivas e/ou acolhedoras, foram também os com os maiores índices de acomodação linguística.

E – Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?

I1 – “Pra ser sincera? Nem um pouco receptivas. Porque, assim, eu vejo muito o pessoal daqui, que eles só conversam com você se você for atrás. [...]. E no Rio eu percebo, o pessoal bem mais simpático, e tudo, onde você vai. Tipo, você vai na padaria e vem gente conversar com você e conta a vida toda e tudo e aqui é mais fechado. ”

I2 – “São menos receptivas. Não que as pessoas são más. [...]. O que eu penso é que elas não se sentem muito à vontade com quem vem de fora, assim... sei lá... sabe-se lá por qual motivo é. Mas assim, tem um pouco o pé atrás, com algum receio, e com o tempo vão te conhecendo e aí sim. Mas no início, assim, é aquela coisa assim... tem uma barreira. ”

I3 – “Não. (risos) Não mesmo. Elas são acolhedoras sim pra visitantes. Pra pessoas que vêm de outros estados pra morar aqui, não.

I4 – “É engraçado falar isso, mas eu considero até as pessoas daqui muito receptivas e tudo mais. Mas não tanto no nível que é lá. ”

I5 – “Então, pelo fato de ser tão pouco, os amigos que a gente tem, é acolhedor sim. É porque assim que a gente chegou, foi uma única vizinha que tivemos conhecimento, que foi onde a gente tava morando... ela disse que qualquer dúvida em relação ao que a gente precisasse, perguntasse a ela [...]”

I6 – “Sim. Muito. E quem vem de fora se encanta. ”

I7 – “Considero. Embora minha primeira impressão era que as pessoas eram muito intrusivas. Eu acho que talvez pela experiência do Sul, né? De cuidar muito da sua vida. Aí isso aos poucos eu venho mudando, mas eu ainda reajo, que essa semana eu reagi. [...] na hora ela pergunta quem é que tá comigo, onde eu tô morando. São perguntas que pra mim são intrusivas, né? E que eu acho que as pessoas aqui fazem com muita frequência. Eu não vou perguntar pra você nada. Mas não quer dizer que eu não me interesse. ”

I8 – “Muito receptivas! ”

I9 – “Apesar deles se auto-declararem, não sei se você já reparou. Bom, não. Eles não são receptivos, eles não estão preparados pra receber pessoas de outras regiões. Pelo menos não na fase da infância, da adolescência. Na juventude já é mais tranquilo, mas infância e adolescência é bem complicado. ”

I10 – “As pessoas certas sim. ”

I11 – “Os pessoenses, eles não são receptivos como são o pessoal do sertão, né, do brejo. O pessoal do interior da Paraíba é muito mais acolhedor do que o pessoal de João Pessoa. Um dos fatores que a minha família pensou em voltar pro Rio de Janeiro é justamente isso, em João Pessoa as pessoas são muito distantes. Aparentemente elas são muito próximas, mas na vida, no cotidiano, no dia a dia, elas não são. Muito egoístas... furam a fila assim de um jeito brusco [...]”

I12 – “Sim, são muito. ”

I13 – “Receptivas sim. Acolhedoras não. Bom, diante do ambiente de universidade que eu tenho vivido, né, acaba que as pessoas tem que ter uma receptividade. Mas aí com o passar do tempo é aquela questão do acolhimento. O tanto que você importa de verdade, né? Não é aquela máscara que você tá tendo ali inicial. Aí algumas pessoas não fortalecem, né? ”

I14 – “Não, não, não. Por exemplo, eu levei muito tempo pra conseguir fazer amizade aqui. Pelo que eu observei elas atendem bem, mas é algo pontual. Pra relacionamento, amizade, trabalho, ou mais pessoal, é um

pouco mais difícil, porque, ou você cresceu no mesmo grupo, ou você trabalha dentro de um ambiente que tenha esse grupo. ”

I15 – “É... elas são formais e polidas com você. Elas são simpáticas com você. Mas é você aqui e ela lá. Pra criar uma relação de intimidade acho que leva um tempo. E, por exemplo, eu tenho poucos amigos paraibanos. Paraibanos mesmo, que eu frequente, ou vão à minha casa, são bem poucos, quase nenhum. Os amigos mais íntimos que eu tenho aqui são os que vieram de fora também. Agora qualquer lugar que eu vá eu sou super bem tratado. Então resumindo, falta intimidade mas tem muita simpatia.”

I16 – “São muito receptivas, acolhedoras. Isso aí o pessoal elogia muito. O paraibano é muito receptivo. ”

Com a vigésima quinta, e última pergunta, procurou-se verificar se há algum aspecto da cultura paraibana com que os entrevistados se identifiquem. Ao ser realizada a pergunta, ressaltou-se para os entrevistados que a cultura abrange muitos diferentes aspectos, e as respostas obtidas foram as seguintes:

E – Você gosta/se identifica com a cultura paraibana?

I1 – “Gosto. Gosto do São João. Ah, eu gostei bastante, achei bem diferente. Eu me identifiquei, assim, achei legal. ”

I2 – “Eu gosto. Eu me identifico mais com a cultura daqui, do que com a cultura do Pará, quando eu morei lá. [...]. A do Rio... eu acho que não tem uma cultura assim, muito definida lá. Não tem, não é uma coisa muito original, única como é a daqui. É uma cultura, uma coisa muito cosmopolita. Cada um vai trazendo um pouquinho de cada canto e vira assim uma coisa mais global. ”

I3 – “Não. ”

I4 – “Eu acho o máximo essa parte da cultura de vocês que é cangaço, tipo lampião e Maria bonita. Essa parte mais rústica. Eu acho o máximo, eu acho muito legal, muito interessante o forró... mas dizer assim, isso sou eu... eu acho que não. Eu acho assim: Eu quero fazer parte? Quero. Eu tô aqui, a gente tá junto. Mas de dizer assim: essa sou eu...”

I5 – “Adoro, adoro! Essa parte do Nordeste que é completamente diferente do Sudeste, eu amo! Amo forró [...]”

I6 – “Sim, gosto. Gosto demais da identidade cultural da Paraíba. Adoro, admiro. Acho muito linda inclusive. Da música ao artesanato. ”

I7 – “Não tanto. Não sou de forró, não sou de beber, não sou de praia. Gosto de um lazer legal. [...]. Gosto da comida regional [...] mas gosto de comer em locais mais simples, a tapioca mais simples. Gosto de quando eu viajo pra o interior, de pegar aquele lugar bem simples, de comer aquela comida caseira, bem regional. Então assim, isso eu gosto. Gosto de conversar com as pessoas que respiram essa cultura quando vou ao interior. [...]. Se eu pensar em formas de ver o mundo, eu acho que não. [...]. Ah, uma coisa que eu gosto muito é festa junina [...], eu vim entender o que eu entendia como quadrilha, como festa junina no Rio, quando eu cheguei aqui, então eu fiquei encantada com as quadrilhas, então é uma coisa da cultura local que eu gosto muito. ”

I8 – “Ah, me identifico. Me identifico. Eu gosto do artesanato aqui, acho show de bola. Eu gosto das comidas. Só não gosto de buchada de bode,

(risos) já experimentei. Mas, das comidas eu gosto muito. A cultura em si, aqui, é muito legal. ”

I9 – “Bom, eu gosto da comida daqui. Não dá pra negar. [...]. E algumas coisas daqui que eu gosto é a tranquilidade, apesar de que eu às vezes acho ela muito chata, tipo, oito horas, nove, não tem ninguém na rua. Que que é isso cara? Você sente medo de morrer. Se aparecer alguém e te matar ninguém vai saber. As vantagens aqui... as praias são bonitas, e tal, mas eu não vejo ela como a terra que eles tanto proclamam. ”

I10 – “Assim, eu nunca fui muito de gostar de cultura assim de outros lugares, mesmo do Rio, assim [...].”

I11 – “Só pelo fato de a minha mãe ser paraibana, então, a comida que ela sempre fez a vida toda, foi num tempero paraibano, de um jeito paraibano. Então eu me identifico por causa disso, sabe [...].”

I12 – “Acho massa que aqui é bem tranquilo, né? As pessoas também são muito educadas. Não tem muito trânsito. ”

I13 – “Bom, da cultura paraibana eu posso falar um pouco de culinária, que aqui a galera gosta bastante da tripa frita. Tem também picado de bode. Eu comi ontem, tava muito bom inclusive [...] olha, não me desagrada, é um contato diferente. Parte da cultura daqui que eu realmente não estava engajado. ”

I14 – “Ah, tem algumas coisas que eu valorizo. Eu gosto muito da questão das artes aqui. Eu acho bem interessante. É uma forma muito popular de se propagar cultura. É... questão de dança também, então eu acho bem legal. É óbvio que nem tudo pra todo mundo é cem por cento, mas tem muita coisa que eu acho bem interessante sim. E, por exemplo, eu tenho uma filha que é paraibana. Então ela aprende as coisas daqui, e ela tem que aprender, ela tem que entender, da onde é que é, porque ela saindo daqui ela tem que levar isso pra lá. ”

I15 – “Oh, os aspectos assim eu gosto bastante. Eu gosto muito da comida daqui. A parte cultural histórica eu também gosto bastante. Né, o Nordeste tem uma importância histórica aí enorme e eu aprecio muito isso. Por isso que eu gosto de ir a Olinda, né, Salvador, Pelourinho. Então essa parte eu aprecio bastante. Tem outras que eu conheço e tal, mas aí é questão do gosto. Por exemplo, forró eu não gosto muito, né, a parte musical [...] tá respeito, mas não é exatamente o que... [...] então digamos que eu me identifico em parte. ”

I16 – “Me identifico também. Onde eu tiver eu me identifico. ”

A maioria dos entrevistados declarou gostar, e alguns até declararam se identificar, com ao menos um aspecto cultural de João Pessoa. As informantes 3 e 7 declararam não gostar ou se identificar com a cultura local, mas as duas têm perfis bastante diferentes (idade, tempo de exposição) e tiveram também índices de acomodação bastante díspares.

Resumindo todas as respostas obtidas, grande parte dos informantes demonstrou gostar de sua própria maneira de falar. Outra resposta frequentemente obtida expressou que muitos sentiam que seus sotaques eram agora uma mistura entre os sotaques carioca e pessoense. Foi comum entre os informantes a percepção de que a utilização de palavras não era muito bem percebida e deveria ser reduzida para acomodar ao dialeto pessoense.

Muitos dos informantes relataram que outras pessoas podem facilmente dizer de onde eles são a partir da maneira que falam. Muitos também relataram perceber que ocorreram mudanças em suas próprias falas e isso é reforçado pelos contatos de suas cidades natais, mas apesar disso, parte desses informantes demonstraram acreditar que sua fala não mudaria mais.

A partir das respostas obtidas, observou-se que fatores como o policiamento da fala, maior frequência de contato com pessoas do Rio de Janeiro, a sensação de deslocamento social e o desejo de retornar à cidade natal parecem ter atuado como fatores inibidores da acomodação.

Agora que pudemos observar as respostas dadas pelos informantes, passemos a compará-los entre si, para que possamos compreender o que pode ter causado as maiores diferenças na acomodação dentre informantes de perfis semelhantes.

5.2 COMPARAÇÕES ENTRE OS INFORMANTES

Iniciemos por comparar os informantes 9 e 11, na tentativa de compreender os motivos da disparidade entre os índices de acomodação deles, uma vez que esses são irmãos e possuem o mesmo histórico sócio-geográfico. Ambos: a) têm o mesmo tempo de exposição de 7 anos; b) pertencem ao mesmo grupo de faixa etária, tendo eles 18 e 22 anos respectivamente; c) são do mesmo sexo (masculino); d) têm o pai natural do Rio de Janeiro e a mãe natural da Paraíba; e) tiveram o mesmo motivo de transferência para João Pessoa, que foi relatado como sendo questões familiares, que foi considerado como vinda obrigatória (não espontânea).

Tabela 10 – Informantes 9 e 11

Informante	Sexo	Idade	Tempo de exposição	Percentual de acomodação
9	M	18	7 anos	14.1%
11	M	22	7 anos	32.8%

Fonte: Autor (2020)

Apesar de se encontrarem em um mesmo contexto, os dois possuem um índice de acomodação bastante distintos, tendo o informante 9 um índice de 14.1% e o informante

11 um índice de 32.8%. Ambos relataram não possuir muito contato com familiares ou amigos do Rio de Janeiro, no que trata da conversa falada, seja ela pessoalmente ou via telefone. Porém, há uma diferença entre eles em relação ao contato e a experiência individual com a Paraíba. O informante 11 relatou ter vindo para a Paraíba previamente, por um período de dois anos, durante sua infância, com cerca de 6 anos de idade. Além disso, é possível que suas experiências pessoais na Paraíba tenham sido diferentes e essas exerceram influência nas atitudes de cada um.

Existindo poucas diferenças entre os dois informantes acerca de seus históricos sócio-geográficos, torna-se interessante voltar a atenção às atitudes linguísticas desses informantes. Possivelmente, o conjunto de atitudes e sentimentos desses informantes para com o dialeto pessoense tenha sido o maior diferencial para o processo de acomodação. Ao acessar essas atitudes, será possível levantar e corroborar hipóteses sobre as ocorrências da acomodação, assim como a velocidade do processo, nesses informantes.

Influenciadas por estereótipos e preconceitos, são essas atitudes que fazem com que pessoas julguem ou sejam julgadas pelo seu sotaque e seu modo de falar, e a partir das respostas dadas pelos informantes para as diferentes perguntas realizadas, fica clara a relação entre essas atitudes e o processo de acomodação. Temos, a seguir, trechos da entrevista em que foram feitas perguntas relacionadas às atitudes linguísticas dos entrevistados:

E – O que você acha da sua forma de falar?

I9 – “Eu tenho reparado que o meu sotaque não é mais carioca. É um carioca bem estranho. É quase forçado. No início, quando a gente tava vindo aqui, a gente tava vendo as transições, né? De uma língua pra outra. Aí eu não me permitia mudar o meu sotaque. ”

I11 – “Eu vivi lá e cá, então eu conheço os dois. Me sinto de lá... muito mais de lá do que de cá. Mas como eu já passei sete anos aqui, então eu acho que eu perdi muito o que eu tenho de lá. Mas assim, quando eu falo, principalmente nos primeiros anos que eu vim morar aqui... muita gente falava que eu falava assim, ‘mas okay e tal hmm hmm’, imita né, quando imita o carioca faz ‘nhée’, nunca tive problema nenhum, claro, é meu sotaque. Mas hoje eu consigo ouvir um carioca, eu consigo perceber quando ele tá falando carioquês. ”

Fica evidente que o informante 9, ao se policiar, não apenas não procurava acomodar sua fala, como de fato evitava ao máximo a acomodação ao dialeto pessoense. O informante 11, por sua vez, apesar de evidenciar através de sua resposta que se

identifica mais com o dialeto carioca, não demonstrou nenhuma resistência em acomodar ao dialeto pessoense.

E – Há algo específico de que você gosta/não gosta na sua forma de falar?

I9 – “O lance do ‘tchi’ ([tʃi])... eu sou apaixonado pelo ‘tchi’ [...] é bonitinho. ”

I11 – “Eu não gosto, é, do chiado... é. Eu aprendi a não gostar. Não exageradamente. [...]. Quando eu chio demais [...] eu tento amenizar isso aqui, eu tô tentando tirar, eu tento me policiar pra tirar. Agora o que eu gosto é também um pouquinho do chiado [...] não gosto do ‘[t]i’ do ‘sss’ ([s]). Eu não gosto nem [de] um [nem] do outro, sabe? Eu gosto de ficar no meio. ”

Dessa vez pode-se notar uma diferença entre os dois informantes, no que diz respeito a suas opiniões acerca de suas próprias formas de falar. O informante 9 demonstra gostar de um traço de sua fala quando menciona o “tchi”. Já o informante 11 diz não gostar do “chiado” em sua fala, a ponto de se policiar para não o produzir, porém ele logo se contradiz ao dizer que esse “chiado” também é algo de que ele gosta, nos levando a entender que, por mais que ele evite produzi-lo, esse ainda é um traço que faz parte de sua identidade e carrega certo valor para ele. Em seguida ele diz que não gosta nem de um dialeto nem de outro, preferindo deixar seu sotaque em um ponto intermediário entre os dois dialetos.

E – Você já mudou sua forma de falar para adaptar-se ao seu entorno?

I9 – “Não pelos outros... eu acho que eu não me permiti mudar por mim mesmo, porque eu gosto do meu sotaque, me agrado com ele, então não sentia a necessidade de mudar e nem queria mudar. ”

Fica claro que o informante 9 gosta e se orgulha do dialeto carioca e de sua forma de falar, tendo uma atitude positiva para com esse dialeto. Porém, o mesmo não ocorre para com o dialeto pessoense, provavelmente por ter-se o dialeto carioca como sendo de maior prestígio. Podemos identificar exatamente isso no tratamento recebido pelo informante 11, ao chegar aqui:

E – Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira que falam?

I11 – “Quando eu cheguei aqui muita gente [...] olhava pra minha família com um jeito como se a gente fosse melhor do que eles. Não sei por que. Como se exaltassem. É do mesmo jeito quando um estrangeiro chega no Brasil. [...]”

Ele relata que ao chegar a João Pessoa, o tratamento que recebeu foi como o de admiração que comumente observamos acontecer para com estrangeiros que vêm visitar o país. Isso claramente demonstra o prestígio que o dialeto carioca carrega e cria uma barreira para a acomodação ao dialeto pessoense. Em seguida temos a seguinte pergunta:

E – Você acha alguns dialetos/falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?

I9 – “Bom, eu acho que o nordestino é, visando para quem tá vindo de fora... eu acho que o nordestino é o mais fácil de se entender, porque ele não arrasta muito. Apesar de ser uma [t]ia, essas coisas, é uma linguagem bem mais falada... se a gente reparar, se encaixa muito bem. Mas, de preferência, eu gosto do meu sotaque, eu gosto do paulista, eu gosto do Rio Grande do Sul, e Pernambuco. Pernambuco é legalzinho, é um nordestino carioca (risos).”

Mais uma vez pode-se notar que o informante 9 gosta bastante de seu sotaque carioca. Ele demonstrou não se sentir confortável com algumas características do dialeto pessoense, como o [t] em “tia”, mas acredita que o dialeto seja de fácil compreensão para visitantes estrangeiros. Também são mencionados os sotaques com os quais ele mais se identifica e gosta, estando dentre eles, e talvez como principal, o carioca, enquanto o dialeto pessoense não está presente em sua lista. Vejamos agora a resposta do informante 11 para essa mesma pergunta:

I11 – “Ah tem. O paulista, mas o paulista que não tem aquele R retroflexo né... [...] Eu gosto mais do *porta* que treme a língua.”

O informante 11, por sua vez, não chegou a mencionar nem o dialeto carioca nem o pessoense, mencionando apenas o paulista do qual ele gosta. Dessa maneira, pode-se imaginar que para ele o dialeto carioca não possua a mesma significância tida pelo informante 9, e sendo assim pode-se inferir que esse fato possa ser favorável para o processo de acomodação desse informante (11) com o dialeto pessoense.

Quando indagados quanto ao interesse em retornar para a cidade natal, ambos responderam de forma semelhante:

E – Tem interesse em voltar para sua cidade natal?

I9 – “Olha, eu tinha bastante... bastante mesmo, mas hoje em dia eu já me adaptei aqui... não que eu não conseguiria viver no Rio de Janeiro...

conseguiria tranquilamente, mas... Eu gosto daqui e se eu for me mudar vai ser pra outra região, não necessariamente o Rio.”

I11 – “Só para passeio.”

Nenhum dos dois demonstra interesse em voltar a morar no Rio de Janeiro. Os dois demonstram estar satisfeitos em morar em João Pessoa, e caso o informante 9 resolvesse morar em outro local, esse não seria Rio de Janeiro, de acordo com sua resposta. O informante 11 já pensou diversas vezes em voltar a morar no Rio de Janeiro, mas descartou a ideia devido principalmente ao fator violência, dizendo que acreditava que a cidade esteja muito perigosa e violenta, e ao ser questionado se ele não achava João Pessoa uma cidade violenta também, ele respondeu que, apesar de achar que sim, considerava a cidade muito mais calma e que o perigo se concentrava majoritariamente em regiões específicas da cidade. Ambos também apresentaram respostas semelhantes para a pergunta a seguir:

E – Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?

I9 – “Lá no Rio a gente vê pessoas mais... sociáveis. Não da forma grosseira... que eu queira dizer, mas literalmente, você pode ver que se você conversar com um carioca ele vai se abrir muito fácil com você, entendeu? Ele vai conversar com você. Mas se você fala... puxar essa conversa com um nordestino, você vai ver que ele vai se sentir ofendido e tá achando que você tá tentando se intrometer na vida dele... entendeu? Ele é mais resguardado.”

I11 – “Os pessoenses, eles não são receptivos como são o pessoal do sertão, né, do brejo. O pessoal do interior da Paraíba é muito mais acolhedor do que o pessoal de João Pessoa. Um dos fatores que a minha família pensou em voltar pro Rio de Janeiro é justamente isso, em João Pessoa as pessoas são muito distantes.”

Para ambos os informantes, o fator da receptividade foi visto como negativo, o que provavelmente foi um fator que os distanciou do novo dialeto. Mas voltemos para o que diferencia esses dois informantes, para que possamos mais profundamente entender o motivo da disparidade entre o índice de acomodação dos mesmos. Temos a seguir uma pergunta que lida com a identificação e gosto pessoal, específico a cada indivíduo:

E – Você gostaria de falar igual aos paraibanos? Por quê?

I9 – “Não, eu não gostaria. Inicialmente porque eu não acho bonito. Eu não quero ofender, mas (risos) tem uma coisa que é bonita e tem outra que não, né. Eu não acho bonito... é o primeiro fator de eu não querer ter mudado meu sotaque. Depois porque são minhas raízes [...] o Rio de Janeiro é minha origem, então eu gosto de guardar isso, entende? Apesar de eu ter passado a minha adolescência aqui, o meu desenvolvimento foi

aqui, mas, eu quero sempre ter a representação carioca em mim, pra mostrar que eu sou de fora (risos). ”

O informante 9 deixa claro dois motivos pelos quais ele não deseja falar igual aos paraibanos, sendo o primeiro deles o de que não considera bonito o falar paraibano, sendo esse um dos fatores que inibe sua acomodação, e em seguida completa dizendo que o Rio de Janeiro é sua origem e suas raízes, novamente fazendo com que ele não deseje mudanças em sua fala, uma vez que se orgulha de suas origens. Com isso dito, a maioria dos informantes deseja preservar, de alguma forma, suas raízes e o que consideram constituir parte de sua identidade.

I11 – “Foi como eu disse. Eu não gostaria de falar nem como um paraibano nem como um carioca. ”

O informante 11, por sua vez, novamente menciona seu desejo em permanecer com uma fala neutra ou intermediária entre os dois dialetos, afirmando não desejar assemelhar demais sua fala à paraibana ou à carioca. Com todas essas diferenças de atitude e identidade, que se pode perceber a partir das diferentes respostas dadas pelos informantes 9 e 11, fica evidente o quanto esses fatores influenciam o processo de acomodação desses informantes.

Outros dois informantes que, apesar de pertencerem aos mesmos grupos de sexo e idade, tiveram um índice de acomodação bastante distinto, foram os informantes 15 e 16.

Tabela 11 – Informantes 15 e 16

Informante	Sexo	Idade	Tempo de exposição	Percentual de acomodação
15	M	44	8 anos	3.3%
16	M	44	22 anos	100.0%

Fonte: Autor (2020)

Os dois têm o tempo de exposição como sendo o fator quantitativo que mais os diferencia, e considerando esse fator apenas, parece óbvio que o informante 16 acomodaria mais que o informante 15. Mas tentemos entender se e quais outros fatores

regem influência sobre o processo de acomodação deles, uma vez que temos aspectos identitários e atitudinais e diferentes variáveis que se mostraram estatisticamente relevantes.

Quanto à suas formas de falar, eles tiveram isso a dizer:

E – O que você acha da sua forma de falar?

I15 – “[...]. Acho que eu tenho um sotaque carioca muito marcante, embora, por ser professor isso dá uma diminuída. Não tenho o falar carioca em termos de gíria, em termos de melodia [...] e acho que meu jeito de falar é uma mistura, assim, do caráter descontraído do carioca com minha personalidade formal e minha profissão de professor. [...].”

I16 – “Hoje o meu sotaque tá estranho demais. Tá misturado. Muito, não é pouco. Não sabe se é carioca, não sabe se é paraibano. Tá complicado.”

Os dois informantes mencionaram seus sotaques, mas enquanto o informante 15 se considera ter o sotaque carioca, o informante 16 considera que o seu é uma mistura, e em um momento posterior da entrevista diz que seu sotaque depende de com quem ele está falando. Considerando que a maior parte de seu contato é com pessoas do Nordeste, em especial pessoas de João Pessoa, seu sotaque seria, pela maior parte do tempo, mais próximo do sotaque pessoense.

A resposta dada pelo informante 15 para a próxima pergunta parece revelar um pouco do porquê de ele ter um baixo índice de acomodação, mesmo estando há 8 anos em João Pessoa.

E – O que você acha do seu sotaque?

I15 – “Olha, opinião valorativa não. O que eu posso dizer é uma opinião sentimental. Eu faço questão de manter o sotaque e acho que as pessoas deveriam se esforçar sobre isso, porque o sotaque é meio que uma identidade sua, né? Então eu gosto de ser carioca. E gosto no sentido não barrista, mas assim, minhas lembranças tão lá... meus amigos, minha formação tá toda lá, e por uma questão de raízes eu gosto de preservar isso. Então eu faço meio que um pouco de questão de me policiar pra não incorporar muita coisa do dialeto local, que embora, nada contra. Eu acho inclusive que se os nordestinos forem morar no Rio, têm que fazer a mesma coisa que eu faço, manter o sotaque a todo custo.”

Ele revela não apenas que considera seu sotaque como parte de sua identidade, mas também se mostra valorizar a manutenção dessa identidade. Afirma considerar isso como algo importante e que independe das origens de cada um, mas é possível que ele não permita traços pessoenses em sua constituição identitária. Já o informante 16, em

diferentes momentos da entrevista, se diz alguém que facilmente se adapta para adequar-se ao seu entorno. Nesse sentido, o informante 16 mostra menos resistência à mudança.

Além disso, enquanto o informante 16 diz não manter contato com pessoas de sua cidade natal, o informante 15 mantém algumas diferentes formas de contato com pessoas de lá, como pode-se ver em sua resposta a seguir:

E – Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I15 – “Olha, manter contato, eu mantenho sempre, mas é Whatsapp, telefone, essa coisa né. E visitar, uma vez por ano certo. Todo ano, fim do ano, eu vou pra lá [...] sempre vou, uma vez por ano tô lá vendo os amigos, vendo a galera lá, enfim. ”

Essa diferença de contato pode também ser um dos fatores que contribui para os índices de acomodação desses informantes. De toda forma, apesar da diferença em seus índices de acomodação, nenhum dos dois têm vontade de voltar a morar no Rio de Janeiro, e mesmo que o informante 16 já possuísse família em Cabedelo (município vizinho a João Pessoa), nenhum dos dois tiveram contato com paraibanos quando moravam no Rio de Janeiro.

Além das diferenças e semelhanças anteriores, temos mais uma diferença que também pode ter sido um dos grandes fatores influenciadores para os índices de acomodação desses informantes: o sentimento de receptividade deles em João Pessoa.

E – Você em algum momento já se sentiu deslocado aqui? Ainda se sente/ Por quanto tempo?

I15 – “Oh, o paraibano é muito simpático, mas ele é fechado. Eu me senti deslocado aqui por isso. Não por questões culturais. Acho que é um traço do paraibano. Em Serra Talhada foi o contrário, eu fui muito bem recebido assim, sabe? E em Recife também. Então eu acho que de repente é uma coisa do pessoense. É, mas também é um deslocado assim... você não chega a ser descartado. Você só não... porque o carioca ele é muito ‘entrão’, muito expansivo, então com cinco minutos já é íntimo do cara, já tá abraçando o cara. Então a gente ressurte um pouco disso, mas fui muito bem tratado, meus filhos foram [...]”

I16 – “Não. Graças a Deus eu sou desenrolado. ”

E – Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?

I15 – “É... elas são formais e polidas com você. Elas são simpáticas com você. Mas é você aqui e ela lá. Pra criar uma relação de intimidade acho que leva um tempo. E, por exemplo, eu tenho poucos amigos paraibanos. Paraibanos mesmo, que eu frequente, ou vão à minha casa, são bem poucos, quase nenhum. Os amigos mais íntimos que eu tenho aqui são os que vieram de fora também. Agora qualquer lugar que eu vá eu sou super bem tratado. Então resumindo, falta intimidade mas tem muita simpatia.”

I16 – “São muito receptivas, acolhedoras. Isso aí o pessoal elogia muito. O paraibano é muito receptivo.”

A partir de suas respostas, percebemos que o informante 16 demonstrou se sentir bem recebido e acolhido pelos paraibanos, sem em nenhum momento ter se sentido deslocado. O informante 15, por sua vez, já não teve a mesma experiência. Ele percebe simpatia nos paraibanos, mas não percebe a mesma receptividade e intimidade, o que causou o sentimento de deslocamento.

Essas diferenças em experiências vivenciadas, opiniões e os valores que cada um deles dá à manutenção da identidade, certamente exerceram grande influência no processo de acomodação desses falantes. Isso fica evidente quando comparamos as informações quantitativas desses informantes, nas quais as únicas diferenças entre eles é o tempo de exposição e a motivação da vinda a João Pessoa (o informante 15 teve a vinda espontânea e o informante 16 teve a vinda obrigatória; nenhum dos dois deseja voltar a morar no Rio de Janeiro).

Em busca de identificar e compreender ainda mais a influência desses fatores identitários e atitudinais, passemos agora a comparar as informantes 1 e 2. Essas informantes tiveram baixos índices de acomodação, com a informante 2 acomodando mais, apesar de possuir um tempo de exposição bem menor. As duas pertencem ao grupo de sexo feminino e estão na mesma faixa etária. Mais uma vez as diferenças entre as informantes é o tempo de exposição e a motivação da vinda a João Pessoa (A informante 1 teve a vinda obrigatória e a informante 2 teve a vinda espontânea).

Tabela 12 – Informantes 1 e 2

Informante	Sexo	Idade	Tempo de exposição	Percentual de acomodação
1	F	21	15 anos	3.6%
2	F	22	4 anos	9.4%

Fonte: Autor (2020)

Ambas as informantes dizem gostar de suas próprias maneiras de falar e ambas também consideram ter o sotaque carioca, como se pode observar em suas respostas a seguir:

E – Você considera que tem algum sotaque? Se sim, qual?

I1 – “Sim. Bastante (risos). [...]. Todo mundo fica indignado: ‘Nossa, faz tempo que você mora aqui, você não é pra falar mais assim’, só que é uma coisa que é de família mesmo, e como quase todo ano eu volto não tem como perder.”

I2 – “Do Rio. Apesar de estar mais amenizado um pouco, acho que predomina o de lá, do Rio.”

Elas também, em outro momento, mencionam gostar de seus sotaques cariocas. Se comparada à informante 2, a informante 1 mantém mais contato com pessoas de sua família (do Rio de Janeiro) e isso fica mais evidente em sua resposta para a pergunta a seguir:

E – Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I1 – “Mais ou menos 1 vez por ano, eu tento ir, nas férias. Mas eles vêm bastante pra cá. Umas duas ou três vezes no ano. Tem gente da minha família que vem e passa tipo seis meses, aluga casa aqui e gosta muito.”

I2 – “Contato via Facebook... telefone não. Raramente eu falo com alguém, por telefone, de lá. Por incrível que pareça nunca ninguém da minha família veio aqui em João Pessoa visitar a gente. Já vieram amigos da família. [...]. Uma amiga minha veio em Março do ano passado, e uma amiga da minha mãe veio agora em Agosto.”

Através da identificação das atitudes dessas informantes, assim como as experiências por elas vivenciadas, se poderá melhor compreender em que medida esses fatores influenciaram a acomodação linguística delas. Qualquer atitude positiva para com o dialeto carioca pode vir a ser um fator inibidor da acomodação, assim como as atitudes negativas para com o dialeto pessoense também podem ser.

A pergunta a seguir busca identificar algumas das experiências por elas vivenciadas:

E – Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou a respeito da sua forma de falar?

I1 – “Ah, tudo isso! Então no começo, [...] logo quando eu vim pra cá, eu era pequena... e a aceitação, assim, no colégio, foi péssima. Porque ninguém queria ser meu amigo. Porque eu era de fora e aí, tipo, tinha uma rejeição grande. Até mudei de colégio por causa disso. Fui pra outro colégio, aconteceu a mesma coisa. E ninguém gostava, você tinha poucos amigos porque ‘Ah, era a menina que não é daqui’, ‘que não fala igual a gente’, ‘que fala estranho’. E passei por isso muito tempo, só que aí me acostumei. Não liguei e também não ia mudar... forçar uma coisa por causa das pessoas. Mas assim, quando cheguei na universidade foi bem melhor. [...]. Porque assim, pelo menos a minha turma, a maioria não é

daqui. É de Pernambuco, é de Fortaleza. É bem diferente, então não tinha esse negócio assim. ”

I2 – “Críticar não, mas as pessoas brincam... levam muito na brincadeira às vezes é... o meu sotaque assim... fazendo gírias e tal [...]”

Nota-se que a informante 1 não recebeu muita aceitação na escola, quando se mudou para João Pessoa. Isso poderia ter feito com que ela se sentisse pressionada a adaptar sua forma de falar, mas ela afirma que não tinha intenções de mudar e “forçar uma coisa por causa das pessoas”. Apesar de não sabermos os exatos motivos, ela resistiu à pressão de mudar, considerando desnecessário fazê-lo apenas para agradar os colegas ou se encaixar. Sendo assim, esse fator pode ter sido um fator inibidor da acomodação.

A seguir temos uma resposta dada pela informante 2 que é bastante interessante:

E – Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira que falam?

I2 – “Sim, principalmente pelo sotaque [...]. Eu acho que tem muito preconceito sim, ainda. Principalmente contra o nordestino, porque é um sotaque bem original, bem diferente de tudo que existe [...] justamente por ser tão diferente, as pessoas acham que é estranho, que é feio, que tá fora do padrão, enfim. Não existe um padrão. ”

Sua resposta para essa pergunta se volta especialmente para o sotaque, e reconhece que o sotaque nordestino não carrega muito prestígio, sofrendo preconceito em diferentes regiões. Ela não se posiciona, porém, contra ou a favor de nenhum sotaque, comentando que “não existe um padrão”.

Vejamos o que elas falam sobre o modo de falar das pessoas em João Pessoa comparado às de sua cidade natal:

E – Quando você compara a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, com a fala das pessoas da PB, você pode dizer que aqui as pessoas falam: a) depressa; b) muito depressa; c) devagar; d) arrastado.

I1 – “Eu acho muito arrastado, algumas pessoas. Principalmente do interior daqui. Mas, é... depressa também. Tem uma coisas que falam assim que eu nem consigo entender direito... umas gírias, assim, daqui...”

I2 – “Aqui as pessoas falam muito depressa [...]. Eu já me acostumei, mas no início foi difícil (risos). ”

E – Você gostaria de falar igual aos paraibanos? Por quê?

I1 – “Não... Eu acredito que traz muito da sua identidade, também, isso. [...]. Acho bonito, acho interessante o sotaque daqui, algumas coisas são bem diferentes, mas não...”

I2 – “Eu não veria problema nisso não. ”

E – Você acredita que com o passar dos anos estará falando como paraibanos?

I1 – “Não. ”

I2 – “Sim. As expressões, gírias. Com certeza. ”

Apesar de não acreditar que, com o passar dos anos, passará a falar como os paraibanos, a informante 1 acredita que sua fala já mudou e seus pais percebem as mudanças. Notamos de acordo com suas respostas, que quanto ao modo de falar, a informante 2 não demonstra resistência a acomodar ao dialeto paraibano e diz já ter se acostumado com ele, apesar de inicialmente sentir dificuldade com a velocidade de fala do paraibano. Por outro lado, a informante 1 diz que seu sotaque carrega bastante de sua identidade e por isso não gostaria de falar igual aos paraibanos. Essa última foi a resposta mais comum para essa pergunta.

Em seguida foram feitas perguntas relacionadas aos seus conhecimentos, crenças, e opiniões relacionados à Paraíba:

E – Diga, em poucas palavras, o que você pensava sobre a Paraíba antes de vir para cá.

I1 – “Então, eu era muito pequena né?! Mas assim, eu tinha uma visão meio diferente. Até um tempinho depois de eu morar aqui, assim que eu fui conhecendo mais as coisas, eu achava que não era assim tão desenvolvido. Que não tinha tanta coisa como o Rio, assim... Porque querendo ou não você faz uma comparação. [...]. Tipo assim, eu viajo sempre, então você acaba comparando algumas coisas. Mas eu me surpreendi bastante, com certas coisas aqui. ”

I2 – “Eu sabia muito pouco daqui antes de vir pra cá, e eu via muitas pessoas ao meu redor, principalmente o pessoal que estudava comigo, vendo muito o lado negativo: ‘ah só tem seca’, sabe... enfim. Essas coisas desse tipo. Mas eu sabia que não era assim, porque a partir do momento que eu saí do Rio para ir pro Pará, eu via que também muita gente do Rio tinha preconceito com o Pará, e eu tava vivendo aquela realidade e eu via que não era bem assim. ”

E – E agora que está aqui, o que acha?

I1 – “[...] eu achava que não era assim tão desenvolvido. ”

I2 – “Eu gosto muito. Eu acho que as expectativas foram superadas. [...]. Eu sou muito ligada às paisagens, sabe? ”

Apesar de sempre presenciar comentários negativos acerca do estado da Paraíba, a informante 2 afirma acreditar que a realidade seria diferente e ao começar a morar na cidade de João Pessoa, suas expectativas foram superadas, especialmente devido às paisagens locais. Similarmente, a informante 1 acreditava que a Paraíba fosse menos desenvolvida, antes de se mudar. A superação de expectativas deve ser um fator favorecedor à acomodação dessas informantes, ainda que sua influência não pareça significativa.

Mesmo acomodando menos ao dialeto pessoense, a informante 1 não expressa desejo em voltar a morar no Rio de Janeiro, enquanto a informante 2 expressa o inverso. Estando em João Pessoa há 15 anos, a informante 1 deve estar mais habituada à cidade e suas particularidades.

E – Tem interesse em voltar para sua cidade natal?

I1 – “Não. Só pra visitar mesmo. Eu gostei muito daqui. Porque, eu achei mais tranquilo e tipo assim, com relação à proximidade das coisas. Lá no Rio, pra você resolver algumas coisas você leva um dia todo. É muito trânsito, é muita coisa. E aqui já é muito tranquilo, assim... num dia você faz tudo que você tem que fazer, e é tudo pertinho, é tudo tranquilo. ”

I2 – “Tenho, tenho. Em relação às pessoas, sabe? Não só às pessoas, mas a questão econômica também. Economicamente falando porque eu sei que lá as oportunidades são maiores, né?! Eu posso vir a ter mais chance de ter sucesso, mas enfim. ”

A informante 2 mostra sem hesitação, possuir vontade de retornar à sua cidade natal, por motivos pessoais e até financeiros, acreditando ter maior chance de sucesso lá. Ela provavelmente não está cem por cento satisfeita em sua situação atual. Esse fator é potencialmente inibidor da acomodação.

Outro fator que provavelmente contribui negativamente para o processo de acomodação dessas informantes é relatado nas respostas dadas à pergunta a seguir:

E – Você em algum momento já se sentiu deslocado aqui? Ainda se sente/ Por quanto tempo?

I1 – “Um pouco ainda, até hoje. Eu sinto falta, porque eu tenho muitas amizades lá. [...]. Aí mesmo que eu tenha os laços aqui, eu acho diferente, porque lá é uma coisa mais assim, tipo da vida toda, desde pequena e tudo, aí me sinto meio deslocada por causa disso. Eu sinto um pouquinho de falta. ”

I2 – “Sim. No início, eu não sentia muita receptividade nas pessoas, e também em relação a, sei lá, você chegar e cumprimentar alguém que você não conhece, só para dar bom dia ou [...] a nível de educação mesmo, eu via que eu não tinha retorno, aí ficava até chateada com isso, mas depois... eu vi assim, que as pessoas ficavam mais fechadas. ”

E – Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?

I1 – “Pra ser sincera? Nem um pouco receptivas. Porque, assim, eu vejo muito o pessoal daqui, que eles só conversam com você se você for atrás. [...]. E no Rio eu percebo, o pessoal bem mais simpático, e tudo, onde você vai. Tipo, você vai na padaria e vem gente conversar com você e conta a vida toda e tudo e aqui é mais fechado. ”

I2 – “São menos receptivas. Não que as pessoas são más. [...]. O que eu penso é que elas não se sentem muito à vontade com quem vem de fora, assim... sei lá... sabe-se lá por qual motivo é. Mas assim, tem um pouco o pé atrás, com algum receio, e com o tempo vão te conhecendo e aí sim. Mas no início, assim, é aquela coisa assim... tem uma barreira. ”

Fica claro que elas não consideram as pessoas paraibanas como receptivas ou acolhedoras ou ao menos não tanto quanto as pessoas do Rio de Janeiro. É provável que esse sentimento de se sentirem deslocadas e a falta de receptividade tenham participado como fatores inibidores da acomodação, para essas informantes. Em contraste, quando partimos para o aspecto cultural, abordado em nossa próxima pergunta, elas demonstram se identificar com a cultura paraibana, possivelmente sendo esse um fator favorecedor da acomodação linguística dessas informantes.

E – Você gosta/se identifica com a cultura paraibana?

I1 – “Gosto. Gosto do São João. Ah, eu gostei bastante, achei bem diferente. Eu me identifiquei, assim, achei legal. ”

I2 – “Eu gosto. Eu me identifico mais com a cultura daqui, do que com a cultura do Pará, quando eu morei lá. [...]. A do Rio... eu acho que não tem uma cultura assim, muito definida lá. Não tem, não é uma coisa muito original, única como é a daqui. É uma cultura, uma coisa muito cosmopolita. Cada um vai trazendo um pouquinho de cada canto e vira assim uma coisa mais global. ”

Dentre diversas semelhanças entre as duas informantes, o fator influenciador que parece prevalecer como mais relevante ao as compararmos é a percepção que elas têm acerca dos dialetos carioca e paraibano. A informante 2 é a única dentre todos os informantes a responder que não veria problema em falar igual aos paraibanos, mesmo percebendo que esse é visto como sendo de menor prestígio. Já a informante 1 vê seu dialeto de origem como algo que deve ser preservado por fazer parte de sua identidade. Isso parece explicar o porquê de a informante 2, com 4 anos de tempo de exposição, ter um índice de acomodação maior que o da informante 1, com 15 anos (diferença de 11 anos) de tempo de exposição.

De toda maneira, o índice de acomodação dessas informantes, em especial o da informante 1, continua sendo um índice relativamente baixo. As informantes 3 e 5 também têm um índice de acomodação semelhante, apesar de se diferenciarem em termos de outras variáveis.

Tabela 13 – Informantes 3 e 5

Informante	Sexo	Idade	Tempo de exposição	Percentual de acomodação
-------------------	-------------	--------------	---------------------------	---------------------------------

3	F	23	2 anos	9.0%
5	F	38	1 ano	7.2%

Fonte: Autor (2020)

Diferente das informantes 1 e 2, a informante 5 pertence ao grupo de maior faixa etária. Esse grupo acomodou mais que o de menor faixa etária, mas é também o que possui maiores tempos de exposição. Ela, por sua vez, tem o menor tempo de exposição dentre os informantes, estando em João Pessoa há apenas 1 ano. Como já foi observado, esse é um fator desfavorecedor para o processo de acomodação linguística. Ainda assim, seu índice de acomodação se aproxima ao da informante 2. Ela relata achar bonito o dialeto paraibano, mas, quando questionada quanto a seu modo de falar, respondeu da seguinte maneira:

E – Alguém já percebeu, em sua cidade de origem, alguma mudança na sua forma de falar, desde que você se mudou para João Pessoa?

I5 – “Não [...]. Por que eu venho me policiando, por que eu tenho facilidade... que como eu fico ali ó me cobrando pra não pegar. E eu tenho me cobrado, eu venho me policiando, eu venho me vigiando, eu venho, que senão eu já tava, já tava arrastando, já tava no pique daqui. ”

Percebe-se a partir de sua resposta que há resistência para acomodar, havendo policiamento e vigilância frequente, e de acordo com seus relatos ela mencionou também que é incentivada pelo marido a manter seu sotaque de origem. Na pergunta seguinte, temos:

E – Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira que falam?

I5 – “[...] seria somente a língua, né. O Português. ”

A informante 5 não demonstra que o sotaque seja o principal alvo de julgamento na fala, mas sim a utilização da língua portuguesa de acordo com a norma culta. Talvez isso facilite a acomodação ao novo dialeto, uma vez que ela parece não atribuir juízo de valor ao sotaque.

Em suas respostas, ela diz que acreditava que a Paraíba não seria um bom lugar para morar, mas acabou se surpreendendo positivamente. Apesar de não conhecer as cidades do interior do estado, ela relata gostar muito de João Pessoa, especialmente das praias, e não demonstra interesse algum em voltar para sua cidade natal.

E – Você acredita que com o passar dos anos estará falando como paraibanos?

I5 – “Acho. Acredito que sim. ”

Por um lado, ela afirma acreditar que passará a falar como paraibanos, e por outro, sabemos que previamente ela disse que se policia na tentativa de não perder seu sotaque original. Ela também relata se sentir deslocada, às vezes, e relata não possuir muitas amizades em João Pessoa, assim como não possui parentes ou amigos próximos no local. A maioria de suas amizades é de cariocas que também residem na cidade. Todos esses são fatores que desfavorecem a acomodação da fala dessa informante.

E – Você gosta/se identifica com a cultura paraibana?

I5 – “Adoro, adoro! Essa parte do Nordeste que é completamente diferente do Sudeste, eu amo! Amo forró [...]”

Por fim temos a identificação com a cultura local, que acaba sendo um aspecto favorável à ocorrência da acomodação linguística.

A informante 3, que é de uma faixa etária mais jovem, com 23 anos, está em João Pessoa há mais de 2 anos. Ela considera importante manter seu sotaque, uma vez que ele constitui sua identidade. Ela também mantém contato frequente com pessoas de sua cidade natal, como se pode observar nesse trecho:

E – Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I3 – “Não, todo mundo me liga. Meus amigos me ligam, fico várias horas com eles no telefone. Eu tenho contato muito forte ainda com o pessoal de lá. ”

Esse frequente contato a ajuda a manter o dialeto carioca e contribui para desacelerar a acomodação. Também, como já dito, ela valoriza a manutenção de seu sotaque, como se pode ver a seguir:

E – Você já mudou sua forma de falar para adaptar-se ao seu entorno?

I3 – “Não. Só os palavrões, mas o resto... eu tento não largar minha origem. Eu acho que isso é muito importante. ”

E – Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira que falam?

I3 – “São. Muito! Muito! Não é pouco não. [...]. Principalmente eu acho que é o vocabulário. ”

De acordo com suas respostas, ela não demonstra preocupação em adaptar seu sotaque, focando sua preocupação então em controlar a utilização de palavras que fazem parte de sua fala. A informante 3 não considera que o sotaque seja o foco principal de julgamento, apesar de não descartar essa opção, sendo o foco o vocabulário. A seguir, temos algumas perguntas relacionadas à Paraíba e seu desejo de retornar ao Rio de Janeiro:

E – Diga, em poucas palavras, o que você pensava sobre a Paraíba antes de vir para cá.

I3 – “Cara, eu acho que é a mesma visão que todo mundo tem né?! Que aqui só tem mato, seca e boi morto (risos).”

E – E agora que está aqui, o que acha?

I3 – “Assim, eu acho muito legal, assim, bonita, a cidade é muito bonita. Realmente algumas pessoas daqui são bem diferente do que eu pensava.”

E – Tem interesse em voltar para sua cidade natal?

I3 – “Tenho. Tenho. Tenho. Nossa, eu amo muito meu Rio de Janeiro.”

A informante 3 demonstra claramente seu sentimento pela sua cidade natal, e seu interesse em voltar para lá, ao falar do Rio de Janeiro como “meu Rio de Janeiro”.

E – Você gostaria de falar igual aos paraibanos? Por quê?

I3 – “Não. (risos) Justamente por isso, porque eu acho que o carioca tem uma identidade, entendeu? Então eu não queria perder essa identidade. eu acho muito interessante isso.”

Mais uma vez fica evidente o valor dado à identidade carioca que a informante 3 carrega. Além disso, em suas respostas a seguir ela comenta se sentir deslocada e não considera os paraibanos como pessoas acolhedoras ou receptivas.

E – Você em algum momento já se sentiu deslocado aqui? Ainda se sente/Por quanto tempo?

I3 – “Continuo me sentindo deslocada. Tô há dois anos aqui e não consegui me encontrar ainda.”

E – Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?

I3 – “Não. (risos) Não mesmo. Elas são acolhedoras sim pra visitantes. Pras pessoas que vêm de outros estados pra morar aqui, não.”

E – Você gosta/se identifica com a cultura paraibana?

I3 – “Não.”

Temos um conjunto de fatores desfavoráveis para a acomodação linguística dessa informante. Ela se identifica muito com o dialeto carioca e não pretende perder o sotaque, dessa maneira evitando a acomodação ao dialeto pessoense.

Por fim, observemos as informantes 6, 7 e 8. Elas são todas do sexo feminino e se encontram no mesmo grupo de faixa etária. Todas elas têm um alto tempo de exposição e também foram algumas das informantes que mais acomodaram ao dialeto pessoense. Tentemos identificar a influência dos fatores atitudinais e identitários dessas informantes para os seus processos de acomodação. A tabela 14 mostra alguns dos dados dessas informantes:

Tabela 14 – Informantes 6, 7 e 8

Informante	Sexo	Idade	Tempo de exposição	Percentual de acomodação
6	F	49	31 anos	100.0%
7	F	54	26 anos	80.6%
8	F	55	21 anos	39.7%

Fonte: Autor (2020)

Assim como o tempo de exposição é progressivamente menor, em sequência, da informante 6 a 8, também são progressivamente menores os seus percentuais de acomodação. Baseando-se nesses dados e na análise quantitativa que foi feita, certamente o tempo de exposição é um dos fatores responsáveis pela diferença em índice de acomodação entre essas informantes, mas tentemos averiguar em que medida, os fatores de identidade e atitude exercem também sua influência, no caso dessas informantes.

E – Você considera que tem algum sotaque? Se sim, qual?

I6 – “[...] Gente, eu acho que tô uma carioca super nordestina já. Assim, arrasto mais do que falo carioca. ”

I7 – “Hoje em dia não. Hoje em dia eu me vejo muito descaracterizada. Né? Completamente descaracterizada. ”

I8 – “Eu acho que eu ainda tenho, né? Um pouco. Porque quando eu encontro alguém, quando eu conheço alguém, eles perguntam logo: ‘Você não é daqui. Você é paulista?’. Geralmente perguntam se eu sou paulista, acho que por causa do puxar do ‘s’. ”

A percepção delas acerca de seus sotaques também parece seguir uma progressão que reflete a do índice de acomodação. A informante 6 se diz ser uma “carioca super nordestina”; a informante 7 se diz descaracterizada; e a informante 8 considera que ainda mantém um pouco de seu sotaque. Busquemos identificar algumas das opiniões que elas têm acerca de seus próprios sotaques:

E – O que você acha do seu sotaque?

I6 – “Adoro. Quando eu vim morar aqui eu perdi o doi[ʃ], trê[ʃ], porque pegavam muito no meu pé. Eu dei uma travada. [...]. Eu tinha dezoito anos. [...]. Agora se eu for quinze dias pro Rio eu volto insuportável. ”

I7 – “Eu gosto. O que eu não gosto muito é ouvir minha voz gravada. [...]. Não é tão arrastado quanto o carioca, eu acho, quando eu escuto minhas sobrinhas falando, minha irmã falando, mas quando eu falo e acabo escutando meu áudio, eu falo: que coisa mais arrastada aqui que eu tenho. ”

I8 – “Eu gosto! ”

A informante 6, que tem o maior índice de acomodação, afirma gostar muito de seu sotaque, que, de acordo com ela, é mais nordestino do que carioca. A informante 7 mostra que ao escutar sua voz gravada, ela considera estranho o seu sotaque atual, o que indica que ela não está totalmente satisfeita com seu atual sotaque. A informante 8 responde apenas com “eu gosto”, e ela ainda retém mais o sotaque carioca, mas não parece se importar muito com as mudanças em sua fala até agora.

Na pergunta a seguir, procurou-se identificar de que forma elas percebem ser tratadas em relação a suas maneiras de falar. Identificando quais tipos de comentários elas recebem de outras pessoas, pode ajudar a compreender se houve pressão para mudar ou até incentivo para manter a forma de falar.

E – Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou a respeito da sua forma de falar?

I8 – “Já elogiaram, né? Nunca vi ninguém rindo não [...] a química [do trabalho] pediu pra eu gravar na secretária eletrônica dela: “bom dia, deixe seu recado”, porque achava muito bonito. ”

As informantes 6 e 7 não relataram nada significativo, mas a informante 8 comentou que já recebeu elogios, pois consideravam sua forma de falar como sendo bonita. Isso certamente age como inibidor da acomodação, uma vez que seu sotaque carioca, que faz parte de sua fala, é bem recebido. Há pouco incentivo para que ela

conscientemente opte por adotar o sotaque pessoense. É importante lembrar que, dentre as três, a informante 8 foi a que menos acomodou.

Ainda assim, ela sofreu algumas pressões no trabalho, para adaptar sua fala, como ela explica: “[...] eu falava muita gíria. E quando eu vim trabalhar aqui eu fui ser secretária do superintendente, então eu tive que cortar as gírias, falar mais devagar, porque eu falava também muito depressa”. Essa adaptação, de acordo com sua fala, foi em relação às gírias e à velocidade de fala, mas foi uma pressão para mudar, e afinal, ela foi uma das informantes que mais acomodou, se compararmos com todos os demais participantes desta pesquisa.

Vejamos a diferença de contato que elas mantêm com pessoas do Rio de Janeiro, na próxima pergunta:

E – Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I6 – “Da cidade natal não tenho. Minha avó já faleceu, meu tio também, que morava lá [...] eu não faço mais questão de ir pro Rio.”

I7 – “Olha, hoje em dia com Whatsapp direto né, porque a família tá toda lá, meu filho nasceu em Florianópolis mas mora já há cinco anos no Rio. Todos da minha família, por parte de pai e parte de mãe, são de lá, então eu mantenho esse contato via Whatsapp. Tenho viajado, que eu te falei, mais frequentemente. Eu já estive mais ausente do Rio. Ausente que eu falo de passar três, quatro anos sem ir. Agora eu tenho ido três, quatro vezes por ano. Tenho ido muitas vezes. Essa semana mesmo eu vou.”

I8 – “Ah. Direto. Minha irmã e minha sobrinha estiveram aqui no início. Eu vou todo ano. Geralmente eu vou em Janeiro e no meio do ano, né? [...]. Aí elas vieram agora em Agosto, pro meu aniversário. Aí ela foi embora no dia 11, quando foi no dia 16 recebi um casal de lá também que nunca tinha vindo pra cá e ficaram assim, maravilhados, os dois. [...]. Agora a gente não tem muito contato por telefone, por causa do Whatsapp. A gente se fala mais pelo Whatsapp, mas eu tenho grupos que eu fazia parte da igreja, então a gente se reencontrou.”

A informante 6 não tem mais contato com pessoas do Rio de Janeiro, enquanto as outras duas mantêm contato. A informante 7, no entanto, passou por períodos grandes de tempo sem visitar a cidade, mas atualmente suas visitas são bem mais frequentes. E a informante 8 parece visitar regularmente a cidade, além de receber visitas de família e amigos. Ao manter contato com pessoas do Rio de Janeiro, além de preservar o contato com o dialeto carioca, essas informantes podem receber comentários que as incentivem a tentar manter esse dialeto. Nesse sentido, quanto menos contato com o dialeto de origem, mais facilmente elas devem acomodar, e isso foi precisamente o que aconteceu no caso dessas informantes, uma vez que as que mantiveram menos contato acomodaram mais.

Todas as três expressaram opiniões positivas acerca da Paraíba e não mostraram intenções de voltar ao Rio de Janeiro para morar, como fica evidente em suas respostas a seguir:

E – Tem interesse em voltar para sua cidade natal?

I6 – “Nunca, jamais! ”

I7 – “Não, pelo contrário. É, pro Rio eu posso viajar, mas morar no Rio... Embora eu esteja às portas, né, da aposentadoria. Mas Rio não dá (risos). Rio não dá! ”

I8 – “Pra morar? Não! Só visito porque tenho família lá. Hoje a situação que a gente tá vivendo lá, pra morar não. Tem lugares belíssimos. Não vou dizer que não tem. Tem lugares belíssimos, mas hoje, com a violência, a gente tá assustado demais. Não gostaria. ”

Quanto às mudanças em suas falas, elas tiveram isso a dizer:

E – Você acredita que com o passar dos anos estará falando como paraibanos? Você acredita que sua fala mudou? Alguém já percebeu alguma diferença no seu falar?

I6 – “Com certeza. Com certeza. ” / “Sim, mudou muito. Foi muito influenciada. ” / “Não, não perceberam a mudança. Acho que foi uma coisa muito natural. ”

I7 – “Teoricamente vou respondendo não sei. É... eu acho que não. Eu acho que tem um atrito aí, da forma como... assim, falar como eu não sei. Mas imagino que nessa exposição toda eu vá pegando termos, né? ” / “Com certeza. ” / “Já. ”

I8 – “Já. Eu acho que com o passar do tempo a nossa tendência é essa mesmo. ”

As três já perceberam mudança em suas falas, assim como outras pessoas perceberam essas mudanças. Todas elas consideram as pessoas paraibanas como receptivas e a informante 6 ainda adiciona: “*E quem vem de fora se encanta*”. E dentre elas, as informantes 6 e 8 não se sentem deslocadas em João Pessoa. Apesar de considerar as pessoas paraibanas como receptivas, a informante 7 as considera também um pouco intrusivas e essa mesma informante ainda se sente deslocada, devido aos motivos listados em sua resposta a seguir:

E – Você em algum momento já se sentiu deslocado aqui? Ainda se sente/ Por quanto tempo?

I6 – “Não. Já me senti no início. No início me senti durante uns três anos, quatro anos, e realmente a cidade era mais acanhadinha. O mundo era mais fechado. Era uma coisa muito de interior. Todo mundo se conhecia, vinha da infância, juntos, aí a gente que vinha de fora, a gente era olhado meio que com desconfiança. ”

I7 – “Ah, eu acho que isso tem. Ainda acho que é uma cidade mais provinciana, assim como Florianópolis. Minha impressão, né? Então você tem os grupos. Eu acho que... e aí você tem uma coisa de senso de pertencimento, que pra mim, onde eu sei daonde eu venho, é quando eu tô no Rio. Então aquele lugar eu sei que, por mais que eu não queira morar lá, mas é onde eu me sinto em casa. Aqui eu me sinto na terra dos outros. Fui acolhida, né? Mas acho que você culturalmente, você tem os grupos. Eu vejo até pelo departamento, as pessoas que cresceram juntas, estudaram juntas. Então esses laços, eu praticamente perdi. ”

I8 – “Não. Graças a Deus o povo Paraibano sempre me acolheu muito bem. Daí minha dificuldade de morar em Goiás. Porque lá eles são absolutamente fechados. Eles não dão abertura. Aqui não, aqui conhece e ‘vamo lá em casa, tomar um cafezinho’, então você cria logo aquele laço de amizade. ”

A informante 7 é também, dentre as três, a que parece menos se identificar com a cultura local, apesar de ainda listar diferentes aspectos que ela goste. Talvez os motivos sejam os mesmos da resposta anterior, e a sensação de pertencimento.

E – Você gosta/se identifica com a cultura paraibana?

I6 – “Sim, gosto. Gosto demais da identidade cultural da Paraíba. Adoro, admiro. Acho muito linda inclusive. Da música ao artesanato. ”

I7 – “Não tanto. Não sou de forró, não sou de beber, não sou de praia. Gosto de um lazer legal. [...]. Gosto da comida regional [...] mas gosto de comer em locais mais simples, a tapioca mais simples. Gosto de quando eu viajo pra o interior, de pegar aquele lugar bem simples, de comer aquela comida caseira, bem regional. Então assim, isso eu gosto. Gosto de conversar com as pessoas que respiram essa cultura quando vou ao interior. [...]. Se eu pensar em formas de ver o mundo, eu acho que não. [...]. Ah, uma coisa que eu gosto muito é festa junina [...], eu vim entender o que eu entendia como quadrilha, como festa junina no Rio, quando eu cheguei aqui, então eu fiquei encantada com as quadrilhas, então é uma coisa da cultura local que eu gosto muito. ”

I8 – “Ah, me identifico. Me identifico. Eu gosto do artesanato aqui, acho show de bola. Eu gosto das comidas. Só não gosto de buchada de bode, (risos) já experimentei. Mas, das comidas eu gosto muito. A cultura em si, aqui, é muito legal. ”

A sensação de receptividade, a falta de interesse em voltar para o Rio de Janeiro, as diferentes frequências de contato com o dialeto carioca, e principalmente o alto tempo de exposição dessas informantes, são fatores que parecem contribuir de maneira significativa para os altos índices de acomodação dessas informantes. O tempo de exposição e alguns outros fatores se mostram diretamente proporcionais aos índices de acomodação delas.

Com a comparação entre os informantes 9 e 11, percebe-se a influência dos fatores atitudinais e identitários, assim como o policiamento da fala que ocorreu no caso do

informante 9. Com a comparação entre os informantes 15 e 16, pode-se observar que a resistência à mudança por parte dos informantes se mostrou relevantes para o processo de acomodação, como já esperado. Além disso, fatores como a frequência de contato com pessoas da cidade natal também se mostraram relevantes nas comparações entre os informantes 15 e 16 e as informantes 1 e 2, uma vez que tal contato se mostrou ser inibidor da acomodação. Todos esses fatores foram mencionados ao final da sessão anterior como sendo relevantes para o processo de acomodação e, além deles, podemos melhor perceber a influência de fatores tais como a variável independente tempo de exposição.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo de analisar o processo de acomodação linguística de falantes cariocas residindo em João Pessoa, em situação de contato dialetal. A escolha do fenômeno /s/ em coda final possibilitou a coleta e análise de dados. E esses dados necessitaram de análises quantitativa, com auxílio do programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), e qualitativa, para darem respostas claras e fundamentadas. Diferentes trabalhos como os de Marques (2006), Martins (2008), Chacon (2012) e Lima (2013) serviram de base para a presente pesquisa. Essa foi possível graças aos pressupostos teóricos da Teoria da Acomodação da Comunicação (GILES et al., 1991) e os aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1966, 2008 [1972]).

Ao estudar o falar carioca em contato dialetal com o falar pessoense (situação inversa à pesquisa de Marques (2006)), espera-se que esta pesquisa venha a contribuir com novas informações acerca do fenômeno de acomodação linguística. E com base nos resultados que foram obtidos, acredita-se que esse objetivo foi cumprido.

Optou-se por interpretar os dados quantitativa e qualitativamente por acreditar-se que ambas as análises são indispensáveis para uma compreensão mais completa dos dados, especialmente ao observar os fatores de identidade e atitude dos informantes. A análise quantitativa possibilitou identificar estatisticamente os fatores que contribuem para a acomodação, enquanto a análise qualitativa possibilitou a interpretação dos dados subjetivos que contribuem para a acomodação ao novo dialeto ou a preservação do dialeto de origem.

Em nossa análise quantitativa foi possível observar a relevância do fator social sexo e da variável contexto fonológico posterior. As informantes do sexo feminino se mostraram menos reticentes à acomodação dialetal, e os contextos de pausa foram favoráveis à acomodação. Nesses contextos de pausa, o informante é capaz de se policiar em relação às variantes utilizadas e se há uma atitude positiva e favorável para a acomodação dialetal (como sugere nossa análise qualitativa), há espaço para a convergência.

Ainda mais importante foi o fator tempo de exposição, em que os resultados foram de encontro com o que afirmam Laver et al. (1979) e Trudgill (1998). Eles ressaltam que o tempo de exposição é um fator que contribui de modo significativo para o processo de

acomodação linguística. Os resultados obtidos para essa variável foram os esperados e correspondem com essa ideia, ou seja, quanto maior o tempo de exposição, maior foi o índice de acomodação do informante.

Mas apenas em conjunto com a análise qualitativa, pôde-se ter uma real compreensão dos fatores que motivaram ou inibiram a acomodação. Com base nos resultados obtidos, pode-se concluir que há indícios consistentes da influência das atitudes linguísticas no processo de acomodação linguística. Nesta pesquisa, o papel das atitudes, movidas pelas crenças dos informantes, foi mais forte do que muitas das variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas. O sentimento de identificação com um determinado falar se mostrou relevante para o processo de acomodação linguística. Nesse sentido, estamos de acordo com Giles et al. (1982), que afirmavam que a atitude linguística é de suma importância para identificar a extensão da acomodação, a percepção e o grau de aceitação da mesma.

Com tantos fatores influenciadores, favorecendo ou inibindo a acomodação, o processo de convergência da não-palatalização do /s/ em coda final foi diferente para cada informante. Alguns deles acomodaram bastante, enquanto outros mostraram mais resistência. Mas a média geral de acomodação de 24.8% foi considerada alta, pois superou as expectativas, uma vez que o dialeto carioca carrega maior prestígio social que o dialeto pessoense.

A análise qualitativa dos trechos coletados durante as entrevistas com os participantes apresenta interpretações bastante frutíferas dos fatores sociais, atitudinais, econômicos, etc., que aparentam exercer influência no processo de acomodação ao falar de menor prestígio social (o dialeto pessoense). Alguns trechos, inclusive, revelam crenças e visões de mundo deveras estigmatizadas em relação à Paraíba e seu povo, como ocorre quando a informante 3 revela que “*realmente algumas pessoas daqui são bem diferente do que eu pensava*”. O adjetivo “diferente”, atribuído apenas a algumas pessoas, sugere uma imagem do paraibano como um retirante da seca. Visão compartilhada pela maioria dos informantes antes de terem contato com a Paraíba. A manutenção do sotaque carioca se justifica em argumentos relacionados às raízes, às origens, num discurso identitário, sobretudo. Todas essas informações, que envolvem os estereótipos, a identidade de cada indivíduo, suas atitudes e muito mais, podem nos ajudar a compreender os fatores regem a acomodação linguística.

Por fim, é importante lembrar que esta pesquisa contou com certas limitações que foram mencionadas ao longo do trabalho. Para estudos que sejam ainda realizados e controlem a variável motivação, sugerimos que essa seja coletada de maneira mais explícita e direta, com uma distinção mais clara na ficha de cada informante. Isso não apenas facilitaria a análise dos dados para essa variável, mas também os tornariam mais confiáveis. Talvez fosse ideal dar atenção também à entrada dos informantes no mercado de trabalho, já que isso pode ajudar a compreender outras variáveis como idade, por exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYZEN, I. *Attitudes, Personality and Behavior*. Milton Keynes: Open University Press, 1988.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: Neves, M. H. de M. (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas Livraria, 1999, p. 701-742.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro; Zahar, 2009.

CÂMARA JR., J.M. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2004.

CHACON, K. A. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa (PB), 2012. 115p.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1965.

GILES, H. Accent mobility: a model and some data. In: *Anthropological Linguistics*, 15, p. 87-105. 1973.

_____. Accommodation theory: some new directions. In: S. de Silva (Ed.). *Aspects of Linguistic Behavior*. York, England: York University Press, 1980. p. 105-136.

GILES, H.; RYAN, E. B.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: GILES, H.; RYAN, E. B. (Ed.). *Attitudes towards language variation: social and applied context*. London: Edward Arnold, 1982. cap. 1. p. 1-19.

GILES, H.; COUPLAND, N.; COUPLAND, J. (Ed.). *Contexts of Accommodation: Developments in applied sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 1991.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: P. COLE; J. MORGAN. (Eds.) *Studies in Syntax and Semantics III: Speech Acts*, New York: Academic Press, 1975, pp. 183-98.

HENRIQUE, F. de L. *A percepção da fricativa coronal em coda medial por pessoenses*. 2016. 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

HORA, D. da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2003.

HORA, D. da; PEDROSA, J. L. R.; CARDOSO, W. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v.45, n.1, p. 71-79, Jan/Mar, 2010.

HORA, D. da; PEDROSA, J. L. R. (Org.). *Introdução à Fonologia do Português Brasileiro*. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. v. 1. 246p.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011, p. 121-137.

KENDON, A. Language's matrix. *Gesture*, v. 9, n. 3, 2009. p. 355–372.

KERSWILL, P. *A Sociolinguistic Study of Rural Immigrants in Bergen, Norway*. Cambridge University, unpublished Ph.D. thesis. 1985.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
[*Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LASAGABASTER, D. Attitude. In: AMMON, U. et al. (Ed.) *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. 2. ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2004. p. 399.

LAVER, J.; TRUDGILL, P. Phonetic and linguistic markers in speech. In: K. SCHERER; H. GILES (Eds.), *Social markers in speech*. Cambridge, UK, 1979, pp. 1-32.

LIMA, I. de S. *Acomodação dialetal: Análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2013.

LUCENA, R. M. Consoantes. In: HORA, D. da; PEDROSA, J. L. R. (Org.). *Introdução à Fonologia do Português Brasileiro*. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. v. 1. 246p.

MARQUES, S. M. O. *As vogais medias pretônicas em situação de contato dialetal*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. 159p. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp001806.pdf>.

MARTINS, M. de S.. *A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. 145p.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender LABOV*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, L. A. P. de; OLIVEIRA, A. T. de (Ed.). *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2011.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 33-42.

PEDROSA, J. L. R. Sílabas. In: HORA, D. da; PEDROSA, J. L. R. (Org.). *Introdução à Fonologia do Português Brasileiro*. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. v. 1. 246p.

POSSATTI, L. Análise do processo de acomodação linguística de falantes cariocas em João Pessoa. 2015. 51 f. Monografia (graduação em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

RIBEIRO, S. R. *Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2006.

TAGLIAMONTE, S. The sociolinguistic interview. In: TAGLIAMONTE, S. *Analysing Sociolinguistic Variation: Key Topics in Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 37-49.

TIMBERLAKE, A. Reanalysis and actualisation in syntactic change. In: LI, C. (Cd.) *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas, 1977.

TRUDGILL, P. *Dialects in Contact*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

_____. Language contact and inherent variability: the absence of hypercorrection in East Anglian present-tense verb forms. In: TRUDGILL, P; CHESHIRE, J. *The sociolinguistics reader: multilingualism and variation*. London: Published Arnold, 1998, pp.103-111.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SELKIRK, E. The syllable. In: HYLST, H.; SMITH, V. D. *The structure of phonological representations (Part. II)*. pp. 337-384. Dordrecht: Foris, 1982.

WEINREICH, W.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, P.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188, 1968. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Eu, _____, R.G. nº _____, autorizo a minha participação voluntária na pesquisa intitulada “Acomodação dialetal de cariocas residentes em João Pessoa: uma análise sociolinguística”, desenvolvida pelo pesquisador Lucas Possatti de Oliveira como pesquisa de mestrado pelo PROLING, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação do Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena.

Recebi a informação de que seu procedimento (entrevista) não terá custos e desconfortos para mim. Fui informado que não haverá riscos envolvidos.

Autorizo os responsáveis pela pesquisa a conservar sob sua guarda os resultados da pesquisa, assim como a utilizar estas informações sobre o participante em reuniões, congressos e publicações científicas, desde que minha identificação seja mantida sob sigilo.

Estou ciente que terei direito a respostas a quaisquer dúvidas que possam surgir durante a minha participação na pesquisa. Em hipótese alguma, serei identificado e poderei retirar este consentimento em qualquer momento da investigação, sem qualquer penalização.

Este termo de consentimento me foi apresentado e entendi o seu conteúdo.

João Pessoa, Paraíba, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Pesquisador

Testemunha

Testemunha

CONTATO: Lucas Possatti de Oliveira
Endereço: Rua Major Ciraulo, 433, apto. 2201.
CEP: 58038290
Telefone: 999410133
Email: lpossatti@yahoo.com

ANEXOS

ANEXO 1



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: Acomodação dialetal de cariocas residentes em João Pessoa: uma análise sociolinguística			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 20			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: LUCAS POSSATTI DE OLIVEIRA			
6. CPF: 096.865.754-05		7. Endereço (Rua, n.º): RUA MAJOR CIRAULO, 433 MANAIRA Apto. 2201 JOAO PESSOA PARAIBA 58038290	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 83999410133	10. Outro Telefone:
		11. Email: lpossatti@yahoo.com	
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do paramProjeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao paramProjeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo. Data: <u>10</u> / <u>04</u> / <u>2019</u> <u>Lucas Possatti de Oliveira</u> Assinatura			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal da Paraíba		13. CNPJ:	
14. Unidade/Órgão: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes			
15. Telefone: (83) 3216-7745		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução. Responsável: <u>Rodrigo Freire de C. Silva</u> CPF: <u>021449854-10</u> Cargo/Função: <u>vice-diretor / CCHLA</u> Data: <u>11</u> / <u>04</u> / <u>2019</u> <u>Rodrigo Freire de C. Silva</u> Assinatura			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica. Rodrigo Freire de Carvalho e Silva Vice-Diretor do CCHLA Matrícula SIAPE 15158618			